

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TURISMO**

**ELZA MARIA GUERREIRO MARCON**

**O TURISMO COMO AGENTE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E A  
COMUNIDADE GUARANI NAS “RUÍNAS JESUÍTICAS DE  
SÃO MIGUEL DAS MISSÕES”**

**Caxias do Sul  
2006**

**ELZA MARIA GUERREIRO MARCON**

**O TURISMO COMO AGENTE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E A  
COMUNIDADE GUARANI NAS “RUÍNAS JESUÍTICAS DE  
SÃO MIGUEL DAS MISSÕES”**

Dissertação submetida à banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientadora: Prof. Dra. Margarita Barretto

Caxias do Sul

2006

### **Dedicatória**

Aos meus filhos Bárbara e Rodrigo,  
pela saudade nos momentos que estive ausente.

Ao Gil, pelo apoio e incentivo.

Aos meus pais, pelas palavras de confiança.

A colega e amiga Fabiana Sales  
pelos debates e reflexões que juntas fizemos sobre turismo.

Ao Sr. Luis Cláudio Silva,  
pelo empenho pessoal dedicado aos Guarani em São Miguel.

## **Agradecimentos**

Aos meus colegas, por todos os momentos que compartilhamos.  
A Professora Susana Gastal, grande incentivadora dos mestrandos.  
Aos Professores Jefferson Marçal e Rafael Santos pelas dicas de leitura.  
E, principalmente, a professora Margarita Barretto,  
minha orientadora.



***“ hoje estamos aqui ocupando o lugar que no passado foi deles...”***

**Valdir Pedro Frizzo**

## RESUMO

### O TURISMO COMO AGENTE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E A COMUNIDADE GUARANI NAS “RUÍNAS JESUÍTICAS DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES”

Autora: Elza Maria Guerreiro Marcon

Orientadora: Prof. Dra. Margarita Barretto

O aumento da atividade turística e os benefícios que a mesma pode trazer para as pessoas envolvidas nas localidades que possuem atrativos turísticos têm suscitado uma nova reflexão sobre o processo de desenvolvimento local e regional que o turismo produz, pela sua capacidade de gerar renda e divisas para as regiões. Baseada no pressuposto de que o turismo cultural é um agente de desenvolvimento, esta pesquisa foi realizada no município de São Miguel das Missões, no estado do Rio Grande do Sul, município onde reside uma comunidade de índios Guarani Mbya e que possui como atrativo turístico às “Ruínas Jesuíticas de São Miguel das Missões”, visando conhecer a trajetória de 1988 a 2003 desta comunidade e os benefícios que a mesma possa ter tido em decorrência da atividade turística local. Após a pesquisa percebi que os Guarani consideram a posse das terras e a permanência na reserva do Inhacapetum como uma forma de desenvolvimento e concluí que o turismo agiu no local como um efeito indireto para a posse das terras. Embora o discurso dos planos de turismo do estado enfatizem os resultados sociais, na prática isso não se confirmou, pois foram pessoas do município as principais responsáveis pelos benefícios alcançados pela comunidade Guarani.

**PALAVRAS –CHAVE:** índios Guarani; desenvolvimento local; turismo cultural, Ruínas Jesuíticas de São Miguel das Missões

**ABSTRACT****TOURISM AS NA OF SOCIAL DEVELOPMENT AND THE GUARANI COMMUNITY  
IN THE “ JESUITIC RUINS OF SÃO MIGUEL DAS MISSÕES”**

Author: Elza Maria Guerreiro

Advisor: Prof. Dra Margarita Barretto

The increasing of touristic activity and the benefits which it can bring to people who live in places with touristic attractions have stimulated a new reflection about the process of local and regional development that tourism produces according to its capacity of causing profit to these regions. Based on the belief that cultural tourism is an agent of development this research took place in the city of São Miguel das Missões, in the state of Rio Grande do Sul, city where a community of Guarani Mbya Indians live and which has as touristics attraction the “Jesuitic Ruins of São Miguel das Missões”, having in view the period from 1988 to 2003 and the benefits that were reached due to the local touristic activity. After the research it was clear to me that the Guarani consider the possession of the earth and the permanence in the Inhacapetum reserve as a way of effectivation of this possession. No matter the speech related to plans of tourism in the State, emphasizing the social results, I can asseru this wasn't confirmed because the people who live in this region were the main responsible for the benefits reached by the whole Guarani community.

**KEY - WORDS:** Guarani Indians; local development; culture and tourism; Jesuitic Ruins of São Miguel das Missões.

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| Lista de Quadro.....  | i   |
| Lista de Figuras.....   | ii  |
| Lista de Apêndices.....   | iii |
| Lista de Anexos.....  | iv  |
| INTRODUÇÃO.....   | 13  |
| 1. DESENVOLVIMENTO LOCAL E REGIONAL ATRAVÉS DO TURISMO.....                                       | 15  |
| 1.1 Desenvolvimento – histórico e teorias.....  | 16  |
| 1.2 Diferenciando desenvolvimento e crescimento.....  | 19  |
| 1.3 Desenvolvimento local e regional e a relação com o turismo.....                               | 22  |
| 1.4 O turismo como oportunidade de desenvolvimento.....   | 30  |
| 2. TURISMO CULTURAL.....  | 35  |
| 2.1 Definições.....   | 35  |
| 3. SÃO MIGUEL DAS MISSÕES .....   | 47  |
| 3.1 Contextualização histórica.....   | 47  |
| 3.1.1 A colonização europeia na América.....  | 48  |
| 3.1.2 As missões jesuíticas.....  | 49  |
| 3.1.3 A Província Jesuítica do Paraguai.....  | 52  |
| 3.1.4 Os Guarani que habitavam a região sul.....  | 56  |
| 3.1.4.1 Subsídios históricos e antropológicos do Guarani Mbya.....                                | 48  |
| 3.1.4.2 Características dos índios Guarani.....   | 63  |
| 3.1.4.3 A questão da territorialidade Guarani.....  | 65  |
| 3.1.4.4 A língua, a organização social, política e religiosa dos Guarani..                        | 66  |
| 3.1.4.5 As relações de contato.....   | 69  |
| 3.1.4.6 O atual sistema produtivo Guarani.....  | 71  |
| 3.1.5 Características atuais do município de São Miguel.....                                      | 73  |
| 4. LEVANTAMENTO DO DESENVOLVIMENTO QUE BENEFICIOU OS GUARANI EM SÃO MIGUEL DAS MISSÕES.....       | 76  |
| 4.1 Levantamento dos planos de desenvolvimento do turismo do Estado.....                          | 76  |
| 4.2 Processo de inserção social e econômica da comunidade guarani na sociedade de São Miguel..... | 83  |

|   |     |
|---|-----|
| 4.3 Sobre o Inhacapetum.....  | 90  |
| 4.4 O discurso da sociedade sobre a inserção guarani em São Miguel.....             | 95  |
| 4.5 Levantamento feito com a comunidade Guarani na reserva Inhacapetum: o hoje..... | 116 |
| 4.5 Os dados levantados e o discurso Guarani sobre o hoje e o ontem.....            | 127 |
| 4.6 O ontem e o hoje relacionados.....  | 135 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 140 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....   | 148 |

## LISTA DE QUADROS

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1 – Diferenças básicas entre desenvolvimento e crescimento..... | 19 |
|--|----|

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Província Jesuítica do Paraguai.....   | 53 |
| Figura 2 – Mapa da localização dos Sete Povos das Missões no atual território do Rio Grande do Sul Rio Grande do Sul..... | 55 |

## LISTA DE FOTOS

|  |     |
|--|-----|
| Foto 1 – Fachada das casas .....                                       | 117 |
| Foto 2 – Animais convivendo livremente .....                           | 117 |
| Foto 3 – Cozinha de chão batido interna e guarani .....                | 118 |
| Foto 4 – Cozinha de chão batido interna - objetos.....                 | 118 |
| Foto 5 – Quarto coletivo – moradia sem divisória interna.....          | 119 |
| Foto 6 – Quarto coletivo – moradia com divisória interna.....          | 119 |
| Foto 7 – Cozinha chão batido fora da casa e cartazes.....              | 120 |
| Foto 8 – Cozinha chão batido – objetos espalhados e índia guarani..... | 120 |
| Foto 9 - Objetos espalhados no quarto - moradia sem divisórias.....    | 121 |
| Foto 10 – Abastecimento de água – tanque e bacia.....                  | 122 |
| Foto 11 – Torneira abastecimento moradias.....                         | 122 |
| Foto 12 – Destino do Lixo Maquete.....                                 | 123 |

## LISTA DE APÊNDICES

|   |     |
|---|-----|
| Apêndice 1 – Descrição e anotações da visita à Reserva do Inhacapetum – 16/01/2005..... | 153 |
| Apêndice 2 – Entrevistas feitas na Reserva do Inhacapetum – 16/01/2005.....             | 156 |
| Apêndice 3 – Entrevistas feitas na Reserva do Inhacapetum – 23/10/2005.....             | 167 |
| Apêndice 4 – Entrevistas com representantes da sociedade de São Miguel.....             | 172 |

## LISTA DE ANEXOS

|   |     |
|---|-----|
| Anexo 1 – Jornal Correio do Povo – 09/09/1996.....          | 187 |
| Anexo 2 – Ofício 041 – IPHAN/SMM – 26/09/1996.....          | 188 |
| Anexo 3 – Gazeta Mercantil – 28/11/1997.....                | 191 |
| Anexo 4 – Zero Hora – 02/09/1998.....                       | 192 |
| Anexo 5 – Mapa localização Parque da Fonte Missioneira..... | 193 |
| Anexo 6 – Ofício 003 – 07/06/1999.....                      | 195 |
| Anexo 7 – Zero Hora – 02/08/1999.....                       | 197 |

## **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa foi realizada no município de São Miguel das Missões, no estado do Rio Grande do Sul, município no qual reside uma comunidade de índios Guarani e que possui como atrativo turístico as Ruínas Jesuíticas de São Miguel das Missões, consideradas pela UNESCO como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.

A pesquisa buscou responder ao questionamento se o turismo cultural realizado junto às Ruínas Jesuíticas de São Miguel das Missões vinha sendo um agente de desenvolvimento social para a comunidade Guarani.

O turismo é uma atividade social, cultural e econômica, capaz de gerar renda e divisas para as regiões que possuem atrativos turísticos. Como uma atividade voltada para o desenvolvimento, necessita ultrapassar as esferas econômicas e atingir a sociedade, manifestando-se de forma diferente, de acordo com o local onde se realiza.

Embora para alguns autores o desenvolvimento esteja atrelado a fatores econômicos, não se pode entender o termo somente como sinônimo de desenvolvimento econômico, pois traz consigo, também, a relação com a produção de riquezas e a sua distribuição com igualdade, de acordo com as necessidades das pessoas envolvidas.



Ao se pensar em turismo, conseqüentemente, há a necessidade de uma reflexão sobre os processos de desenvolvimento que a atividade produz sobre esses locais, visto que o ser humano é parte integrante e indissociável do meio ao qual está inserido. Relacionar turismo com desenvolvimento implica analisar mais do que o simples crescimento econômico, pois envolve o deslocamento de pessoas e as mais variadas relações decorrentes desses deslocamentos.

A pesquisa permitiu conhecer a trajetória dos Guarani no município no período de 1988 a 2003 e os benefícios que essa comunidade teve em decorrência do turismo cultural de São Miguel das Missões e teve como hipótese que o turismo em geral e/ ou o turismo cultural em particular é um agente de desenvolvimento social para a comunidade Guarani em São Miguel.

O principal objetivo foi verificar se o turismo vinha sendo um agente de desenvolvimento para a comunidade Guarani nas Ruínas Jesuíticas de São Miguel das Missões e teve como objetivos específicos levantar os planos de desenvolvimento do turismo do estado para verificar a inserção da comunidade Guarani nos mesmos; pesquisar e descrever o processo de inserção social e econômica da comunidade Guarani em São Miguel das Missões durante o período de 1988 a 2003 e verificar se essa comunidade foi e está sendo, de alguma forma, beneficiada pelo turismo cultural que acontece no local.

O método utilizado na pesquisa foi o dialético e seguiu uma modalidade de pesquisa marcada por momentos distintos.

Primeiro momento - pesquisa bibliográfica sobre o tema, abordando o desenvolvimento local e regional através do turismo; o turismo cultural e suas definições; São Miguel das Missões, breve contextualização histórica e geográfica

do município, trazendo subsídios históricos e antropológicos dos Guarani, bem como foram abordadas as características do município na atualidade.

Segundo momento – caráter exploratório - pesquisa visando colher dados sobre os indicadores do desenvolvimento local decorrente do turismo. Instrumentos utilizados para coleta de dados: levantamento dos planos de desenvolvimento do turismo do Estado do período de 1988 a 2003, junto à Secretaria Estadual de Turismo e levantamento de documentos que comprovam o que ocorreu em São Miguel no período analisado e que está relacionado com a comunidade Guarani.

Terceiro momento – caráter exploratório – pesquisa visando levantar dados sobre os indicadores do desenvolvimento local que possam ter beneficiado a comunidade guarani no período de 1988 a 2003. Instrumentos utilizados: visitas à reserva Inhacapetum; entrevistas com as lideranças da comunidade Guarani e entrevistas com representantes da sociedade de São Miguel sobre a trajetória Guarani no período analisado no município.

## 1. DESENVOLVIMENTO LOCAL E REGIONAL ATRAVÉS DO TURISMO

O aumento do movimento turístico no mundo todo tem levantado questões sobre o porquê de se estimular essa atividade. Os benefícios econômicos alcançados pelo turismo, pela geração de lucros que pode trazer para o local, são exaustivamente estudados na área da economia. Há, no entanto, uma necessidade crescente de pesquisas quantitativas e qualitativas relacionadas a um maior entendimento teórico para se aumentar o conhecimento acerca do desenvolvimento do turismo (PEARCE, 2001).

A expressão desenvolvimento do turismo inclui uma variedade muito grande de fatores, motivações, origens, impactos e ligações complexas entre todas as pessoas envolvidas no processo. O termo encontra-se em estágio inicial de avanço teórico, necessitando de uma base teórica sólida para seu apoio (PEARCE, *op. cit.*).

Este capítulo abordará o tema desenvolvimento local e regional, enfocando sua relação com o turismo.

## 1.1 Desenvolvimento – histórico e teorias

O conceito de desenvolvimento nasce com a idéia das nações buscarem superar seus problemas de pobreza a partir da Segunda Guerra Mundial, quando o presidente dos Estados Unidos Harry S. Truman, no ano de 1949, anuncia a “era do desenvolvimento”, sugerindo que as demais nações do globo deveriam seguir seu exemplo, como nação centro do mundo. Os países que não conseguissem atingir o patamar da política externa dos Estados Unidos seriam subdesenvolvidos, portanto, era necessário fugir dessa condição “indigna”, procurando uma política que se adequasse ao conceito de desenvolvimento para fugir da condição de subdesenvolvido.

No Brasil, essa ideologia surge com Juscelino Kubitschek na década de 50 e é reforçada nos anos 60, quando há uma forte campanha para o desenvolvimento e melhoria das condições de vida nos países subdesenvolvidos.

Existem várias teorias que tentam explicar desenvolvimento ou subdesenvolvimento de acordo com a época, o local e o marco teórico de quem analisa.

Coriolano (2003), a partir da geografia, faz uma abordagem sobre as teorias do desenvolvimento, trazendo uma subdivisão entre consensuais modernas ou tradicionais conservadoras, explicando que, na sua essência, ambas possuem a mesma compreensão do fenômeno, pois adotam o continuísmo histórico nas suas pressuposições.

Essas teorias trazem, basicamente, as seguintes conceituações: subdesenvolvimento – ponto de partida para o desenvolvimento, característica dos países tradicionais que necessitam evoluir e modernizar-se para atingir o

desenvolvimento; desenvolvimento – igual a crescimento econômico, processo que obedece a fases e etapas, resultado de um processo de implementação de tecnologias, características intrínsecas da modernização, que difere de uma sociedade para outra, mas que é o único caminho para atingir a urbanização, industrialização e terceirização; o Estado deve ser neutro e promotor do bem comum, sem intervir no processo do desenvolvimento; a sociedade é a base do consenso, nunca do conflito; os obstáculos são sempre vencíveis; deve haver uma difusão econômica e cultural e se tomar como modelo as experiências de outros países; as mudanças devem ser lentas e apenas conjunturais (CORIOLANO, *op.cit.*)

Esse conceito faz emergir um otimismo, pois traz a idéia de bem comum, de superação de obstáculos para os países que devem dirigir a sociedade para a prosperidade que o desenvolvimento trará, sendo o mesmo visto como uma meta comum de todos. Porém, ao refletir sobre a introdução do conceito de desenvolvimento, percebe-se uma contradição no seu conteúdo, pois traz na sua essência a política colonizadora imposta pelos Estados Unidos que deve servir de modelo para as demais nações.

Num segundo momento, a autora traz as teorias críticas que tem o materialismo histórico como pressuposto, contrapondo-se à ideologia burguesa, fundamentando-se nas relações sociais de produção. Para ela, o desenvolvimento e o subdesenvolvimento estão determinados pela relação trabalho e capital, onde o trabalho é a forma pela qual os homens se relacionam e produzem suas riquezas; o subdesenvolvimento é explicado pelo processo de acumulação capitalista, sendo a exploração a causa da existência da pobreza e o capitalismo traz consigo o caráter de exploração, incompatível com a solidariedade e a igualdade.

Nesse enfoque, a sociedade está dividida em classes antagônicas, sendo o Estado o mediador dos interesses das classes dominantes, do capitalismo, que cerceia as idéias e falseia a consciência dos explorados e dos dominados. Toda passagem de um modo para o outro sempre se dá pela existência de conflito entre as classes. Mudanças estruturais ocorrem com revoluções sociais, não apenas políticas e é impossível de se fazer previsões históricas, já que dependem das forças sociais em situações distintas.

Percebe-se, portanto, que o debate sobre desenvolvimento é marcado pelas contradições e conflitos impostos pelo capitalismo, pois a acentuada distância entre ricos e pobres e as profundas desigualdades sociais são criadas pelos interesses das pessoas que detêm o poder nesse sistema, que traz com ele a exploração das classes mediada pelo Estado, o qual defende o interesse das classes dominantes.

Coriolano (*op.cit.*) enfatiza que na última década surgiram as teorias da globalização, fundamentadas na modernidade e que oferecem subsídios para se compreender o desenvolvimento, na fase considera sociedade global. São teorias que privilegiam os aspectos da modernização, racionalização e economias do mundo; internacionalização do capital; unicidade das técnicas; novas tecnologias; interdependência das nações; aldeia global; convergência dos momentos; globalização e fragmentação e a dialética do global ao local.

A autora enfatiza que as teorias do desenvolvimento do turismo e do desenvolvimento social e local vinculam-se a esses grupos de sistemas e adotam alguns desses pressupostos, havendo que se identificar abordagens dadas ao processo de desenvolvimento dentro do social, local e próprio do turismo.

## 1.2 Diferenciando desenvolvimento e crescimento

Para Rocha (2005), o crescimento econômico é identificado basicamente com o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e com o aumento da produtividade, ambos conseqüências dos avanços tecnológicos e da industrialização. Pode-se dizer que tem como característica o aumento da capacidade produtiva da economia, pois a produção cresce acima da necessidade de reposição do capital gasto no processo produtivo em certo período. Aumentando-se a produção, eleva-se o nível de emprego e a renda dos trabalhadores, sendo, por esse motivo, que os termos desenvolvimento e crescimento econômico eram termos quase substitutos até as primeiras décadas do século vinte. Somente depois da década de 1930 é que economistas e cientistas sociais perceberam que o crescimento é uma condição necessária, porém não suficiente para o desenvolvimento.

Foi justamente na década de 1930, pela continuidade de índices como analfabetismo, esperança de vida, mortalidade infantil, distribuição de renda, que se percebiam as discrepantes desigualdades sociais, tornando-se necessário, portanto, para se atingir desenvolvimento, incluir todas as pessoas nos benefícios que o crescimento econômico não promoveria sozinho (ROCHA, *op. cit.*).

Para Molina e Rodrigues (2001, p.28) existiriam diferenças básicas entre crescimento e desenvolvimento, que podem ser visualizadas no quadro abaixo:

Quadro 1. Diferenças básicas entre crescimento e desenvolvimento

| Conceito           | Âmbito         | Indicadores  |
|--------------------|----------------|--|
| 1. crescimento     | 1.1. Econômico | 1.1.1. Aumento no Produto Interno Bruto                        |
| 2. Desenvolvimento | 2.1. Econômico | 2.1.1. Aumento na Produção dos setores primários e secundários |
|                    | 2.1. Social    | 2.2.1. Distribuição da renda nacional                          |
|                    |                | 2.2.2. Mobilidade social                                       |

Fonte: Molina; Rodriguez, 2001.

Analisando o quadro, percebe-se que desenvolvimento incluiria aspectos produtivos e sociais, pois a disponibilidade de oportunidades com as quais os indivíduos podem contar para incorporarem-se às camadas superiores de uma dada sociedade é que faria a inclusão de todos, reduzindo desigualdades.

Lemos (2001) afirma que existe uma diferença muito grande entre desenvolvimento e crescimento, pois o crescimento é o aumento da capacidade produtiva da economia e, conseqüentemente, da produção de bens e dos serviços de determinado país ou região, sendo percebido pelo índice de crescimento anual do PIB. Já desenvolvimento é o aumento do PIB *per capita*, acompanhado pela melhoria de vida da população e por alterações fundamentais na estrutura de sua economia.

A Organização das Nações Unidas – ONU utiliza os seguintes indicadores para classificar os países segundo o seu grau de desenvolvimento: índice de mortalidade infantil; esperança média de vida; grau de dependência econômica externa; nível de industrialização; potencial científico e tecnológico; grau de alfabetização e instrução e condições sanitárias (LEMOS, *op. cit.*).

Algumas razões para rejeitar definições que afirmam que desenvolvimento é uma conseqüência natural do crescimento são apresentadas por Gatak (*apud* Burns 2002, p.168):

- sem a redistribuição de renda derivada do crescimento econômico, pode haver crescimento, mas não necessariamente desenvolvimento.
- a menos que a taxa de crescimento nos resultados econômicos seja capaz de superar o crescimento populacional, também aqui poderá ocorrer crescimento sem desenvolvimento; e
- sociedades dualistas (nas quais a distância entre os muito ricos e os muito pobres é importante e grave) podem ser vistas como evidência de que o crescimento econômico para alguns, sem o desenvolvimento para todos, realmente ocorreu.



Portanto, o crescimento econômico não conduz necessariamente ao desenvolvimento, pois o mesmo só é alcançado com a distribuição de benefícios para toda a sociedade civil. Definições de desenvolvimento devem permitir que se façam ligações entre crescimento econômico, implicações biológicas (saúde, expectativa de vida, etc.) e bem-estar individual das pessoas de uma determinada localidade.

Para fins deste estudo, recorre-se ao conceito de Coriolano (*op. cit.*, p. 162) sobre desenvolvimento:

Um processo de produção de riqueza com partilha e distribuição com equidade, conforme as necessidades das pessoas, ou seja, com justiça. O desenvolvimento não se refere apenas à economia, ao contrário, a economia deve ser tomada em função do desenvolvimento. Um dos maiores desafios da sociedade atual é promover o desenvolvimento centrado no homem. Pensar esse tipo de desenvolvimento pode ser aparentemente simples, mas encerra uma revolução de idéias e práticas sociais, que passam a orientar as pessoas e as organizações para a produção e consumo partilhados.

Dada a amplitude do tema e a multiplicidade de enfoques referentes ao desenvolvimento, busca-se com esse conceito deixar claro que a pesquisa será conduzida dentro de uma visão que foge daquela proposta pelas questões econômicas clássicas.

Como o termo desenvolvimento está intimamente ligado a questões sociais, salienta-se que o termo comunidade será utilizado nesse estudo conforme o conceito do dicionário político de Souza, Garcia e Carvalho (1998, p. 110 - 111) designando “grupo social cujos membros se integram por espontânea assimilação de padrões comuns de comportamento, cristalizados em vínculos de variada espécie (biológicos, étnicos, culturais, etc.) gerados pela natureza e/ou pela história”. Nesse conceito, o inter-relacionamento das pessoas se processa mediante complexa malha

de laços psicológicos, produzindo uma amálgama de sentimentos comuns que corporificam sólida coesão social. Distingue-se, portanto, a comunidade da sociedade, pois na constituição da sociedade prevalecem atos de vontade, regidos pela inteligência e coordenados por uma autoridade para realização de um fim comum, não obstante os fins particulares que visem seus membros.

Segundo Souza, Garcia e Carvalho (*op. cit*), na comunidade, a coerção deriva do próprio meio ambiente cultural, com todo um complexo de costumes, crenças, modos de ser e pensar, que condiciona o comportamento das pessoas e cujo desrespeito acarreta sanção de caráter moral, podendo ter mais eficácia que a sanção civil existente na sociedade. A sanção civil aparelha as regras que impõem determinada conduta sob a coerção da autoridade que garante a unidade social. A comunidade resulta da espontaneidade da vida social estruturada naturalmente, enquanto a sociedade deriva da vontade das pessoas, orientada pela busca de um objetivo que as reúne, levando-as à intercolaboração. Por isso, na comunidade, as pessoas encontram-se, enquanto na sociedade as pessoas entram. Na comunidade, as pessoas mantêm-se unidas, apesar de tudo quanto as separa, na sociedade, permanecem separadas, apesar de tudo quanto fazem para se unir.

### **1.3 Desenvolvimento local e regional e a relação com o turismo**

Conforme Barquero (2001), o desenvolvimento econômico ocorre em consequência da utilização do potencial e do excedente gerados localmente e, algumas vezes, pela atração de recursos externos, assim como pela incorporação das economias externas ocultas nos processos produtivos. Para minimizar as tendências do estado estacionário, é necessário ativar fatores determinantes dos

processos de acumulação de capital (criação e difusão de inovações no sistema produtivo; organização flexível da produção; geração de economias de aglomeração e de diversidade nas cidades e o fortalecimento das instituições).

É dentro do contexto atual, marcado pela globalização da produção e das trocas e pela expansão das atividades de serviços, que as cidades convertem-se no espaço preferencial de desenvolvimento, visto que é nelas que são tomadas decisões de investimentos e de localização da indústria e dos serviços. O potencial de desenvolvimento é que lhe dará condições de responder aos desafios impostos pelo aumento da competitividade, vinculando os processos de ajuste produtivo organizacional à utilização de recursos próprios, à difusão das inovações e ao fortalecimento das relações com outras cidades, tornando-se necessário respostas estratégicas através de iniciativas locais, capazes de estimular o desenvolvimento endógeno (BARQUERO, *op. cit.*).

Para Barquero (*op. cit.*), o desenvolvimento endógeno é, antes de tudo, uma estratégia para a ação, pois as comunidades locais possuem uma identidade própria, que as leva a tomarem iniciativas visando assegurar o seu desenvolvimento. Desenvolvimento endógeno pode ser visto como “um processo de crescimento econômico e de mudança estrutural, liderado pela comunidade local ao utilizar o seu potencial de desenvolvimento, que leva à melhoria do nível de vida da população” (BARQUERO, *op. cit.*, p.41).

Três dimensões podem ser identificadas no processo de desenvolvimento endógeno: uma econômica (sistema específico de produção, capaz de assegurar aos empresários locais o uso eficiente dos fatores produtivos e a melhoria dos níveis de produtividade, garantindo-lhes competitividade); uma sociocultural (atores econômicos e sociais se integram às instituições locais e formam um denso sistema

de relações, incorporando valores da sociedade ao processo de desenvolvimento) e uma política (materializada em iniciativas locais, possibilitando a criação de um entorno local capaz de incentivar a produção e favorecer o desenvolvimento) (BARQUERO, *op. cit.*).

Desde o início dos anos 80 ocorrem alterações na política econômica no mundo, momento em que os atores locais e regionais passaram a empreender ações objetivando influenciar os processos das economias, surgindo a política de desenvolvimento local como uma resposta das comunidades aos desafios impostos pelo mercado (BARQUERO, *op. cit.*).

Pode-se dizer que uma política de desenvolvimento local está associada a uma abordagem de baixo para cima, na qual os atores locais desempenham um papel central na sua definição, execução e controle.

Sobre desenvolvimento local, Cavaco (2001, p. 98) afirma:

O desenvolvimento local assenta na revitalização e diversificação da economia, capaz de fixar e atrair a população, de ocupar a população potencialmente ativa, com êxito econômico, profissional e social, de valorizar produções, de renovar as habitações e as aldeias, de assegurar melhores condições de vida (...) com planos de desenvolvimento do artesanato e de atividades ligadas ao turismo e à cultura – feiras e festas centradas em temas regionais e locais: produtos, trabalhos, tradições, jogos e cantares, comerres, sabores e cheiros...

Ainda segundo essa autora, o que importa no crescimento econômico, identificado como a produção e as riquezas, é o desenvolvimento no seu âmbito social, econômico e territorial, envolvendo processos de mudanças estruturais, redistribuindo equilibradamente as riquezas locais, melhorando rendimentos, condições de vida e expectativas, principalmente daqueles grupos sociais menos favorecidos.

Portanto, nesse enfoque, a atividade turística pode ajudar a reduzir desigualdades regionais, como motor de desenvolvimento e de valorização territorial, através da entrada de recursos financeiros que trarão benefícios a todos os envolvidos no setor.

Segundo Coriolano (2001, p.135):

A importância do local é redescoberta na década de 1980, no Brasil, no bojo do debate sobre descentralização e a reforma do estado, propostas defendidas tanto por neoliberais quanto por entidades da sociedade civil mais comprometidas com a qualidade de vida e com a cidadania.

A autora salienta que a necessidade das comunidades interferirem no seu próprio crescimento, buscando uma maior diversificação nas atividades econômicas e uma melhor distribuição de riquezas e renda, surgiu diante das crises na política pública, quando o desenvolvimento local foi entendido não só como de responsabilidade dos governos, mas também, da sociedade civil da localidade.

Em síntese, a idéia do desenvolvimento local foi uma resposta ao global, tendo como base a participação da comunidade como principal ator social, o espaço territorial onde se desenvolve, a cultura, o patrimônio existente, necessitando de projetos e parcerias articulados sobre que aspectos serão pontuados para se atingi-lo.

O Comitê Econômico Social das Comunidades Europeias (*apud* CORIOLANO, *op cit.*, p.136) definiu no ano de 1995 o desenvolvimento local:

como o processo reativador da economia e dinamizador da sociedade local, mediante o aproveitamento eficiente dos recursos endógenos existentes em uma determinada zona, capaz de estimular e diversificar seu crescimento econômico, criar empregos e melhorar a qualidade de vida da comunidade local, sendo o resultado de um compromisso que compreende o espaço como lugar de solidariedade ativa, o que implica mudanças de atitudes e comportamentos de grupos e de indivíduos.

Esse é o conceito utilizado para fins deste estudo, por haver a preocupação em associar o desenvolvimento local às melhorias que pode trazer para a qualidade de vida da população, ressaltando os laços de solidariedade que traz consigo e as mudanças positivas alcançadas pelo sentimento de pertencer a este lugar.

Para um melhor entendimento do termo qualidade de vida, utiliza-se o enfoque de Nahas (1999) quando diz que a mesma pode ser considerada como um conjunto de parâmetros individuais, socioculturais e ambientais que caracterizam as condições em que vivem os seres humanos, uma comunidade ou uma nação. A qualidade de vida seria uma percepção individual relativa às condições de saúde e a outros aspectos da vida pessoal, conceito que tem emergido como um fator de destaque em investigações na área de saúde, nos estudos ligados às condições de trabalho ou na perspectiva de lazer do ser humano, buscando-se caracterizar o que se entende pelo termo.

A expressão qualidade de vida está sendo muito utilizada e aplica-se ao indivíduo aparentemente saudável e diz respeito ao seu grau de satisfação com a vida nos múltiplos aspectos: moradia, transporte, alimentação, lazer, satisfação/realização profissional, vida sexual e amorosa, relacionamento com as outras pessoas, liberdade, autonomia e segurança financeira (NAHAS, *op.cit.*).

Na atualidade, cidades que desenvolvem o turismo não podem esquecer da qualidade de vida de seus cidadãos. Para receber turistas não bastam paisagens, folclore e boas intenções. Além de infra-estrutura hoteleira, segurança e opções de lazer, as localidades devem ser boas para as suas comunidades. O termo qualidade de vida está intimamente ligado à questão do desenvolvimento para populações receptoras, pelo bem-estar social que deve proporcionar.

Krippendorf (2001, p.146) formula uma reivindicação sobre o assunto:

O turismo só deve ser encorajado na medida em que proporcionar à população local uma vantagem de ordem econômica, antes de tudo, sob a forma de lucros e empregos. Que a mesma tenha desejado que essa vantagem seja de natureza duradoura e não traga prejuízos a outros aspectos da qualidade de vida. As implicações de um projeto (custos e benefícios econômicos, compatibilidade sociais e ecológicas) devem ser esclarecidas antes da execução.

Nessa visão, percebe-se a importância de ouvir todos os envolvidos em um lugar que centra suas atividades no turismo, para verificar o que pensam, o que desejam e como se sentem frente ao desenvolvimento do turismo, pois há a necessidade de trazer recursos duradouros, atendendo a necessidades e interesses dos destinos, de sua coletividade, colocando em pauta as necessidades humanas durante o processo do desenvolvimento, não o tendo exclusivamente como meta, mas como fim.

Quando a economia de uma localidade ou região cresce e fica concentrada apenas nas mãos de alguns, ocorre apenas o crescimento econômico concentrado, e o desenvolvimento só se dá quando todas as pessoas são beneficiadas. Hoje, quando se pensa em desenvolver turismo para a promoção do desenvolvimento não se pode desvinculá-lo dos efeitos que pode trazer às comunidades envolvidas, pois somente quando todas as pessoas tiverem condições de uma vida digna, capazes de garantir habitação, saúde, alimentação, vestuário, segurança e lazer atingir-se-á a escala humana.

Para fins deste estudo, recorre-se, ainda, ao conceito de Becker (2003, p.62) sobre desenvolvimento regional:

Processo de transformações econômicas, sociais e políticas, cuja dinâmica é originada de dentro para fora e por iniciativa própria desses sujeitos (inovadores tecnológicos e criadores ideológicos) coletivos regionais, manifesta nas mudanças estruturais ou qualitativas que um processo de desenvolvimento regional sofre a partir de alterações endógenas.

Parece ser pertinente esclarecer que, por alterações endógenas, entendem-se as articulações construídas a partir de um modelo próprio de inserção diferenciada e alternativa, visando aos interesses da região.

A utilização desse conceito deve-se ao fato de que o consumo em turismo ocorre localmente, associando desenvolvimento aos benefícios que as pessoas podem obter por residirem em uma localidade que desenvolve ou que tenha na atividade turística uma forma de diversificar a renda e, dessa forma, contribuir para a melhoria da vida de seus cidadãos.

É fundamental que se compreenda o alcance do desenvolvimento no seu âmbito social, pois ele por si só deve trazer mudanças qualitativas para as pessoas envolvidas, ou seja, é uma iniciativa que deve ter sua origem na localidade, tendo em vista as culturas que ali se originaram, visando potencialidades e características que existam de especiais e únicas na direção de um futuro mais digno para sua comunidade (CORIOLANO, *op. cit.*).

Para compreender o turismo e os benefícios que pode trazer para localidades que o desenvolvam, utiliza-se a explicação de Becker quando explica o processo de desenvolvimento regional. Por dedução, pode se responder que os distintos processos de desenvolvimento regionais não são iguais, porque a dinâmica do desenvolvimento caracteriza-se por ser um resultado da síntese de dois processos contrários: um de transnacionalização dos espaços econômicos (globalização), ou seja, uma ação exercida de fora para dentro e de acordo com os interesses econômico-corporativos, multinacionais, multisetoriais e multifuncionais; outro, de regionalização dos espaços sociais (localização), que pode ser considerada como sendo a reação socioambiental do desenvolvimento, uma contra-ação exercida de



dentro para fora e de acordo com os interesses sociais e ambientais dos agentes do desenvolvimento do lugar (BECKER, *op. cit.*).

Nesse enfoque, Becker (*op. cit.*) salienta que cada vez mais é necessário buscar explicações para as diferentes dinâmicas de desenvolvimento regional na esfera política. É justamente nessa esfera que ocorrem as reações passivas, resultantes da incapacidade organizacional dos agentes regionais de superar contradições e resolver conflitos através da integração dos interesses locais com os interesses socioambientais regionalizados, impossibilitando a construção de um projeto próprio e específico, ocorrendo o inverso na forma de (re)ação ativa. A reação resultará na capacidade organizacional dos agentes regionais de superar as contradições e resolver os conflitos através da integração dos interesses locais com os interesses socioambientais regionalizados e destes com os interesses econômico-corporativos transnacionalizados (BECKER, *op. cit.*).

Surpreendentemente, termos como cooperação, participação, parceria, consórcio, integração/interação, sistemas regionais de inovação e produção, entre outros, ao lado de termos como diferenciação, diversificação, pluralização, passaram a fazer parte do discurso dos agentes regionais do desenvolvimento (BECKER, *op. cit.*).

É desse fenômeno que surge a renovada importância do local e a tendência para o estímulo das culturas regionais. Seria, portanto, em função desse estímulo aos valores culturais acumulados regionalmente que algumas regiões conseguiriam responder positivamente e ativamente aos desafios regionais de globalização, construindo seus próprios modelos de desenvolvimento. Para isso, conseguem desenvolver suas potencialidades locais e aproveitar oportunidades globais

surgidas, constituindo uma dinâmica regional própria. Porém, isto só é possível com a participação social no processo de construção regional (BECKER, *op. cit.*).

Cada lugar é diferente do outro, seja por sua história, condição atual ou pelos modos de ser e viver de cada cultura específica e, no turismo, é justamente a valorização desses espaços e a abertura para as tradições do lugar que podem tornar a atividade uma forma de contribuição para o desenvolvimento local. Turismo é, também, a busca de diferenças, daquilo que as localidades possuem especiais e únicas numa estrutura global.

#### **1. 4 O turismo como oportunidade de desenvolvimento**

Para os países em desenvolvimento, a atividade turística é vista como uma forte oportunidade econômica e vem pontuada por esse apelo, conforme Cazes (2001, p.80):

Visto pelo lado dos países em desenvolvimento, a oportunidade turística é menos freqüentemente ocultada nas estratégias de desenvolvimento, sobretudo porque ela representa, geralmente, uma alternativa decisiva, um último recurso ante as desilusões encontradas pelos outros setores econômicos.

Nessa ótica, o turismo seduz pelos atrativos financeiros que poderá trazer consigo, porém, os ambientes e as comunidades beneficiadas mostram-se extremamente frágeis ao processo e, algumas vezes, as conseqüências de sua administração sobre o destino e os impactos na sociedade não são mensurados. A atividade turística acaba ocorrendo em contextos políticos e sociais onde os envolvidos no processo não são cientes da necessidade de administração de todos os recursos existentes.

O turismo possui uma multiplicidade de ações que resultam em impactos em todas as esferas e seu desenvolvimento acarreta em custos e benefícios. Existem muitas maneiras de examinar as relações entre o desenvolvimento do turismo e as mudanças socioculturais que podem ocorrer pela interação entre visitantes e comunidades locais e uma ferramenta útil e aceita no mundo acadêmico é de se utilizar pesquisas quantitativas e qualitativas (COOPER; WANHILL; FLETCHER; *et alli*, 2001).

Alguns pesquisadores consideram a mudança sociocultural um mal para o desenvolvimento do turismo, porém, qualquer forma de desenvolvimento econômico irá trazer consigo implicações para a estrutura social e para os aspectos culturais da comunidade local. Por outro lado, não se pode tratar somente o desenvolvimento da atividade turística no campo socioeconômico. A comunidade deve ser levada em conta para que o desenvolvimento do turismo seja satisfatório e mostre a realidade vivida em determinado local (COOPER; WANHILL; FLETCHER; *et alli, op. cit.*).

Muitos lugares acabam tendo no turismo uma possibilidade de alternativa para o seu crescimento, pois a atividade pode dar início ao processo de desenvolvimento local. É provável que se uma localidade tiver atratividade para uma demanda externa se procure atender a essa procura, investindo-se no potencial natural e cultural de uma determinada área através de ações em parceria do poder público e do setor privado para que se possa aproveitar ao máximo suas vantagens competitivas (BENI, 2002).

Por demanda externa, pode-se interpretar a quantidade de bens e serviços turísticos que os consumidores desejam e estão dispostos a adquirir por um dado preço e num dado período de tempo.

A demanda, também chamada procura turística, pode ser expressa de muitas formas, por exemplo: pelo número de turistas que chegam a uma região; pelo número de bens e de serviços consumidos; pelo número de pernoites em hotéis utilizados; pelo número de passageiros aéreos que são transportados de uma região para outra e de muitas outras maneiras (LAGE; MILONE, 2000).

O turismo, por ser um sistema aberto e complexo, possui diversas modalidades para atender os mais variados desejos e necessidades da demanda turística e realiza trocas com o ambiente que o circunda, sendo por extensão interdependente e não auto-suficiente. Seu crescimento ocorre em função de diversas variáveis, mantendo-se num processo contínuo de relações de conflito e colaboração com o meio circundante (BENI, *op. cit.*).

As diversas modalidades que atendem os desejos e as necessidades da demanda podem ser compreendidas pelos produtos turísticos e serviços colocados à disposição do usuário no destino, pois são elas que motivam a criação de fluxos turísticos e definem a oferta básica.

Sem levar em conta os atrativos naturais, a oferta pode ser constituída pelo conjunto de equipamentos, bens e serviços de alojamento, de alimentação, de recreação e lazer, de caráter artístico, cultural, social ou de outros tipos, capaz de atrair para uma região, durante um período de tempo, um público visitante. Em resumo, a oferta em turismo pode ser entendida como o conjunto dos recursos naturais e culturais que constituem a matéria-prima da atividade turística, pois são esses recursos produzidos para dar consistência ao seu consumo, os quais compõem os elementos que integram a oferta numa estrutura de mercado. (BENI, *op.cit.*)

Para compreender essas relações de colaboração com o meio que circunda o turismo e como ele pode ser um fator de mudança social positiva, Sessa (1983) relata as possibilidades oferecidas pela atividade que acaba por ser propícia ao trabalho e às inovações, suscitando uma larga série de novas atividades, que beneficiam locais que apresentem estrangulamentos profundos no âmbito econômico e social.

Novas rendas formam-se por causa dos investimentos necessários ao turismo, que acaba tornando-se uma atividade de base, pois gera ocasiões cumulativas de ganho, permitindo a presença de uma série de pequenas e médias empresas, além de serviços complementares de tipo comercial, bancos, seguradoras, artesanato, entre outros, originados pela concentração espacial turística numa determinada localidade, ao qual denomina de dinamismo de expansão (SESSA, *op. cit.*).

As melhorias alcançadas pela acumulação que o turismo provoca para as comunidades locais são percebidas como estratégia na geração de emprego e renda, sendo necessário que a própria comunidade possa refletir e definir o tipo de turismo que deseja e como viabilizá-lo, transformando-se em agente principal do desenvolvimento.

Como salientou Krippendorf (*op. cit.*, p.136), tendo como fim um humanismo maior:

O turismo só terá futuro se caminhar na direção de um humanismo maior. O importante é reconhecer que o turismo deve servir ao homem, e não o contrário. Qualquer evolução, inclusive a do turismo, deve inclinar-se para o desenvolvimento do ser humano, e não dos bens materiais. O desabrochar humano deve ser prioridade absoluta. É preciso voltar ao ser humano, às virtudes humanas, às atitudes sociais e a ética frente à vida.

Esse humanismo que foi visto como necessário para a evolução só é conseguido com a promoção do desenvolvimento local, através do incentivo à criatividade da população, de sua cultura, do seu patrimônio, da valorização do seu território, na configuração de estratégias que respeitem e preservem a natureza e a cultura, mas sempre baseadas na escala humana.

Coriolano (*op cit.*) cita alguns pontos sobre desenvolvimento local e a sua relação com as mudanças positivas que traz para a sociedade: a dimensão local é capaz de mobilizar e permitir que os habitantes se façam presentes nos projetos e consigam trabalhar junto; os atores locais passam a ser os protagonistas da dinâmica social, pois todos os habitantes, através do esforço conjunto, devem ser os realizadores do desenvolvimento; valores locais (patrimônio, cultura, história local) integram-se e passam a ser vias de abertura para o mundo; inicia-se a busca de soluções para um determinado problema, através de projetos locais; o município é a principal referência ou a unidade de análise; os agentes sociais permanecem abertos a parcerias que levem ao desenvolvimento. A abertura do local ao mundo deve ser um facilitador do processo de desenvolvimento.

O turismo abre possibilidades para a participação da comunidade local, podendo acelerar a economia e reanimar economias fracas. Há uma forte necessidade de incentivo aos microempresários e a projetos pequenos, trazendo para aqueles que têm suas atividades baseadas no local uma forma de encontrar melhoria nas suas condições de acesso a bens e serviços. Exemplo disso são as pequenas pousadas familiares, as indústrias caseiras, os restaurantes e lanchonetes, o artesanato, entre outros, que demonstram como o consumo em turismo se dá no próprio local onde se origina a atividade (CORIOLANO, *op. cit.*).

## **2. TURISMO CULTURAL**

Refletir sobre turismo significa compreender processos sociais e culturais que não são quantificáveis. O turismo como fenômeno complexo tem o ser humano como ponto central para sua existência, pois é a partir do deslocamento das pessoas e das múltiplas relações existentes desses deslocamentos que surge a atividade turística. Pela complexidade dos ambientes onde o turismo ocorre e por todas as inter-relações que a atividade pode produzir é necessário o entendimento de vasta literatura para compreensão do tema (SESSA, *op. cit.*).

Levando em conta as mais diversas atividades que envolvem o turismo, destaca-se, neste capítulo, as definições que permeiam o turismo cultural, bem como os possíveis impactos desse segmento.

### **2.1 Definições**

O turismo possui inúmeras conceituações e cada conceituação é feita de acordo com o referencial teórico de quem a enunciou. Para exemplificar a diferença de enfoques, pode-se recorrer a alguns exemplos: economistas estão interessados nas contribuições do turismo, para a economia e o desenvolvimento econômico da área do destino e estudam particularmente a oferta, a demanda e o emprego, entre

outros. Já sociólogos, psicólogos e antropólogos estudam o comportamento dos indivíduos e de grupos de pessoas nas viagens e se interessam pelos impactos, costumes, hábitos, tradições e estilos de vida tanto das populações locais quanto de seus hóspedes. Por outro lado, geógrafos cuidam dos aspectos espaciais do turismo, o uso da terra e as modificações do ambiente físico (THEOBALD, 2001).

Goeldner, Ritchie e McIntosch afirmam que:

(...) o turismo pode ser definido como a soma de todos os fenômenos e relações originados das interações de turistas, empresas, governos locais e comunidades anfitriãs, no processo de atrair e receber turistas e outros visitantes. O turismo é um composto de atividades, serviços e setores que proporcionam uma experiência de viagem(...) para indivíduos ou grupos que estejam viajando para longe de onde vivem. Ele engloba todos os prestadores de serviços a visitantes e correlatos. O turismo é a soma de todo setor mundial de viagens(...) que atende às necessidades e desejos dos viajantes. Por fim, turismo é a soma total das despesas turísticas dentro das fronteiras de uma nação ou subdivisão política, ou de uma área em torno de uma estrutura de transporte de estados ou nações contíguas (GOELDNER, RITCHIE; MCINTOSCH, 2002, p.23).

Essa visão econômica leva em consideração a capacidade de multiplicação de renda das despesas turísticas e salienta a necessidade de se trabalhar para satisfazer necessidades e desejos dos turistas, proporcionando uma experiência de viagem.

Para auxiliar na compreensão da visão econômica, deve-se estudar a lógica do comportamento econômico dos viajantes e o comportamento das empresas e agentes públicos que operam nas localidades emissoras e receptoras. Lemos (*op. cit.*, p.99) define a economia do turismo como “estudo da origem e da formação do valor turístico, assim como de sua transformação em renda, mediada pela produção e pelo consumo, e a forma como essa se distribui na sociedade”.

Para Lemos (*op.cit.*), o estudo do turismo deve contemplar a necessidade de escape das pessoas do circuito mercantil de seu meio, buscando ressocializar sua



existência. Os bens turísticos que são oferecidos pela indústria do turismo não representam o valor do que se está buscando, embora a mercadoria produzida pelo turismo absorva o tempo livre do turista. A inserção de capital em localidades turísticas é o mecanismo que encontra força na oferta, apropriando-se das mesmas como insumo.

O mesmo autor explica que o valor turístico está nos elementos locais que são produzidos pela coletividade na sua história e na sua relação como o ambiente, gerando atratividade, que provoca deslocamentos e permanências de diferentes segmentos sociais de outros espaços, dependendo das especificidades de cada localidade.

Como a economia é o estudo da riqueza e para ela ocorrer há necessidade de uma definição de valor, o valor turístico é expresso sob as mais diversas formas. Nessa visão, o valor econômico em termos de turismo é mais amplo que o somatório material de riqueza e contempla valores abstratos como as riquezas naturais, sociais, culturais, históricas e arquitetônicas que compõem o produto turístico, valorizado à medida que existe fluxo de capital no mercado, obtendo recursos monetários necessários para que determinada região evolua através da entrada de capital (LEMOS, *op. cit.*).

A geração de riquezas salientada por diversos autores que analisam o turismo é o fator principal para que vários países busquem incentivar planos que visem à exploração dos recursos naturais e culturais existentes, objetivando uma diversificação econômica.

Barretto (1995, p. 12) afirma que:

Embora ainda alguns círculos, principalmente leigos, vejam o turismo apenas como a “indústria de viagens de prazer”, trata-se de algo mais

complexo do que um simples negócio ou comércio [...] o turismo é um amálgama de fenômenos e relações, fenômenos estes que surgem por causa do movimento de pessoas e sua permanência em vários destinos. Há no turismo um elemento dinâmico – a viagem – um elemento estático – a estada.

Esse enfoque salienta a complexidade do turismo e chama a atenção para as inter-relações que a atividade produz, demonstrando a amplitude e a necessidade de vasta literatura para entendimento do tema.

Para fins deste estudo, destaca-se, dentre os mais variados segmentos desta atividade, o turismo cultural.

Barretto (2003, p.19) conceitua turismo cultural como “todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana. Esse aspecto pode ser a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer outro dos inúmeros aspectos que o conceito de cultura abrange”.

Ascanio (2003) diz que o turismo cultural é uma bifurcação das identidades culturais de distintas ordens na qual se concretiza a unidade e a diversidade, tendo por base a relação entre o que provém de outros locais com o local e, também, as novas formas híbridas que podem surgir e que são parte do desenvolvimento social. Conclui que nesse sentido é importante reconhecer que o turismo, como fenômeno, constitui-se numa reconstrução cultural e em modificações que afetam a todos os componentes do sistema turístico: econômicos, sociais, políticos e tecnológicos. Portanto, podem surgir autocriações que conduzam ao fortalecimento da identidade e ao enriquecimento plural de diferentes regiões turísticas, as quais seriam incompatíveis com formas culturais importadas.

Segundo Rodrigues (1998), a fronteira que delimita os territórios do visitante e as particularidades culturais do visitado que caracterizam a atividade cultural é que motivam os indivíduos a ter curiosidade em relação a diversos fatores, possibilitando

a mistura, o contágio, ou seja, a heterogeneidade de cada povo atingido pelas mobilizações e trocas decorrentes do turismo.

O turismo cultural possui uma ligação com o patrimônio existente em áreas que desenvolvem a atividade turística. Ballart (1997, p.17) afirma que a noção de patrimônio surge “quando um indivíduo ou grupo de indivíduos identifica como seus um objeto ou um conjunto de objetos”.

A idéia de posse presente nessa afirmativa sugere que se está na presença de algo de valor, atribuído ao legado material do passado, pelo sentimento de desperta individualmente ou coletivamente ao patrimônio numa dada circunstância histórica, conforme as especificidades de cada localidade.

Melédez (2001) relata que em sentido mais amplo considera-se como patrimônio algo mais do que o tangível, mas também as expressões intangíveis onde as comunidades podem se projetar através da forma como vivem, do que constroem e do que preservam de seus costumes.

Barretto (*op. cit*) explica que na atualidade existe um consenso de que o patrimônio cultural inclui não somente os bens tangíveis, mas também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo fazer humano, incluindo as representações culturais de todas as classes sociais. Além do edificado que possui valor histórico o patrimônio engloba o conjunto de utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e forma diária de viver de todas as pessoas que constituem a sociedade. Nesses termos, analisar a relação turismo - cultura pode significar que:

A expressão turismo cultural encerra carga muito densa de elementos diferenciais – o que pode perceber pelo próprio designativo de seus componentes: turismo, significando, em última análise, a busca de diferenças; e cultura, representando o código mais profundo que revela o modo de ser de uma dada sociedade. (IRVING; AZEVEDO, 2002; p.151).

Essa afirmação demonstra que a identidade dos povos e a diversidade cultural são elementos básicos do turismo cultural, pois a motivação central do visitante estaria relacionada com a busca do conhecimento, envolvendo a satisfação de suas curiosidades em relação ao modo de ser de outros indivíduos.

Portanto, o produto do turismo cultural é específico, pois corresponderia a valores criados pelas pessoas, através da sua cultura, tradição e história. O que era conhecido como Patrimônio Histórico e Artístico é hoje visto como Patrimônio Cultural, abrangendo aspectos históricos e ecológicos.

Silva (2004) diz que hoje há um consenso generalizado de que aquilo que é patrimônio depende do que para um determinado coletivo humano, em determinado tempo, é considerado como socialmente digno de ser legado para gerações futuras. Nesse sentido, a autora afirma:

Trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objetos que conferem a um grupo um sentimento coletivo de identidade. Neste sentido, toda construção patrimonial é uma representação simbólica de uma versão de identidade, de identidade “manufaturada” pelo presente que idealiza. Assim sendo o patrimônio cultural compreenderá então todos aqueles elementos que fundam a identidade de um grupo e que o diferenciam dos demais. Neste sentido, o elemento determinante que define o conceito de patrimônio é a sua capacidade de representar simbolicamente uma identidade. E sendo os símbolos um veículo privilegiado de transmissão cultural, os seres humanos mantêm através destes, estreitos vínculos com o passado. É através desta identidade-passado-presente que nos reconhecemos coletivamente como iguais, que nos identificamos com os restantes elementos do nosso grupo e nos diferenciamos dos demais. (SILVA, *op. cit.*; p 02-03).

Na atualidade, observa-se uma mudança de mentalidade entre os organismos responsáveis pela gestão dos bens patrimoniais, por perceberem suas potencialidades e colocarem o patrimônio a serviço da comunidade, que se incorpora a todas as fases do processo, aprofundando um novo conceito para patrimônio, que possibilite o crescimento dos povos, desde a sua auto-estima até a confiança em seus valores tradicionais (MELENDEZ, *op.cit.*).

Nesse sentido, o turismo cultural ao ter o patrimônio como componente essencial de trabalho visa que o visitante descubra sítios, monumentos e fazeres humanos, visto que as pessoas procurariam conhecer a si mesmas e ao mundo que as rodeia, de uma forma agradável e prazerosa.

Quando se pensa nos fazeres humanos, pensa-se numa série de elementos relacionados aos hábitos, valores, formas de pensar e juízos que se tem sobre o mundo, ou seja, pensa-se na cultura das pessoas.

Segundo Burns (*op. cit.*) deve-se tomar cuidado ao discutir o que engloba o termo cultura, pois se for generalizado dizendo que cultura é tudo, acaba-se distanciando do seu significado mais profundo. O conceito de cultura possui muitos significados de acordo com o contexto analisado. Na visão do autor, a cultura engloba a interação entre as pessoas e como essas aprendem umas com as outras; traz, ainda, a idéia de que essa aprendizagem pode ser acumulada, assimilada e passada adiante através da escrita, fala, comportamento, conhecimento, valores que são adquiridos e passados entre gerações.

Nesse enfoque, percebe-se que toda sociedade muda de acordo com o ambiente e a tecnologia a qual está submetida, ou seja, o conceito é dinâmico e as culturas mudam de acordo com o tempo.

Segundo Bosi (1992, p.11), cultura é “o conjunto de práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de consciência social”.

Garcia Canclini (1983, p.12) afirma que hoje a cultura popular requer uma estratégia de investigação que seja capaz de abranger tanto a produção quanto a circulação e o consumo, pois para ele o enfoque mais produtivo é aquele que entende a cultura como um instrumento voltado para a compreensão, reprodução e

transformação do sistema social, pelo qual é elaborada e construída a hegemonia de cada classe. Para isso, faz um enfoque articulado dentro do capitalismo e da integração das classes populares ao desenvolvimento capitalista que desestrutura as culturas étnicas, nacionais e de classe, reorganizando-as num sistema unificado de produção simbólica.

Nesse enfoque, o autor faz uma reflexão acerca do que há de frágil na cultura, no que ocorre com todas as representações dos seres humanos. Seu enfoque começa trazendo as principais definições da antropologia até chegar a uma caracterização da cultura como um tipo particular de atividade produtiva, cuja finalidade é compreender, reproduzir e transformar a estrutura social e brigar pela hegemonia, sendo que o capital cultural é transmitido por meio de aparelhos e se internaliza nos indivíduos, gerando hábitos e práticas, estruturando a vida cotidiana.

Garcia Canclini (*op.cit.*) afirma que o conceito antropológico de cultura é um resultado paradoxal da expansão imperial do Ocidente. Foi só a partir do momento que os antropólogos do Ocidente se descentraram diante da sua cultura e descobriram novas racionalidades e de vida nos países colonizados que o conceito de cultura passou a ter uma maior amplitude, pois a desqualificação dos primitivos, semelhantes em muitos pontos à desvalorização da cultura popular, mostrou-se inconsistente.

Segundo Garcia Canclini (*op.cit.*, p.19):

O que não é obra da natureza, tudo aquilo que foi produzido por algum ser humano, não importando o seu grau de complexidade e de desenvolvimento -, foi uma tentativa de reconhecer a dignidades dos anteriormente excluídos. Foram consideradas como parte integrante da cultura todas as atividades humanas, materiais e idéias, inclusive aquelas práticas ou crenças anteriormente qualificadas como manifestações de ignorância (superstições e sacrifícios humanos), as normas sociais e as técnicas simples daqueles que vivem nus na selva, sujeitos aos ritmos e aos perigos da natureza. Todas as culturas, por mais rudimentares que sejam, são dotadas de estrutura, possuem no seu interior coerência e sentido. Inclusive as práticas que nos desconcertam ou que nós rejeitamos

(a antropofagia, a poligamia) possuem uma lógica no interior das sociedades que as adotam, são funcionais para a sua existência.

Cada sociedade, dependendo das suas particularidades, possui o direito de desenvolver-se de modo autônomo, inexistindo uma teoria acerca da humanidade que seja dotada de um alcance universal e capaz de impor-se diante de uma outra reivindicando qualquer tipo de superioridade (GARCIA CANCLINI, *op. cit.*).

A produção cultural surge a partir das condições materiais de vida de cada sociedade e nelas está arraigada, isso é comprovado nas classes populares, onde canções, crenças e festas estão ligadas de modo mais estreito e cotidiano ao trabalho material ao qual se entregam quase todo o tempo. Portanto, segundo Garcia Canclini (*op.cit.*, p.42) culturas populares:

Se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida.

Nesse enfoque, as culturas populares são resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, realizando uma elaboração específica das suas condições de vida através de uma interação conflitiva com os setores hegemônicos.

Em sua análise, Garcia Canclini conclui que o futuro das culturas populares dependerá do conjunto da sociedade, pois é necessária participação, crítica e organização, redefinindo a produção e o modo de relação com mercado e consumidores. Salienta, também, a necessidade de um novo público, um novo turismo, um outro modo de exercer o gosto e de se pensar cultura. Para ele, processos culturais não devem se encontrar fechados nas vitrines de arte, devem ser recolocados nos fatos e mensagens, por meio dos quais aprende-se a pensar e

a sentir. Porém, isso só será possível quando as sociedades não se basearem na exploração mercantil dos homens e de suas obras.

Existem duas categorias de profissionais em que a cultura integra-se como instrumento ou insumo da atividade profissional: os produtores culturais e os planejadores da área do turismo, que têm na cultura um componente essencial para o seu objeto de trabalho (GASTAL, 2001).

O elemento cultural, entendido pelos produtos e manifestações concretas, tanto eruditas como populares, possui grande importância para a atividade turística, pois é através das mesmas que visitantes e comunidade receptora poderão constituir suas trocas culturais, sendo, então, a cultura um veículo de socialização entre os mesmos.

Portanto, cultura deve ser entendida como um processo de saberes de uma determinada comunidade que, em certo momento, gerará produtos específicos, com grande carga simbólica, sendo fundamental treinar o olhar do visitante para percebê-lo. Como insumo turístico, a cultura viva é praticada diariamente por uma comunidade, não sendo um espetáculo somente para turistas (GASTAL, *op. cit.*).

Quando se fala de cultura e se tenta compreender especificamente o que acontece num local que tem um atrativo turístico histórico e cultural e onde há, também, um deslocamento diário de uma comunidade indígena, sem que haja uma busca pela sua singularidade étnica, como é o caso deste estudo, parece ser pertinente recorrer a Grünewald (2001) quando fala no fenômeno da etnicidade, analisado dentro da sua conformação histórica e não pelos elos primordiais acionados pelos atores sociais, visto que a ação desses atores é histórica e a substância da identidade é construída nos processos históricos de etnicidade, etnogênese e territorialização.



Grünwald (*op.cit.*) parte da premissa que as culturas não estão presas a um lugar determinado, pois percebe que suas associações a lugares e populações são criações sociais e históricas que, antes de serem tomadas como ponto de partida, devem ser exploradas e compreendidas como resultados complexos e contingentes de processos históricos e políticos em andamento.

Clifford (1977 *apud* Grünwald, *op. Cit.*, p.12) relata como em locais turísticos uma cultura distinta procura se afirmar contra forças históricas:

quando fronteiras (*borders*) ganham uma centralidade paradoxal, margens, bordas e linhas de comunicação emergem como mapas e histórias complexas. Para dar conta dessas formações, eu me aproximo das concepções emergentes de cultura translocal (não global ou universal). Em antropologia, por exemplo, novos paradigmas teóricos articulam explicitamente processos locais e globais em modos relacionais, não teológicos. Velhos termos são complicados – termos tais como “aculturação”( com sua trajetória excessivamente linear: da cultura A para a cultura B) ou “sincretismo”( com sua imagem de dois sistemas claramente obscurecidos). Os novos paradigmas começam com contato histórico, com emaranhado e níveis regional e transnacional em interseção. As abordagens do contato pressupõem não totalidades socioculturais subseqüentemente introduzidas pela relação, mas antes sistemas já constituídos relacionalmente, entrando em novas relações através de processos históricos de deslocamentos.

Em seu estudo com os índios Pataxó, na Bahia, Grünwald (*op.cit.*, p.14.) percebe o turismo como um “grande promovedor de um campo social, no qual fluxos comunicativos entram em evidência e os índios procuram exibir sua produção cultural”.

Para seu estudo, Grünwald (*op. cit.*) vale-se de Hannerz (1987), quando ele afirma que há um fluxo de cultura transnacional em um contínuo partilhar de combinações e sínteses diversas com a cultura de um determinado local. Ele afasta a necessidade de uma coerência para uma cultura, pela diversidade de experiências e perspectivas entre os membros da sociedade. Este enfoque recai sobre as relações sociais criadas a partir do repertório cultural dos indivíduos.

Tais situações podem ser exemplificadas nas interações entre turistas e populações que recebem constantes fluxos de visitação, pois indivíduos levam no momento das interações sociais sua bagagem de vida acumulada e criam perspectivas que se destacam nas interações concretas vivenciadas. Isso ocorre com a comunidade local que têm, também, suas bagagens e perspectivas no momento do contato.

Importante aqui, portanto, esclarecer que essas colocações devem-se ao fato de perceber a necessidade da percepção de como uma comunidade se move dentro do seu próprio contexto cultural e como ela responde a todas as mudanças a que está sujeita pelas interações sociais e processos de desenvolvimento frente a uma região turística.

Silva (2001) afirma que para se entender os impactos sociais decorrentes da atividade turística é preciso perceber os saberes e os fazeres da população sobre o mundo e suas relações entre o que seja viver em comunidade e cultura:

(...) conhecer o outro é, dentro do fazer antropológico, uma necessidade, para que possamos apreender especificidades de uma dada comunidade ou população de nosso interesse. A antropologia nasceu e se construiu desvendando as diferenças, e são essas diferenças que distanciam as fronteiras culturais ao mesmo tempo em que nos ajudam a estabelecer aproximações e interações entre o "outro" e nós, possibilitando o que denominamos de encontro etnográfico. (SILVA, *op.cit*, p.178)

Isso dito, salienta-se que o interesse da pesquisa com a comunidade Guarani é detectar o desenvolvimento que a mesma possa ter tido no período analisado, em decorrência do turismo cultural nas Ruínas Jesuíticas de São Miguel das Missões, no estado do Rio Grande do Sul e verificar se o que está acontecendo no local promove o turismo cultural.

### **3. SÃO MIGUEL DAS MISSÕES: O LOCAL DE OBSERVAÇÃO**

#### **3.1 Contextualização histórica**

As Ruínas Jesuíticas de São Miguel das Missões situam-se na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, local que tem suas atividades baseadas no turismo cultural, um dos locais que pertenceu a um período da história da colonização que ao longo do século XVII formou as Missões Jesuíticas na América Latina.

Conforme Kern (1994), os trinta povoados fundados pelos missionários jesuítas tinham como objetivo evangelizar índios Guarani, naturais da região. Com seu projeto, desenvolveram no local uma sociedade que deixou seus vestígios na história do rio da Prata. Processo complexo de ocupação territorial, a experiência vivida nos povoados missioneiros acabou destruída pelos colonizadores portugueses e espanhóis, pela mudança da política europeia. O Tratado de Madri, estabelecido entre Portugal e Espanha no ano de 1750, determinando a permuta territorial da Colônia de Sacramento pertencente a Portugal, pelos Sete Povos das Missões, de domínio espanhol, provocou a resistência dos Guarani e a ira das coroas, que arrasaram todas as reduções através de seus exércitos coloniais.

Este capítulo tratará dos aspectos históricos das missões, das características dos índios guarani e de São Miguel das Missões, local onde reside uma comunidade de índios Guarani.

### **3.1.1 A colonização europeia na América**

Antes da chamada era dos “descobrimentos”, o continente americano era ocupado, tradicionalmente, por diferentes culturas e civilizações nativas. Segundo Ribeiro, (1977, p.41), a América era povoada por "(...) sociedades de nível tribal, estruturadas já em estados rural-artesaniais e mesmo em grandes impérios teocráticos de regadio (Inca, Maia e Asteca)."

No ano de 1494 foi estabelecido o Tratado de Tordesilhas, pondo limites para as possessões decorrentes das descobertas feitas por portugueses e espanhóis, inseridas no contexto da expansão do capitalismo mercantil. Além da colonização promovida pelas duas Coroas, também chegaram à América diferentes ordens religiosas católicas.

Nesse período, a Igreja católica confrontava-se com a Reforma, movimento que ocasionou a divisão da Igreja católica entre católicos e protestantes, liderada por Martinho Lutero, da Alemanha. A resposta da Igreja católica a esse movimento foi a Contra – Reforma, quando houve uma modificação nos métodos de evangelização do Catolicismo, promovendo uma reorganização nas antigas ordens religiosas e fundação de outras congregações, tendo como objetivo recuperar a influência perdida junto aos governos nacionalistas (FLORES, 1983).

Destacam-se, nessa época, os Jesuítas, cuja ordem religiosa (Companhia de Jesus) foi fundada pelo militar espanhol Ignácio de Loyola em 1540, que tiveram um

importante papel na relação com povos nativos e na consolidação dos novos territórios descobertos. É nesse contexto que se dá a colonização espanhola, tendo como objetivo evangelizar e “civilizar” os índios dentro da fórmula “a serviço de Deus e de sua Majestade”, pois o contato com os indígenas, as distâncias geográficas, as particularidades da conquista ampliaram estas idéias, desviando-as para interesses pessoais dos conquistadores e administradores (CERVO *apud* Flores, *op. cit.*).

### **3.1.2 As missões jesuíticas**

As missões religiosas desenvolveram-se na Europa católica durante o século XVI. Segundo Gutierrez (1987, p.8), ‘missão’ era “um avanço sobre zonas indígenas não catequizadas ou sobre centros urbanos de espanhóis, onde por um certo tempo se pregava e em seguida retornava ao colégio ou residência central”. Para a Coroa Espanhola e a Igreja era a forma de defender as fronteiras da América e controlar os impostos. No plano religioso, os indígenas eram batizados extensivamente, pois havia por parte dos religiosos o pensamento de que com essa atitude eles mudariam radicalmente. Porém, a insuficiência desse sistema obrigou a reforçar a ação de persuasão e formação nas comunidades nativas, formando as reduções.

Reduções, conforme Gutierrez (*op.cit*, p.8) eram “núcleos urbanos onde se reduziam os indígenas de parcialidades afins que viviam dispersos em áreas rurais”, tendo como finalidade assegurar a aprendizagem eficaz da doutrina e um rigoroso controle tributário, convergindo razões de ordem religiosa, política e econômica, através de um novo sistema de organização, que eram as alternativas que restavam aos índios Guarani, ameaçados pelos bandeirantes que buscavam escravos.

Cada redução era completamente isolada e os jesuítas introduziram um regime comunitário onde todos trabalhavam para todos e ao mesmo tempo para si. A produção pertencia à redução e todos recebiam sua parte. O excedente era levado ao mercado, nos navios pertencentes à Companhia e vendidos por conta da Ordem. As somas arrecadadas eram empregadas nas decorações das igrejas, nos serviços religiosos e ainda sobrava uma renda líquida para a Companhia de Jesus (BESCHOREN, 2004).

Ainda quanto aos aspectos das reduções, Beschoren (*op.cit.*) afirma que aos quatro anos de idade as crianças eram separadas dos pais e, sob fiscalização dos jesuítas, tomavam parte nos serviços do campo. As mais talentosas eram escolhidas e formadas no culto religioso e demais ocupações como artífices, recebendo ensinamento de canto, dança, leitura, escrita e aritmética. As orações eram realizadas diariamente ao amanhecer e, depois do trabalho diário, voltavam para a Igreja, à tarde, fazendo orações em comunidade. A agricultura e a pecuária eram desenvolvidas e também o cultivo do algodão e da erva-mate, de acordo com as potencialidades do assentamento e a disponibilidade das terras e recursos naturais.

Érico Veríssimo (1997, p. 29; 31-32) descreve o dia-a-dia de uma redução:

Às oito horas os índios que trabalhavam nas plantações e na estância reuniram-se como de costume na frente da igreja e Pe. Alonzo fez-lhe uma pequena preleção. Disse-lhes que se colhessem muito trigo, teriam muita farinha; se tivessem muita farinha dariam serviço ao moinho; se o moinho trabalhasse, os padeiros poderiam fazer muito pão; e se todos tivessem muito pão, ficariam bem alimentados; e se fossem bem alimentados Deus ficaria feliz. Acrescentou que naquele ano precisavam exportar mais erva-mate e algodão para Buenos Aires, pois quanto mais coisas exportassem mais dinheiro teriam, não só para pagar os dízimos ao Rei de Espanha, como também para comprar remédios, instrumentos e – oh! Sim- mais coisas belas para a igreja: cálices, cruzes, castiçais...Quando ele terminou de falar, os índios trouxeram de dentro da catedral a imagem de Santo Izidro e o cortejo se formou. A frente iam os tocadores de flautas, tiorbas, clarins e tambores; seguiam-se os homens que carregavam nos ombros a imagem do patrono da lavoura; depois vinham os outros índios, cujas vozes, que entoavam um canto sacro, subiam no ar luminoso. Alonzo ficou

a observá-los por algum tempo, e depois que viu o grupo sumir na encosta do outeiro, saiu para as tarefas do dia. Aquela hora o Pe. Antônio deveria estar confessando índios e índias e depois iria dar aula de doutrina cristã (...) Na oficina, Alonzo foi ver o que estavam modelando os escultores e ali passou uma hora. O índio Francisco, que nascera e se educara na missão, era um escultor consumado. Havia talhado muitas imagens, algumas das quais se achavam nas igrejas de outras reduções. (...) Depois de visitar a padaria, a casa dos teares, a olaria e o moinho, Alonzo foi ao Cabildo, onde o Corregedor – um índio imponente que ostentava uniforme amarela e encarnado dos soldados espanhóis – discutia com membros do Conselho problemas de administração judiciária. Quando escrevia a parentes e amigos da Espanha, Alonzo nunca deixara de elogiar a organização nas reduções, que, à maneira das povoações espanholas, era governadas por um Cabildo, para o qual os índios escolhiam em eleições anuais o corregedor – a autoridade máxima- (...). Contava-lhes também como os indígenas aprendiam, através das lições práticas e vivas, que o indivíduo pouco ou nada vale fora da coletividade a que pertence. Toda a produção das lavouras e estâncias de gado das reduções pertencia à comunidade, e os bens de consumo eram distribuídos igualmente entre todos. (...) Do dinheiro apurado na venda de erva-mate e outros produtos que exportava para o Rio da Prata, pagava impostos ao rei de Espanha, sendo o resto empregado na compra de instrumentos de trabalho, alfaias e outros objetos para as igrejas. O que sobrava era finalmente remetido aos cofres da Sociedade de Jesus, em Roma.

Quevedo (*op.cit.*) afirma que a institucionalização das reduções enquanto projeto colonial, a partir do momento que a Coroa espanhola abarca as terras dos índios, integrando-as ao espaço territorial, político e econômico da Zona da Bacia do Prata, transforma os índios Guarani em súditos, agentes e defensores da causa política comum. Os índios trabalharam arduamente e com austeridade na implantação do sistema colonial espanhol, lutando para defender o interesse do colonizador.

Sobre essa experiência, os jesuítas iniciaram em 1609 a mais notável ação social e cultural de catequização em vasto território, formando a Província Jesuítica do Paraguai.

### 3.1.3 Província Jesuítica do Paraguai

A Província Jesuítica do Paraguai estendia-se por mais de 700.000 quilômetros quadrados, formada pelas missões de Itati, Guairá, Paraguai e Uruguai, abrangendo terras pertencentes atualmente à Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil (Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Em diversas ocasiões, as tropas espanholas tentaram dominar os nativos da região mesopotâmica do Paraná e Uruguai, não obtendo sucesso. Em 1609, o padre Lorenzane fundou a missão de Santo Inácio Guaçu e no ano de 1610, os padres José Cataldino e Simão Masseta atravessaram o rio Paraná, reunindo índios nas reduções de Nossa Senhora de Loreto e de Santo Inácio Mini. O Padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, que já havia contatado guaicurus nas proximidades de Assunção, dirigiu-se para a região, onde fundou as reduções de Nossas Senhora de Encarnação de Itapuã, em 1615, e de Conceição, em 1619, sendo esta, junto ao Rio Uruguai e que serviria de porta de entrada para a conquista do Rio Grande do Sul (FLORES, *op.cit.*)

O espanhol Antonio Ruiz Montoya fundou os primeiros povoados missioneiros, em Guaíra, a oeste do estado do Paraná. A seguir foram fundados os povoados de Itatim, ao sul do Mato Grosso do Sul. Com a ação predatória dos bandeirantes e encomendeiros atrás dos índios, houve um declínio nessas reduções, com o abandono dos padres, que organizaram uma expedição para o Sul, passando a ocupar um vasto território em parte do Paraguai, Argentina e Brasil, formando a Província Jesuítica do Paraguai (PESAVENTO, 1982).



Figura 1. Província Jesuítica do Paraguai



Fonte: MEDER; GUTIÉRREZ, 2003.

No ano de 1626, o padre Roque Gonzáles, de Santa Cruz, sob bandeira espanhola, fundou a redução de São Nicolau, na região do Tape, sendo a primeira povoação europeia no atual território, e até o ano de 1634 mais dezoito novas reduções se estabeleceram pela zona de Ijuí, Piratini, Jacuí, Taquari, Ibicuí, Guaíba e Rio Pardo, reduções que se dedicaram à agricultura e formaram estâncias de criação de gado, trazidos da província argentina de Corrientes. Várias reduções tinham como principal atividade à criação de gado, estruturando as primeiras estâncias (PESAVENTO, *op.cit.*).

Os portugueses fundaram a Colônia do Sacramento no ano de 1680, em território espanhol junto ao Rio da Prata, nas proximidades de Buenos Aires, pois tinham interesse em participar do contrabando de prata que vinha do Peru e da Bolívia, passando a transitar pelos territórios abandonados, tomando conhecimento das imensas reservas de gado da “Vacaria del Mar” deixadas pelos jesuítas, que

tinham muito valor pois abasteciam as regiões de mineração do centro do país (PESAVENTO, *op. cit.*).

A tendência de abate indiscriminado nas reservas de gado não passou despercebida pelos jesuítas, que retornaram ao Rio Grande do Sul. Os jesuítas dividiram o rebanho e o levaram para o nordeste do Rio Grande do Sul, para uma nova reserva de gado denominada “Vacaria dos Pinhais”, localizada nos campos de cima da serra. Foram estabelecidas, também, grandes estâncias junto às reduções. A partir daí, os jesuítas passaram a nomear os caciques como chefes de setores de serviço administrativo, adaptando a cultura indígena e aos poucos desenvolvendo os quadros necessários à organização de cada redução, substituindo antigas lideranças. Até a metade do século XVIII, as reduções criadas em território gaúcho constituíram-se numa linha de expansão em direção ao sul, quase independente da espanhola ou portuguesa (PESAVENTO, *op.cit.*).

Foram criados nesse período os chamados Sete Povos da Banca Oriental do Rio Uruguai, hoje em território gaúcho. Foram eles – São Francisco de Borja (1682), São Nicolau (1687), São Luiz Gonzaga(1687), São Miguel Arcanjo(1687), São Lourenço Mártir(1690), São João Batista (1697), Santo Ângelo Custódio (1706).

Abaixo, na figura 2, pode-se visualizar o mapa da localização dos Sete Povos das Missões no atual território do Rio Grande do Sul a localização dos Sete Povoados em território gaúcho, o Rio da Prata, a Colônia do Sacramento, a Vacaria dos Pinhais e Vacaria Del Mar:

**Figura 2. Mapa da localização dos Sete Povos das Missões no atual território do Rio Grande do Sul**



Fonte: TEIXEIRA, G. U. , 1990

Com unidades bem desenvolvidas e praticamente autônomas, exportando para a Europa e enviando tributos para a sede em Roma, que possuía grande influência política nos estados católicos da Europa, a Companhia de Jesus tornava-se, aos poucos, uma ameaça política à segurança das monarquias ibéricas, e a região foi colocada em pauta nas disposições do Tratado de Madri, estabelecido entre Espanha e Portugal no ano de 1750, que firmava novos limites na região do Rio da Prata. Ficou estabelecida a troca dos Sete Povos, pertencentes à Espanha pela Colônia do Sacramento, pertencente a Portugal, embora a mesma estivesse em território espanhol. Isso significava que os índios deveriam deixar suas terras e

reduções. Os índios missioneiros recusaram-se a entregar as terras, motivando a Guerra Guaranítica (1754 –1756). O conflito entre as tropas luso-castelhanas e os índios rebeldes terminou com o combate de Caiboaté, com a derrota dos Guarani, destacando-se a figura de Sepé Tiaraju no comando dos índios.

O Tratado de Madrid não chegou a ser posto em prática e foi anulado no ano de 1761 pelo Tratado de El Pardo. Porém, com a expulsão dos jesuítas, a região ficou em poder de administração espanhola leiga e de novas ordens religiosas. A falta de continuidade no processo anterior fez com que o local entrasse em decadência e o que restou aos índios foi abandonar o local para trabalhar nas estâncias gaúchas. Muitos voltaram para as florestas e um grande número de Guarani foi levado pelos portugueses, fundando as aldeias de São Nicolau da Cachoeira, hoje Cachoeira do Sul, São Nicolau do Rio Pardo, hoje Rio Pardo e Nossa Senhora dos Anjos, conhecida hoje como Gravataí.

O ano de 1768 marca a interrupção do ciclo das missões jesuíticas e em 1801 as Terras dos Sete Povos são conquistadas por Manoel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, ficando definida a fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul. A região que se encontrava em decadência sob a administração espanhola leiga passa a ser nova área para expansão de sesmarias.

#### **3.1.4 Os Guarani que habitavam a região sul**

Nos séculos XVI e XVII, os historiadores e cronistas denominavam Guarani os grupos de mesma língua que se encontravam desde a costa atlântica até o Paraguai. Com a chegada dos conquistadores, o território ocupado pelos Guarani tornou-se palco de disputas entre portugueses e espanhóis que tinham o intuito de

ampliar seu próprio domínio. Aos espanhóis interessava ampliar o território de seus aliados Guarani, acontecendo o mesmo com os portugueses e seus aliados Carijó, sobrepondo classificações e divisões tribais segundo seus próprios interesses. Essas eram as denominações dadas aos povos que em ampla extensão de terra falavam a mesma língua, alguns povoados caracterizados como de índios rebeldes e guerreiros, e outros como pacíficos e submissos. Os termos Guarani e Carijó foram empregados pelos cronistas e historiadores sem detalhar diferenças dialetais ou culturais (VERBETES GUARANI, 2003).

Nos séculos XVIII e XIX, os grupos Guarani que não se submeteram ao sistema de *encomienda*<sup>1</sup> espanhola nem às missões jesuíticas, refugiaram-se nos montes e nas matas subtropicais da região do Guaíra Paraguaio e dos Sete Povos, aparecendo na literatura com o nome genérico de Caingá, Caaiguá, Ka'ayguá ou Kaiguá. Kaygua provém de *ka'aguygua*, que significa "habitantes das matas". (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

Os Guarani que habitavam a região sul (onde se localiza atualmente São Miguel das Missões) possuíam características do período paleolítico superior, pois eram um grupo de caçadores, coletores e horticultores. Caçavam com instrumentos e armadilhas e o cultivo do solo era apenas de subsistência, conforme havia o esgotamento da terra as tribos mudavam-se de local (QUEVEDO, *op. cit.*).

Possuíam famílias numerosas e todos os descendentes habitavam a mesma casa, que não possuía divisão interna, ficando os homens encarregados da defesa da tribo, da caça e dos cuidados do solo. As tribos eram lideradas por caciques, que deviam ser homens fortes e a economia era baseada na troca permanente das

---

<sup>1</sup> um sistema onde pagariam tributo ao proprietário da terra, o ecomendeiro, em troca de catequese, assistência e defesa. Quando havia falta de mão-de-obra na comunidade, o índio encomendado pagava seu tributo com trabalho.

posses. Já as mulheres eram responsáveis pela alimentação e confecção dos objetos de cerâmica utilizados nas refeições e rituais. As crenças baseavam-se no mito “terra sem mal”, o paraíso onde o sol se punha e as festas ocorriam após vitórias ou comemorações, onde todos bebiam uma cerveja feita de mandioca e milho (KERN, *op. cit.*).

A chegada dos europeus modificou radicalmente as tradições dos Guarani e os índios passaram a disputar o território, fundamental para sua sobrevivência, passando para o trabalho agrícola e pastoril. Nas reduções, todos trabalhavam ou tinham alguma função, até mesmo velhos e crianças. Além dos trabalhos agrícolas e pastoris, também produziam toda a roupa utilizada pela população, sendo o excedente da produção trocado por mercadorias ou utilizado para pagar impostos à Coroa Espanhola. As terras cultivadas eram chamadas de Anhambaé (individuais), designando a Terra do Homem, utilizadas para o sustento das famílias e Tupumbaé (coletivas), designando a Terra de Deus, destinadas ao comércio e a abastecer aqueles que não trabalhavam na terra. Dois dias da semana eram destinados para se trabalhar no Tupumbaé e dois dias semanais no Anhambaé, mas sempre se destinava uma parte do dia para atividade religiosa. A música, o canto, a dança, o teatro, a pintura, a escultura, enfim, todos os recursos eram utilizados para o exercício da catequese (QUEVEDO, *op. cit.*).

Os índios Guarani possuíam grande facilidade em imitar modelos europeus na escultura e a escultura Guarani passou por fases diferenciadas: o didatismo – que visava à instrução religiosa e à promoção dos templos de referências iconográficas para a pregação, baseada no estilo Barroco, passando por mutações à medida que começa a ter uma expressão própria, que ficou conhecida como Barroco

Missioneiro. Possuíam grande sensibilidade para a música e os padres utilizaram a música para conquistar os indígenas (QUEVEDO, *op. cit.*).

Em São Miguel, a música também passa por fases. Inicialmente renascentista (até 1691) e após a chegada do Padre Antonio Sepp para o Barroco, quando se dá o aperfeiçoamento dos instrumentos musicais (peças francesas, alemãs, italianas e espanholas). A música em São Miguel é marcada pela chegada de Domenico Zipoli, no ano de 1717, responsável pela música sacra no local. No ano de 1756, com a decadência do local, inúmeros saques, roubos e incêndios acabam determinando o total abandono das oficinas. A partir daí, a ação do tempo, a vegetação e o clima ajudam a acelerar a transformação da redução de São Miguel das Missões em grandes ruínas (GUTIERREZ, *op. cit.*).

#### **3.1.4.1 Sobre os índios Guarani Mbya**

Faz-se necessário corrigir a falsa noção de que há uma completa identidade entre “Guarani” e “Mbya”: o primeiro termo indica uma identidade lingüística mais ampla e também um conceito historicamente construído pela colonização e legitimado pela historiografia e pela etnologia; o segundo designa tanto um dialeto variante da língua guarani quanto uma identidade relacionada a uma etnia específica, com características culturais próprias que a diferencia dos demais Guarani. Toda bibliografia etnológica especializada reitera que há muitos diferentes grupos falantes do Guarani, sendo os Mbya apenas um deles. O problema é a opinião leiga, que confunde o Guarani histórico, aquele do passado colonial, com os índios contemporâneos de fala Guarani, como se houvesse uma continuidade histórica entre tais termos, algo cientificamente questionado. Porém, mesmos

técnicos de formação acadêmica produzem essa opinião do senso comum, fazendo uma ligação simplificada e imediata entre os Guarani históricos e os Mbya, querendo dar caráter científico a uma versão genérica e sem base de sustentação etnográfica (SOUZA; ASSIS, 2000).

Souza e Assis (*op.cit.*) relatam que foi o brigadeiro Don Félix de Azara que, ao final do século XVIII, deixou registrada as primeiras observações sobre os Guarani Caaguá, sobreviventes à margem das reduções e que estavam fora da catequese jesuíta. Estes seriam, segundo a classificação etnológica vigente na atualidade, grupos de Mbya e Chiripá. Em viagem realizada entre 1820 e 1821, o suíço Johan Rudolph Rengger deixa registrado, também, seu encontro com os Guarani do Paraguai, então conhecidos como Cainguá, fazendo contato rápido com alguns índios antecedentes dos, atualmente, chamados Mbya. O suíço Manchon esteve durante três meses visitando alguns Cainguá-Mbya no ano de 1891 e deixou alguns registros escritos e iconográficos sobre eles.

No caso da região onde foi criado o Rio Grande do Sul, não há referências documentais que descrevam a sobrevivência de grupos Guarani em estado selvático ao longo do século XIX, o que inviabiliza identificar uma origem local para os atuais Mbya. Viajantes e naturalistas que deixaram algum registro sobre a etnografia da região retratam apenas uma realidade de submissão aos fazendeiros e militares, onde vigorava a mestiçagem, a decadência cultural e a anomia social dos Guarani-tape dissipados desde a expulsão dos jesuítas em 1768. Alguns contingentes populacionais Guarani receberam atenção oficial no século XIX, servindo de base para a formação de um campesinato indígena, marginalizado ao processo de regularização privada da terra em prol do latifúndio. Já a historiografia portuguesa registra como extintos os Guarani missioneiros e os índios que passaram a receber



maior atenção do estado imperial brasileiro foram os Botocudos e Coroados (SOUZA; ASSIS, *op. Cit.*).

Depois da Guerra do Paraguai (1865-1870), iniciou-se um amplo processo de privatização das florestas pelo estado Paraguaio, atingindo diretamente o território Mbya, desencadeando um processo migratório – de caráter cosmológico e religiosos – de grupos Mbya em direção ao território brasileiro, através de missões em direção ao Guairá (oeste do Paraná e Santa Catarina) e ao Alto-Uruguai, processo ampliado para outros estados brasileiros nas primeiras décadas do século XX (SOUZA; ASSIS, *op. cit.*).

Em 1895, Juan Bautista Ambrosetti fez uma primeira monografia ampla e sistemática sobre os Caingá (os Guarani do Paraguai), distinguindo claramente dois tipos de Guarani, os Chiripá e os Apuiteré, Baticola ou Baa-berá (ou seja, os Mbya). Estes segundos, distribuídos nas florestas do Paraguai Oriental e de Misiones, norte da Argentina, região identificada, desde então, como o berço geográfico do Mbya. Conclusão que foi reiterada por Cadogan, que comenta terem os Mbya aí resistido bélica e espiritualmente à conquista da espada e da Cruz ibéricas por mais de duzentos anos (SOUZA: ASSIS, *op. cit.*).

Leon Cadogan realizou trabalho etnográfico entre os Guarani do Paraguai, vivendo desde 1946 entre os mesmos e chegando a adotar e receber nome entre os Mbya, fazendo uma etno-história dos Mbya. Uma grande epidemia de varíola, ocorrida no início do século XX, é indicada como fator desagregador final da resistência tribal (SOUZA: ASSIS, *op. cit.*).

A região de Santa Rosa era habitada por algumas aldeias dos índios Mbya, quando ali se iniciou o processo de colonização oficial republicana nas primeiras décadas do século XX. Ivori Garlet e Valéria Assis, no ano de 1998, recolheram

informações sobre duas diferentes aldeias existentes na região, em Crissiumal e em Santo Cristo, desaparecidas posteriormente. O Governo do estado do Rio Grande do Sul chegou a discriminar como terra indígena os Toldos de Santa Rosa e de Santo Cristo, que rapidamente foram expropriados em proveito dos colonos não –índios. Os Mbya só tiveram condições de permanecer circulando na região, eventualmente acampados na terra indígena da Guarita, habitada predominantemente por índios Kaingang, aos quais deviam se manter subordinados desde os tempos do Serviço de Proteção ao Índio - Spi (GARLET; ASSIS, 1998).

Levantamentos etnográficos e de história oral mais recentes, realizados entre os grupos Mbya existentes no sul do Brasil, confirmam e complementam estas informações. Garlet indica que a expansão Mbya ocorreu através de três pólos no estado, sendo o mais antigo no Alto-Uruguai, uma vez que as terras de Santa Rosa foram loteadas para domínio privado. Os Mbya continuaram sua rota de expansão para leste e sul, chegando ao Alto-Jacuí em torno de 1935, onde havia uma ocupação Nandeva (Chiripá) relacionada ao extinto Toldo Lagoão e à localidade de Salto do Jacuí. Deste segundo pólo, lançaram-se para a depressão central em direção ao litoral sul, chegando a criar diversos acampamentos em pontos extremos do município de Camaquã, desde a metade do século XX. Assim criou-se o terceiro pólo de expansão no estado. De tais pólos, eles foram expandindo seus acampamentos, para o sul até o Uruguai e para o norte em direção a Santa Catarina e Paraná (GARLET; ASSIS, *op. cit.*).

### 3.1.4.2 Características dos índios Guarani

Foi a partir de meados do século XX que os estudos etnográficos permitiram um maior conhecimento sobre as especificidades lingüísticas, religiosas, políticas e sobre a cultura material guarani, definindo as bases para a classificação ainda vigente dos subgrupos. Recentemente, a localização dos grupos e centros de origem e dispersão são critérios considerados nas classificações e subdivisões desse grupo indígena.

No Brasil, os Mbya encontram-se em aldeias situadas no interior e no litoral dos estados do sul – Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul – e em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, em várias aldeias junto à Mata Atlântica. Também na região norte do país encontram-se famílias Mbya, originárias de um mesmo grande grupo e que vieram ao Brasil após a Guerra do Paraguai, separaram-se em grupos familiares e, atualmente, vivem no Pará (município de Jacundá), em Tocantins numa das áreas Karajá de Xambioá, além de poucas famílias dispersas na região centro-oeste (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

Levantamentos realizados a partir das décadas de 1960 e 1970 e a crescente visibilidade das aldeias, na atualidade, comprovam que os Mbya passaram a predominar numericamente em toda a faixa litorânea do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo.

Os Mbya, dentre os grupos Guarani, vêm ocupando áreas no litoral Atlântico, tendo como motivo – a busca da terra sem mal (*yvy marãey*), a terra perfeita (*yvyju miri*), o paraíso aonde para se chegar é preciso atravessar a ‘grande água’, este é o modo como os grupos familiares traçam sua história através das caminhadas, recriando e recuperando sua tradição num ‘novo’ lugar, faz com que sejam

portadores de uma experiência de vida e de sobrevivência também comuns. Assim como o sistema de reciprocidade e as vivências comuns são aspectos integradores dos Mbya, os fatores atuais de diferenciação destes com os outros subgrupos Guarani residem nas divisões espaciais, em expressões lingüísticas, em elementos da cultura material (adornos, artefatos de uso ritual) e nos rituais nos quais há músicas e cantos específicos(VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

A população Guarani no Brasil é estimada em torno de 34.000 pessoas, entre os Kaiowa (18.000 a 20.000), Ñandeva (8.000 a 10.000) e Mbya (5.000 a 6.000). Atualmente, seriam as agências de saúde que atuam nas aldeias as fontes mais seguras (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

Existem dificuldades de quantificar os Guarani. No caso dos Mbya, uma rede de parentesco e reciprocidade se estende por todo o seu território, compreendendo as regiões onde se situam as suas comunidades, implicando uma dinâmica social que exige intensa mobilidade (visitas de parentes, rituais, intercâmbios de materiais para artesanato e de cultivos etc). Desse modo, tecnicamente, seria quase impossível contar os indivíduos, havendo, ainda, outros aspectos, entre os quais: o acesso a algumas aldeias ou moradias, dificuldades de obtenção de informações nas comunidades e, sobretudo, a aversão dos Guarani aos recenseadores, pois entendem que a contagem é uma forma de controle do Estado. Genealogias realizadas entre os Mbya revelam que a rede de parentesco se estende entre aldeias situadas em todas as regiões de seu território (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

### 3.1.4.3 A questão da territorialidade Guarani

Os Guarani Mbya mantêm a configuração de seu território tradicional através de suas inúmeras aldeias, distribuídas em vasta região, abrangendo regiões no Paraguai, na Argentina, no Uruguai e no Brasil, constituindo-se o mar seu limite terreno. Assim, para os Mbya, o conceito de território supera os limites físicos das aldeias e trilhas e está associado a uma noção de mundo que implica na redefinição constante das relações multiétnicas, no compartilhar espaços, etc. O domínio de seu território, por sua vez afirma-se no fato de que suas relações de reciprocidade não se encerram exclusivamente nem em suas aldeias, nem em complexos geográficos contínuos. Elas ocorrem no âmbito do “mundo”, onde se configura esse seu território. Desse modo, o domínio de um amplo território pelos Guarani acontece através das dinâmicas sociais, econômicas, políticas e de movimentos migratórios realizados ainda hoje sobretudo por famílias do subgrupo Mbya (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

O território ou mundo Guarani Mbya, enquanto espaço cartográfico e geográfico, é fragmentado e compartilhado por diferentes sociedades e grupos sociais. Em contraposição, as aldeias ou *tekoa* (lugar onde vivem segundo seus costumes e leis) não podem abrigar outros grupos humanos. O espaço físico de um *tekoa* deve conter recursos naturais preservados e permitir a privacidade da comunidade. Entretanto, a fragmentação atual das aldeias, definidas por limites artificiais em função do reconhecimento público e oficial de outras ocupações (fazendas, loteamentos, estradas, projetos de abastecimento, entre outras), inviabiliza-as enquanto espaço que garanta a subsistência da própria comunidade. Apesar disso, verifica-se, nas diversas aldeias, um modo peculiar de apreensão,

construção e organização do espaço, desenvolvido através do exercício social, político, religioso e do manejo de espécies tradicionais (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

Os índios Guarani Mbya do litoral procuram fundar suas aldeias com base nos preceitos míticos que fundamentam especialmente a sua relação com a Mata Atlântica, na qual, simbólica ou praticamente, condicionam sua sobrevivência. Esses lugares, procurados ainda hoje pelos Mbya, apresentam, através de elementos da flora e da fauna típicos da Mata Atlântica, de formações rochosas e mesmo de ruínas de edificações antigas (como o exemplo de São Miguel das Missões), indícios que confirmam essa tradição. Formar aldeias nesses lugares 'eleitos' significa estar mais perto do mundo celestial, pois, para muitos, é a partir desses locais que o acesso a *yvy marãey*, 'terra sem mal', é facilitado - objetivo histórico perpetuado pelos Mbya através de seus mitos (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).<sup>2</sup>

#### **3.1.4.4 A língua, a organização social, política e religiosa dos Guarani**

De acordo com o lingüista Aryon Dall'Igna Rodrigues, o Mbya, assim como Kaiowa e Nandeva são dialetos do idioma Guarani, que pertence à família Tupi-Guarani, do tronco lingüístico Tupi. A língua Guarani é falada por diferentes grupos/povos indígenas (Brasil, Paraguai, Argentina, Uruguai, Bolívia). Os Guarani Mbya mantêm sua língua viva e plena, sendo a transmissão oral o mais eficaz sistema na educação das crianças, na divulgação de conhecimentos e na comunicação inter e entre aldeias, constituindo-se a língua no mais forte elemento de sua identidade. Poucos Mbya, e em sua maioria representantes (ainda jovens) de

---

<sup>2</sup> Prova da importância da relação espacial dos Guarani com a mata é que estão se suicidando no estado do Mato Grosso por causa do desmatamento ocorrido nas últimas décadas no local.

seus interesses junto à sociedade nacional, falam o português com certa fluência. Crianças, mulheres e velhos são, em grande parte, monolíngües (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

A escrita em língua guarani vem sendo introduzida em aldeias Mbya com mais ênfase a partir de 1997, com a implantação de escolas bilíngües, a partir da criação dos NEIs - Núcleo de Educação Indígena, vinculados às Secretarias Estaduais de Educação e ao MEC. Observa-se que crianças que vêm sendo alfabetizadas em guarani muito novas (entre seis e dez anos de idade) perdem a fluência e a entonação da língua materna. Por outro lado, a alfabetização na língua Guarani, até o momento, constitui-se no argumento mais forte das instituições oficiais de que a educação escolar indígena implantada é diferenciada. Além da linguagem usual (*ayvu*), os Mbya conservam uma linguagem ritual, extremamente elaborada, *ayvu porã*, expressão traduzida por “belas palavras”, revelada pelas divindades aos dirigentes espirituais e pronunciada em ocasiões especiais. Os discursos assim proferidos contêm um vocabulário peculiar e fazem menção a conceitos especiais de ordem mítica e, em geral analisam uma situação atual (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

Para que se desenvolvam relações de reciprocidade entre os diversos *tekoa* Mbya é preciso que estes, em seu conjunto, apresentem certas constantes ambientais (matas preservadas, solo para agricultura, nascentes etc.) que permitam aos Mbya exercerem seu modo de ser e aplicar suas regras sociais. As aldeias Guarani podem ser formadas a partir de uma família extensa, desde que tenha uma chefia espiritual e política própria. O contingente populacional das aldeias Guarani Mbya varia, em média, entre 20 a 200 pessoas, compondo unidades familiares integradas pela chefia espiritual e política. A organização espacial interna das

aldeias é determinada pelas relações de afinidade e consangüinidade(VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

Entre os Mbya, a liderança espiritual é exercida pelo *Tamoi* (avô, genérico) e seus auxiliares (*yvyraija*), podendo ser exercida também por mulheres *Kunhã Karai*. Atualmente, cada comunidade tem um chefe político, o cacique, ao qual estão subordinadas jovens lideranças para intermediar nas relações entre a comunidade indígena e os representantes do Estado e vários setores da sociedade civil. Até meados da década de 1990 era comum, entre os Mbya, o líder espiritual e religioso exercer também a chefia política na comunidade. Em períodos de muitas atribuições decorrentes do contato, como ocorre atualmente, essa prática é impossível, pois o líder espiritual precisa ser preservado (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

Os Mbya constroem e mantêm uma casa para a prática de rezas e rituais coletivos, *opy guaçu*, ( casa da reza), localizada próxima ou mesmo agregada à casa do *tamõi*. As práticas religiosas dos Mbya são freqüentes e se estendem por muitas horas. Orientadas pelo dirigente espiritual, as rezas - realizadas através de cantos, danças e discursos - também se voltam às situações e necessidades corriqueiras (colheita, ausência ou excesso de chuva, problemas familiares, acontecimentos importantes, imprevistos etc.) A principal cerimônia realizada na *Opy* é o *Nheemongarai*, quando os cultivos tradicionais são colhidos e abençoados e são atribuídos os nomes às crianças nascidas no período. O *nheemongarai* deve coincidir com a época dos 'tempos novos' (*ara pyau*), caracterizada pelos fortes temporais que ocorrem no verão. Assim, a associação entre a colheita do milho e a cerimônia do seu 'benzimento' e da atribuição dos nomes-almas impõem o



calendário agrícola e a permanência das famílias nas aldeias (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

O acervo mitológico Guarani é extremamente rico e complexo. Por sua vez, os Mbya vêm incorporando, ao seu acervo mitológico, interpretações e acontecimentos vividos e veiculados entre eles, ao longo de sua história. Para os Mbya o cotidiano está impregnado de relações míticas, advindas da comunicação com as divindades. Assim, as tradições são postas em prática secularmente, segundo os princípios dos mitos que fundamentam o pensamento e ações dos Mbya (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

#### **3.1.4.5 As relações de contato**

Há um registro na história, desde o século XVI, de que os Guarani possuem conturbadas relações de contato, configuradas pelo confisco de seu território. No Brasil, os Guarani, além de carregarem o estigma de índios aculturados (em virtude do uso de roupas e outros bens e alimentos industrializados), são considerados como índios errantes ou nômades, estrangeiros (do Paraguai ou Argentina) etc. Esse fato, aliado à aversão desses índios em brigar por terra, via de regra era distorcido de seu significado original e utilizado para reiterar a tese, difundida entre os brancos, de que os Guarani não precisavam de terra, pois nem lutavam por ela. Dessa forma, favorecendo os interesses fundiários e econômicos especulativos, pretendeu-se descaracterizar a ocupação territorial Guarani, negando-lhes, sistematicamente, o direito a terra (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

Em 1910 foi criado o Serviço de Proteção aos Índios - SPI. Extinto pelo governo militar, que deu origem à FUNAI - Fundação Nacional do Índio, criada em 1967 e que, até o momento, exerce a política indigenista do Estado. Atualmente, nas regiões sul e sudeste várias administrações regionais da FUNAI abrangem administrativamente as terras dos Guarani e de outras etnias.

Além da tolerância e diplomacia, somam-se características do contato sistemático, desde a Conquista, que produziu, nos Guarani, formas muito específicas para preservarem suas tradições e estabelecerem relações com a sociedade dominante. Às custas do contato antigo e intenso com os brancos, caracterizado por perseguições culturais e físicas, desenvolveram vários mecanismos para guardar e viver suas tradições culturais e religiosas, garantindo sua reprodução enquanto povo e etnia. Seus métodos não excluíram o convívio inevitável com o branco, com quem sempre procuraram manter um relacionamento amistoso. A demonstração de respeito aos costumes e religiões alheias e o modelo de trajar-se copiado da população regional significavam, mais do que a submissão a um processo contínuo de aculturação, uma estratégia de auto-preservação (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

Atualmente, as instituições de educação e saúde têm sido mais presentes nas aldeias Guarani Mbya, estabelecendo-se novas formas de relações com a sociedade nacional. Os Guarani, devido às condições atuais de seu território, inserem-se num contexto onde pressões externas e internas provocam tensões e crises que obrigam-nos a repensar e remodelar continuamente as relações de contato. Vivem o grande paradoxo de sofrerem pressões para adotarem padrões da sociedade nacional, no que se refere à educação, saúde, trabalho, moradia etc., ao mesmo tempo em que, para terem seus direitos assegurados, devem manter-se

étnica e culturalmente diferenciados, vivendo “conforme seus costumes, línguas, crenças e tradições”. São criticados ou discriminados quando, aparentemente adotando modelos vigentes na sociedade envolvente, assemelham-se à população carente da nossa sociedade, da mesma forma que o são quando não adotam novas práticas de higiene e saúde, de educação, de técnicas construtivas e agrícolas etc (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

Apesar da tolerância e diplomacia observadas nas relações com a sociedade envolvente, atribuem aos brancos a precária situação ambiental e fundiária em que vivem. Novas lideranças têm realizado encaminhamentos para demarcação de suas terras.

#### **3.1.4.6 O atual sistema produtivo Guarani**

Para os Guarani, a agricultura é a atividade estrutural da vida comunitária. Pode-se dizer que, para os Mbya, o significado da agricultura encontra-se na sua própria possibilidade de realização e no que isso implica: organização interna, reciprocidade, intercâmbios de sementes e espécies, experimentos, rituais, renovação dos ciclos. Desse modo, a agricultura faz parte de um sistema mais amplo, que envolve aspectos da organização social e princípios éticos e simbólicos, fundamentados antes na dinâmica temporal de renovação dos ciclos, do que na quantidade e disponibilidade de alimento para consumo. Pode-se dizer que os Mbya não vivem da agricultura, porém não vivem sem ela. Os Guarani possuem cultivos tradicionais (variedades de milho e outros grãos, tubérculos etc.) que impõem cuidados maiores na observação das regras e dos períodos de plantio e colheita porque, ao contrário dos outros cultivos, interagem com as demais esferas da vida e

sua reprodução é condicionante para a realização dos rituais, sobretudo do *nheemongarai*. Essa cerimônia é exclusiva às plantas tradicionais, isto é, às variedades cultivadas secularmente pelos Guarani, que não se misturaram às espécies alheias (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

As áreas cultivadas dependem da disponibilidade, da qualidade da terra e da força de trabalho. Plantam frutíferas e espécies utilizadas como remédios ao redor das casas. Coletam frutos silvestres e material (paus, cipós, taquaras, palhas etc.) para confecção de artesanato, pequenas armadilhas e casas. Embora sendo fonte de alimento, a caça não é prática corriqueira entre os Guarani. Essa atividade envolve outros significados práticos e simbólicos que só terão continuidade com a sobrevivência das espécies. Possuem regras rigorosas de consumo, que implicam em seletividade e sazonalidade. A atividade de caça, apesar de sua importância social e cultural, vem diminuindo em razão da fragmentação das áreas de mata e de outros agentes de pressão na fauna da Mata Atlântica (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

O artesanato é uma atividade que foi incorporada pelos Guarani e implica em várias etapas de trabalho. O produto é um bem que pertence à família em todos os seus aspectos (criação, valor etc.), sendo de sua responsabilidade todo o processo de realização – coleta e corte de matéria prima na época certa (observando o calendário lunar), qualidade do material (natural e artificial) e da confecção, guarda, preço e venda. As tarefas, da produção à venda são distribuídas entre os membros da família, segundo critérios de idade, sexo e aptidão. Essa atividade também se insere na dinâmica de intercâmbios (matéria prima e peças) entre famílias. Até o momento, os Guarani mantêm a autonomia e o controle da mesma, o que garantiu a sua inserção e incorporação no conjunto de suas práticas tradicionais. Todavia, os

artefatos de uso (doméstico, ritual, corporal) não se confundem com os produzidos para a venda. De um modo geral, os Guarani Mbya poucas vezes trabalham fora da comunidade e quando o fazem é sempre de forma temporária. Sendo assim, o comércio do artesanato é ainda a principal fonte de renda. Nos últimos anos, alguns jovens vêm sendo contratados como agentes sanitários e de saúde e professores indígenas, pelo Estado (VERBETES GUARANI, *op. cit.*).

### **3.1.5 Características atuais do município de São Miguel das Missões**

É no ano de 1926 que surge a vila de São Miguel das Missões, quando foi criado um loteamento urbano no local. A partir do ano de 1978 começa a luta pela emancipação política administrativa do Município, ocorrendo o desmembramento do município de Santo Ângelo em 20 de dezembro de 1987. Após o plebiscito, a emancipação é promulgada pela Lei número 8.584, de 29 de abril de 1988 e cria-se o Município de São Miguel das Missões, no estado do Rio Grande do Sul.

Atualmente, as principais vias de acesso a São Miguel das Missões são a BR 286, BR 285 e RS 536. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a área de unidade territorial é de 1.381 quilômetros quadrados e sua população total no ano de 2000 era de 7.682 habitantes, sendo 3.971 homens e 3.711 mulheres, com uma população urbana de 3.088 e rural de 4.594 pessoas. Integrante da região política do COREDE (Conselho Regional de Desenvolvimento) – Missões, microrregião do IBGE de Santo Ângelo e mesorregião Noroeste Rio-Grandense. Os principais distritos de São Miguel são: Mato Grande, Campestre, São João das Missões, Coimbra, São José, Rincão dos Moraes. E os municípios

limítrofes são: São Luiz Gonzaga, Vitória das Missões, Entre-Ijuís, Caibaté, Capão do Cipó, Tupanciretã, Entre-Ijuís, Eugênio de Castro, Jóia, Santiago e Bossoroca.

Entre as atividades econômicas desenvolvidas no município estão a agricultura, com o cultivo do milho, da soja, do trigo e da aveia. A pecuária, com a criação de bovinos e ovinos e no setor terciário destaca-se o comércio e as pequenas indústrias<sup>3</sup>.

O Município de São Miguel das Missões realiza atividades turísticas, baseadas no turismo cultural realizado no Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo e o Espetáculo de Som e Luz (realizado junto ao Sítio Arqueológico, diariamente ao anoitecer). Desenvolve o Turismo Rural, através das Fazendas Triunfo e Lajeado, situadas a 26 km da sede do município.

As Ruínas de São Miguel Arcanjo receberam reconhecimento internacional em Florença, Itália, no ano de 1983, quando a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), declarou as Ruínas como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Na área da saúde, a cidade de São Miguel possui dois postos de atendimento à comunidade local e três farmácias. A segurança pública é feita pelo Centro Integrado de Segurança Pública, a Delegacia de Polícia e a Brigada Militar. O Serviço de Trânsito é realizado pelo DETRAN – Departamento de Trânsito como também, a Sinalização Urbana.

No setor de hospedagem, a cidade dispõe de dois hotéis e uma pousada e na área gastronômica possui cinco restaurantes. O município também dispõe de serviço de guias e uma agência de turismo, que faz o receptivo no local, organizando

---

<sup>3</sup> Dados retirados do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em junho/2004

roteiros para os sítios arqueológicos das Missões do Brasil, Argentina e Paraguai e roteiros para as missões com turismo Rural.

Pode-se adquirir produtos do artesanato missioneiro em lojas próximas às ruínas. Os índios Guarani Mbya vendem diariamente seus produtos artesanais junto ao Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, existindo uma comunidade indígena de aproximadamente cento e setenta e dois índios Guarani, residentes na Reserva Inhacapetum, distante cerca de 28 quilômetros do local.

A distribuição da população indígena, conforme a idade no mês de novembro de 2003, na Reserva do Inhacapetum, em São Miguel das Missões era a seguinte: 0-12 anos: 93 (masculino: 55 e feminino: 38) e com mais de 12 anos: 78 pessoas (masculino: 41 e feminino: 37)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Dados fornecidos pela equipe multidisciplinar de saúde indígena da prefeitura de São Miguel em junho/2003.

## **4. DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO EM SÃO MIGUEL DAS MISSÕES E AS REPERCUSSÕES NA COMUNIDADE GUARANI**

Para fins deste estudo foram levantados dados visando demonstrar a situação dos índios Guarani na atualidade, no município de São Miguel e o desenvolvimento alcançado no período de 1988 a 2003 e que estivesse relacionado com o turismo cultural local, visando traçar um paralelo entre o antes e o agora vivido pelo Guarani.

Para isso, foi feito levantamento dos planos de desenvolvimento do turismo do Estado e de como se deu a inserção social e econômica dos Guarani no município. Nessa etapa, os instrumentos utilizados foram: levantamento documental, visitas à atual Tekoha Koenju (Aldeia Alvorecer), nome dado pelos Guarani às terras ocupadas; entrevistas com lideranças dos índios<sup>5</sup> e representantes da sociedade do município.

### **4.1 Os planos de desenvolvimento do turismo do Estado**

O Governo do Estado do Rio Grande do Sul possui uma política de incentivo ao turismo e, para fins deste estudo, serão abordados brevemente os principais

---

<sup>5</sup> Todas as falas foram traduzidas para o português vernáculo por opção metodológica.



tópicos dos Planos de Desenvolvimento do Turismo contemplados no período de 1988 a 2003.

No ano de 1985, houve a incorporação do turismo às funções da Secretaria da Indústria e Comércio, pelo fato de entender o setor como uma atividade econômica geradora de benefícios sociais, evidenciando uma postura de integração da atividade turística ao processo econômico e produtivo do Estado. O plano formulado teve início em janeiro de 1985 e denominava-se Turismo – RS: ações básicas de desenvolvimento. Segundo o documento, o alinhamento das diretrizes básicas de desenvolvimento do turismo do Estado resultou de um trabalho intersetorial e de consulta permanente aos agenciadores finais da atividade, apresentando as linhas básicas onde foram planejadas ações para o biênio de 1985/1987. Porém, segundo consulta à Secretaria de Turismo do Estado em agosto de 2004, esse plano vigorou até ao ano de 1995, quando foi, então, feito um novo plano.

O documento entendia as múltiplas possibilidades do Estado no setor, por possuir uma grande diversificação de atrativos e centrava seu objetivo no sentido de ampliar a presença de visitantes, externos ao Estado, nacionais e estrangeiros, através da satisfação das necessidades da estada, gerando benefícios econômicos e promoções sociais.

A proposta estabelecia como estratégia global à consolidação de um processo de ações de marketing turístico integrado, tendo como objetivo principal implementar programas concomitantes de ações que atendessem às características do produto turístico, através de quatro programas básicos (Programa de ampliação da demanda turística; programa de organização e desenvolvimento da oferta turística; programa de manutenção da qualidade da matéria-prima; programa de

regionalização turística) e tinha a intenção clara de se constituir no instrumento oficial da opção política pelo incremento do setor considerado econômico e social.

Há referência à viabilidade do desenvolvimento turístico do Estado quanto à sua matéria-prima; oferta turística; mercado turístico; regiões e pólos turísticos e as alternativas para atingir o desenvolvimento. Nas regiões e pólos turísticos, o município de Santo Ângelo é citado (convém ressaltar que neste ano São Miguel das Missões ainda não tinha se emancipado do município). Fica pontuado no documento que ao estabelecer prioridade para o setor turístico e a sua consolidação ao processo de produção econômica, o Estado dotava-o da viabilidade básica necessária para o desenvolvimento.

Quando é abordado o programa de manutenção de qualidade de matéria – prima, faz-se uma relação com a dependência do espaço onde a atividade é realizada, identificando como motivações principais a paisagem, o folclore, os usos e os costumes como valores e atrativos, ressaltando a necessidade de permanente manutenção dos conteúdos desse patrimônio, redefinindo funções para aqueles considerados improdutivos, como forma de garantir a sustentabilidade da atividade.

No ano de 1995 é feito um novo plano que vigora até 1998. Nesse plano, o Governo do Estado, através da Secretaria Estadual de Turismo, formula o Programa Estadual de Desenvolvimento e Incentivo ao Turismo.

Segundo o documento para desenvolver o turismo era necessário parceria do governo estadual, das prefeituras municipais e da iniciativa privada como forma de alavancar o desenvolvimento e conseguir resultados positivos na captação de divisas, melhor distribuição de riquezas, geração de emprego e aumento da qualidade de vida do povo gaúcho.

O referido Plano abrangia o quadriênio 1995 a 1998 e tinha como objetivos ordenar as ações do setor público e subsidiar ações do setor privado através do desenvolvimento do turismo, que devia promover a diversificação e ampliação qualitativa e quantitativa dos bens e serviços produzidos; a proteção ao meio ambiente e ao patrimônio histórico e cultural; o aumento de fluxos turísticos; o período de permanência e os gastos médios dos turistas; a divulgação do produto gaúcho em mercados com potencial emissivo em nível nacional e internacional; a promoção e divulgação das potencialidades turísticas, em cooperação com municípios e iniciativa privada; o estímulo às atividades turísticas, em especial com os países pertencentes ao MERCOSUL (Mercado Comum do Conesul) e o intercâmbio com entidades ligadas ao turismo.

Entendia-se a necessidade de estudo das necessidades da demanda turística e da dinamização da oferta, visando atender o mercado. A justificativa utilizada era o estudo da WEFA (*Wharton Econometric Forecasting Associates*), que apresentava o turismo como a indústria que mais gerava empregos, havendo, portanto, a necessidade de atender a este crescimento da atividade com investimentos no setor, visando ordená-lo e promovê-lo.

Nesse plano, é dada uma atenção especial ao Município de São Miguel das Missões, pois traz o Projeto Missões, visando a integração turística da região das missões: Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Os objetivos pontuados eram preservar o acervo arquitetônico missioneiro e proporcionar a organização e a sistematização das informações turísticas das Missões, tendo como operacionalidade a parceria entre União, municípios, iniciativa privada e organismos internacionais. Entre os objetivos propostos está infra-estrutura básica para o turismo: saneamento, rodovias, energia elétrica, telecomunicações, entre outras.

No ano de 2000 foi implantado o Plano de Desenvolvimento Turístico, denominado Viajando pelo Rio Grande do Sul. O referido plano pretendia inaugurar uma nova fase na produção do turismo do estado, pois percebia-se a atividade como rentável e que traria desenvolvimento, desde que orientada por uma ação político-administrativa que não se limitasse apenas à dimensão quantitativa, mas conciliasse o crescimento econômico com a preservação do ambiente e do patrimônio histórico-cultural do estado.

Esse plano buscava incrementar o fluxo interno e elevar o patamar de conscientização das comunidades para a atividade turística, oferecendo um plano estratégico, de qualificação de recursos humanos e de legislação turística.

O plano reconhecia a importância do turismo, tanto nos aspectos econômicos, pela retenção e atração de divisas, geração de renda e emprego e de apoio ao desenvolvimento das regiões, no que se referia a aspectos sociais – lazer e bem estar – como no setor público, visando buscar parcerias para coordenar, orientar e impulsionar as atividades específicas da atividade, principalmente daquelas entendidas como concorrentes para a sua qualidade e estruturação.

Todos os planos estão cheios de jargões e trazem pressupostos desenvolvimentistas, porém, embora citem o âmbito social demonstram uma visão puramente econômica. Abaixo alguns trechos:

- Turismo-RS, Ações Básicas de desenvolvimento, (1985, p. 21, 22): Definir TURISMO, AÇÕES BÁSICAS DE DESENVOLVIMENTO é direcionar esse setor econômico como efetiva atividade produtiva, incorporada ao processo de desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul. Consolidar a integração das atividades turísticas ao processo de desenvolvimento do Estado significa: - contribuir para o seu crescimento econômico, geração de empregos e melhoria das condições

sociais; - satisfazer às necessidades turísticas dos visitantes em termos quantitativos e qualitativos. (...) Tais objetivos desenvolver-se-ão através de: formulação e implantação de programa de comercialização, sistemático e consistente, apoiado nos demais setores produtivos, visando canalizar divisas através da presença de visitantes externos ao estado; criação de programas e instrumentos destinados à manutenção, valorização e aproveitamento econômico do potencial do atrativo e; coordenação de ações relativas aos pólos e regiões turísticas, conforme tipologia e funções de cada um, visando à melhoria da qualidade receptiva e conseqüente desenvolvimento; criação de oportunidades, orientações de estudos, desenvolvimento de programas de formação, treinamento e aperfeiçoamento de recursos humanos para o setor turístico.

As promoções sociais que são citadas como objetivo e o discurso que a atividade é econômica, mas também social, acaba se esvaziando quando demonstra nas linhas de ação que nenhum enfoque é realmente voltado para as comunidades, evidenciando o lado econômico do Plano.

- Programa Estadual de Desenvolvimento e Incentivo ao Turismo 1995-1998: (1995, p.7 - 9) O Governo do Estado do Rio Grande do Sul acredita no seu potencial turístico e irá investir na construção de uma *consciência* e de uma *cultura* para extrair do turismo os melhores resultados econômicos e sociais, incentivando e apoiando as iniciativas necessárias para a colocação do nosso estado nos roteiros nacionais e internacionais consagrados(...) O turismo vem tendo, cada vez mais, o reconhecimento de sua singular importância para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. (...) A indústria do turismo é, atualmente, a atividade econômica que apresenta os mais elevados índices de crescimento no contexto da economia mundial.

Os resultados sociais citados, a distribuição de riquezas e a melhoria da qualidade de vida do povo gaúcho que são enfatizados no Programa não retornam ao discurso no Projeto Missões quando traz como objetivos apenas a preservação do acervo missioneiro e a organização e sistematização das informações turísticas das Missões, deixando claro que não há realmente a preocupação com a comunidade local, que nem é citada.

- Viajando pelo Rio Grande do Sul, Plano de Desenvolvimento Turístico (2000 p. 2): A SETUR está disposta a mostrar que essa é uma atividade que rende bons negócios e desenvolvimento (...)Espera-se a parceria absoluta do *Trade* turístico e das comunidades do Rio Grande do Sul, que serão diretamente beneficiadas. Acredita-se, com isso, mudar o rumo das notícias sobre Turismo, hoje mais voltadas para as colunas sociais do que para a economia e a qualidade de vida.(...) Nas projeções para o início do próximo século, no ano de 2005, o segmento “viagens e turismo” estará empregando 348 milhões de pessoas – 144 milhões de novos empregos serão criados nos próximo 10 anos. Para atender a esse crescimento, serão necessários investimentos nas diversas áreas do setor turístico, visando a sua ordenação e promoção.(...)Hoje, a ninguém é permitido afirmar que o turismo no Rio Grande do Sul não é uma atividade econômica.(...)

A leitura que prevalece em todos os planos é daquela que entende o turismo como salvador da própria economia debilitada das regiões e que o incorporam como uma atividade geradora de divisas.

#### **4.2 Processo de Inserção social e econômica da comunidade Guarani na sociedade de São Miguel das Missões: o ontem**

Conforme notícia veiculada no Jornal Correio do Povo, do dia 09 de setembro de 1996(anexo 1), o então procurador da República de Santo Ângelo, Marcelo Veiga Beckhausen e um técnico da FUNAI em Passo Fundo, César Augusto Stein, visitaram um grupo de índios Guarani, num total de duas famílias, moradores de São Miguel das Missões. Naquele ano, os índios moravam em 2,8 hectares de terras pertencentes à prefeitura, local considerado de passagem, onde o Guarani José Acosta já residia há dois anos. Ficou comprovado que eram moradores daquele espaço 32 Guarani e que alguns não estavam na localidade, pois estavam acampados junto ao trevo de Santa Rosa. A sobrevivência era feita pela venda do artesanato para os turistas e de donativos da população, assim como a alimentação e os remédios eram doados pela prefeitura local. O procurador visitava São Miguel, buscando comprovar a precariedade de vida e a necessidade de auxílio junto a FUNAI. Havia interesse por parte dos índios em permanecer no local por ser considerado tranqüilo e, também, por terem conseguido o apoio do Sr. Luis Cláudio Silva, então engenheiro do IPHAN, que havia obtido autorização para a venda do artesanato dentro do sítio arqueológico e o direito ao plantio da safra de milho numa área de quatro hectares atrás das ruínas.

Logo após esta visita, o engenheiro do IPHAN encaminhou ofício (anexo 2) ao procurador com informações sobre os índios Guarani. Segundo o ofício no período compreendido entre o final do ano de 1994 e início de 1995, um grupo com cerca de 16 índios Guarani foi interceptado pela Brigada Militar, dentro de duas Kombi e os mesmos seriam deixados junto à estrada vicinal que liga a BR 285 com a sede do

município de São Miguel das Missões. Nessa ocasião, a Prefeitura Municipal solicitou autorização ao IPHAN, 12<sup>o</sup> SRII, para que os mesmos pudessem montar acampamento na área próxima a fonte missioneira. Após conseguir a autorização, a prefeitura forneceu lonas pretas para confeccionar as barracas e alimentação necessária. O grupo permaneceu durante 20 dias na cidade e nesse período produziu artesanato, comercializando-os para os turistas e, depois, conforme sua cultura nômade, partiu.

Consta no referido ofício que após esse primeiro acampamento na área, diversos outros grupos de Guarani passaram a freqüentar o local. Grupos estes que variavam de tamanho, podendo totalizar até quarenta pessoas. No ano de 1995, uma família foi para São Miguel com a intenção de lá permanecer. O Sr. Jose Acosta, artesão, confeccionava entalhes de animais em madeira e sua esposa Paula da Silva, cestos em taquara e gaimbé, comercializando-os junto ao Museu das Missões, nas Ruínas Jesuíticas de São Miguel.

Para o autor do ofício, a autorização para essa comercialização foi concedida pelo Museu das Missões por reconhecer que os Guarani não possuíam o mínimo necessário para sobrevivência de sua cultura, embora fossem os construtores do local, que foi considerado pela UNESCO como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.

O ofício relatava que conforme informações de antigos moradores do município sempre foi comum a vinda de índios Guarani, que transitando em suas antigas rotas, passavam por São Miguel a caminho do Caaró, no município de São Luiz Gonzaga, local onde foram mortos os padres Roque Gonzáles e Afonso Rodrigues e, também, onde se localizam as Ruínas de São Lourenço Mártir ou,



ainda, indo para Argentina e Paraguai. Consta no ofício que a índia Paula se recordava de ter vindo ao município quando criança.

Ainda, segundo o ofício, a família que decidiu permanecer em São Miguel passou a receber auxílio do IPHAN, da Prefeitura local e dos proprietários de terras da região, doando materiais necessários para a construção da Opy (casa de rezas), lenha e gaimbé para confecção de cestos comercializados para os turistas. Conseguiram, também, doações de sementes e tiveram a área onde estavam lavrada para plantio de milho e mandioca. A prefeitura providenciou a instalação de água tratada e o IPHAN autorizou a utilização de parte da antiga quinta jesuítico-guarani para plantação de mandioca e milho para subsistência. A comunidade de São Miguel recebeu razoavelmente bem a presença dos Guarani.

Naquele período, foi proposta a criação do Parque da Fonte, situado cerca de 1 km das Ruínas de São Miguel, na área urbana do município, descoberta em 1983 e restaurada em 1993 pelo IPHAN. Seria uma forma de aperfeiçoar a proteção ao patrimônio missioneiro materializado no local como uma fonte contemporânea à época das reduções e ao mesmo tempo valorizar o ambiente cultural mbya-guarani, destinando-se 2,8 hectares para a criação de uma praça. Após inúmeros debates, surgiu a possibilidade de ampliar o espaço e transformá-lo num parque municipal.

No ofício encaminhado ao procurador da República, consta que o IPHAN, o 12º SR II e o Museu das Missões montaram uma série de atividades para viabilizar a proposta, realizando levantamentos sobre vegetação, recursos hídricos, fontes de poluição, problemas fundiários existentes na área e prepararam um diagnóstico sócioeconômico dos moradores das áreas adjacentes.

Foi constatada poluição por coliformes fecais provenientes das casas próximas; existência de lixão; inexistência e/ou existência de mata ciliar em

dimensões inferiores às recomendadas pela legislação ambiental, existência de loteamento irregular, entre outros, detalhados em laudo encaminhado para a Procuradoria da República.

O documento encaminhado ao procurador relatava as dificuldades encontradas, a inexistência de auxílio da FUNAI pela falta de recursos técnicos, materiais e econômicas para exercer sua função junto àquela comunidade indígena e demonstrava a preocupação pela falta de auxílio sistemático. Relatava, ainda, que algumas vezes as crianças Guarani coletavam alimentos no lixão pela carência que se encontravam. Essas carências eram entendidas apenas como uma forma de sobrevivência física e não cultural, pois estavam sujeitos a uma situação de mendicância inaceitável frente aos documentos históricos de que muito antes dos “brancos”<sup>6</sup> e de qualquer procedência étnica, os índios Guarani eram os efetivos donos da terra. Entendiam que o auxílio deveria vir e devolver a dignidade e o respeito a uma parcela indígena que também era parte da identidade nacional brasileira.

Naquele ano, 1997, iria ocorrer um concerto nas Ruínas Jesuíticas de São Miguel com o tenor espanhol José Carreras, promovido pela Rede Globo de Televisão, espetáculo que foi transmitido em rede nacional no final do ano. Esse fato fez com que com que a mídia procurasse informações sobre aquelas pessoas que residiam precariamente tão próximas do local. Consta na Gazeta Mercantil de Porto Alegre, de 28 de novembro de 1997 (anexo 3), que depois dos índios Guarani participarem de uma gravação de um vídeo-clipe para o Grupo Musical Família Lima, estariam recebendo dos mesmos R\$ 120,00 (Cento e vinte reais) como auxílio. O jornal informava que dez índios Guarani, descendentes dos habitantes originais dos

---

<sup>6</sup> O termo é utilizado para designar a sociedade dominante ou sociedade miguelina no sentido dado pelos índios a esta sociedade.

Sete Povos das Missões, assistiriam ao lado das autoridades o espetáculo musical como convidados especiais.

A matéria intitulava-se “como 33 condenados” e ocupava quase uma página, levantando a questão da posse das terras. O cacique Floriano dava seu depoimento, dizendo: “sem terra, Guarani não existe” (GAZETA MERCANTIL, 1997, p 2). Naquele momento, era esperada a ampliação das terras que ocupavam 2,8 hectares para 7,5 hectares. Chamava-se atenção para a visibilidade das condições em que viviam, em especial as crianças, que representavam a continuidade do grupo.

No ano de 1998, a Dra. Ruth Cardoso, antropóloga e primeira dama do país, lançava, na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, o Programa Piloto Universidade Solidária Regionalizado, visando estimular estudantes a ajudarem a melhorar as condições de vida das comunidades, que levava já há três anos os universitários do sul do país para comunidades carentes do Norte e Nordeste. Após lançar o referido programa, a Dra. Ruth seguiu para São Miguel, onde visitou o Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo e, no momento em que estava no Museu, foi interpelada por um índio Guarani que solicitou um “troquinho”. Esse fato foi divulgado no Jornal Zero Hora, em 2 de setembro de 1998 (anexo 4) e pôde ser lido em todo o estado.

No ano de 1999, é criado o Projeto Tekoha, valorização dos remanescentes missioneiros, natureza e cultura em São Miguel das Missões, uma iniciativa da ONG Tekoha e da Prefeitura Municipal, tendo o apoio do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O projeto salientava a valorização do patrimônio missioneiro como ação oficial surgiu nos anos vinte, com obras executadas pelo Governo do Estado em São Miguel. O Governo Federal, em 1937, declarou São Miguel Patrimônio Nacional. Em 1983, a UNESCO declarou Patrimônio Cultural da

Humanidade e, em 1996 o Circuito Internacional Integrado das Missões Jesuíticas dos Guarani foi declarado, também pela UNESCO, como uma das Quatro Rotas de Turismo Cultural Internacional mais importantes do mundo.

Ficou registrado no Projeto que a derrubada das florestas para dar lugar à pecuária e à agricultura foi acelerada no século XX, principalmente na década de 60, com a mecanização rural e a introdução de agrotóxicos. Criou-se um modelo de desenvolvimento que provocou pólos de pobreza e marginalização, concentração da terra e dos meios produtivos, aumentando ainda mais a desigualdade na distribuição de renda na região, repercutindo diretamente nas florestas nativas remanescentes.

O projeto também registrou que os descendentes de índios Guarani produziam esculturas em madeira, inspiradas principalmente na fauna da região e que utilizavam as madeiras de salso e guajuvira para a confecção de cestaria, trabalhando com diversas espécies de bambu, bastante comuns no sub-bosque, além das raízes de guaimbé, espécie característica das florestas da região que geralmente está associada ao alecrim. Salientava que o grupo Mbyá-Guarani sobrevivia graças à boa vontade de alguns voluntários e a sensibilidade de pessoas que permitiam que os mesmos coletassem a matéria-prima necessária para a expressão de sua cultura através do artesanato e de utilitários e que o conhecimento milenar dos índios desse grupo estava sendo gradativamente perdido, sem que se tivesse sido sequer estudado, sistematizado e apreendido.

O Projeto Tekoha buscava, através da aquisição e da proteção de áreas florestais nativas, permitir a preservação de fragmentos únicos de um tipo florestal ainda não contemplado em Unidades de Conservação no Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que possibilitaria a manutenção e a expressão da cultura Mbyá-Guarani.

Os objetivos do projeto eram: proteção, recuperação e conservação ambiental na Região das Missões; valorização da cultura Mbyá-Guarani e a educação ambiental e patrimonial. Nesse estudo, só será abordado o que foi feito em relação à valorização da cultura Mbya-Guarani.

A proposta abrangia três projetos para o município: a implantação do Parque Fonte Missioneira; o Parque da Floresta Missioneiro e o Parque Indígena Inhacapetum.

O local proposto para a criação do Parque Fonte Missioneira situava-se a cerca de 1 km do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, na área urbana do município, mesmo local onde o grupo de índios Guarani estavam com acampamento montado e utilizavam para descanso em seus deslocamentos (anexo 5). Já era conhecida a vontade das famílias Guarani de ali permanecer e isso fez com que a Prefeitura destinasse essa área para os Guarani construírem suas casas utilizando sua tecnologia e tipologia própria. A área era vista como ponto de outros grupos familiares que transitavam periodicamente por essa região.

O projeto identificava área de terras para criação do Parque do Indígena do Inhacapetum, num total de 230 hectares, próxima a rio do mesmo nome, onde os Guarani teriam condições de moradia, pesca, criação de animais, plantio e confecção de artesanato. Conforme o projeto, havia interesse do proprietário na venda das terras para assentamento dos índios, pois ao longo dos anos foi justamente esse senhor que forneceu lenha e árvores para confecção do artesanato Guarani.

Em junho de 1999, foi encaminhado ofício (anexo 6) ao Prefeito Municipal, solicitando que em audiência pública as autoridades reforçassem o desejo de que os

Guarani permanecessem no local, pois havia uma pré-disposição dos mesmos partirem para a Barra do Ouro visando encontrar melhores condições de vida.

Em 02 de agosto de 1999, o Zornal Zero Hora (anexo 7) divulgou matéria sobre a visita do então governador do Estado, Sr. Olívio Dutra, que esteve passando um final de semana em São Miguel, comemorando os 60 anos de casamento de seus pais, visitando a comunidade indígena, que totalizava quarenta e três Guarani. A visita tinha sido agendada pelo músico Pedro Ortaça, descendente de Guarani, que arrecadou dinheiro e estava entregando brinquedos, comida e agasalhos naquele momento.

Consta na referida matéria que Floriano Romeu, cacique, aproveitou a visita para entregar ao governador o projeto de reassentamento e que em conversa com o Sr. Luis Cláudio Silva, que era um dos mentores do Projeto Tekoha, o governador foi informado sobre a existência de terras que poderiam ser adquiridas para, em São Miguel das Missões, serem divididas em três áreas: uma de 24 hectares, onde venderiam artesanato; outra de 600 hectares, na divisa de São Luiz Gonzaga, destinada à coleta de materiais e uma terceira, com 230 hectares, às margens do Rio Inhacapetum, ambiente propício para moradia.

No dia 03 de julho de 2001, o Governador Olívio Dutra assina o ato de compra das terras do Rio Inhacapetum para assentamento dos índios Guarani residentes em São Miguel.

### **4.3 Sobre as terras do Inhacapetum**

Em novembro de 2000 o professor Dr. José Otávio Catafesto de Souza, da UFRGS e a professora MSc.Valéria S. de Assis, também da UFRGS, fizeram um

levantamento técnico antropológico preliminar sobre as terras próximas ao Rio Inhacapetum, em São Miguel das Missões. O local foi vistoriado e estava em processo de desapropriação pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, destinado ao assentamento de famílias indígenas Guarani Mbya.

O estudo visava avaliar a iniciativa do Governo do Estado em relação aos trâmites jurídico-administrativos estabelecidos sobre a identificação e a regularização das terras e foi realizado por solicitação da Funai, que buscava obter uma base antropológica para avaliar a pertinência da iniciativa de desapropriação da área do Inhacapetum.

Enfatizava-se, no levantamento, que o critério básico da escolha indígena era a presença de matas e de recursos naturais no local e não pela memória étnica ou de outros elementos que servissem para comprovar uma suposta ocupação atual ou pretérita do local específico escolhido para desapropriação (SOUZA; ASSIS, *op. cit.*).

O levantamento salientava que a desapropriação para criação de reservas Mbya pelo Governo do Estado resultava num processo amplamente discutido numa série de seminários e de reuniões ocorridas desde 1997, onde participaram diversos antropólogos, historiadores, procuradores da república do estado, além de advogados, indigenistas ligados ao Conselho Indigenista Missionário – Cimi e ao Conselho de Missão entre índios – Comin.

Esse levantamento também identificava as dimensões da área do Inhacapetum - 236,33 hectares, situados na margem direita do Rio Inhacapetum, localizado cerca de vinte e seis quilômetros a sudoeste da cidade de São Miguel, seguindo estrada de terra na direção do Rincão dos Machados, ao sul do Piratini, tendo como ponto de referência mais importante o assentamento de colonos sem-terra, que faz divisa pelo norte com a área.

A região onde a mesma se situa faz parte da porção final do Planalto Meridional Brasileiro. No geral, a região é dominada por campos, surgindo matas distribuídas junto aos principais cursos de água, na extensão dessas e em capões. A pecuária extensiva é a atividade predominante, mas também há a produção agropecuária diversificada realizada nos assentamentos. Sua localização é muito próxima aos núcleos urbanos dos antigos Sete Povos das Missões, criados na banda oriental do rio Uruguai pelos jesuítas entre 1680 e 1710, o que implicou num maior retardo de incorporação ao colonialismo português, em comparação com a região ocidental da Laguna dos Patos (SOUZA; ASSIS, *op. cit.*).

Alguns dados etnográficos confirmam que São Miguel não ficou completamente abandonada ao longo do Século XIX, permanecendo algumas famílias indígenas ali. Os jovens indígenas foram sistematicamente recrutados como força militar, enquanto mulheres, jovens e velhas serviram sexualmente aos colonizadores, resultando em miscigenação, formando o substrato populacional mais antigo da região, constituindo a origem genética dos terratenientes, embora a elite pecuarista tenha desdenhado e perdido a consciência de sua origem (SOUZA; ASSIS, *op. cit.*).

Algumas famílias indígenas seguiram vagando arredias e embrenhadas nas áreas florestais marginais ao latifúndio, criando relações de dependência com os particulares, que se fizeram proprietários das antigas terras missioneiras. A exploração madeireira e a expansão da fronteira agrícola sobre as áreas de floresta no século XX geraram a derrocada dos últimos refúgios de sobrevivência autônoma para os descendentes indígenas missioneiros (SOUZA ; ASSIS, *op.cit.*).

Para os professores, em São Miguel foi possível constatar que todas as famílias tradicionais possuíam alguma ascendência indígena, embora não fosse



reivindicada. Havia muitas situações em que seria possível tramitar a identificação e a demarcação de terra indígena para algumas dessas famílias pobres, em detrimento de latifundiários que também possuem “sangue” Guarani.

Para eles, essa era a base etnográfica e histórica que serviria de referência para analisar o problema enfrentado pela comunidade Mbya, residente na periferia de São Miguel, os quais seriam contemplados com a área desapropriada pelo Governo do Estado ao lado do rio Inhacapetum.

Constatava-se no levantamento que os índios acampavam na cidade desde a década de 1970, atraídos pela circulação de turistas em visita às ruínas e ao Museu das Missões, para venda de seu artesanato tradicional. Os dados levantados demonstravam que as famílias indígenas chegaram a São Miguel, direta ou indiretamente, migrando de Santa Rosa, com origem mais remota em Misiones, na Argentina. De São Miguel, muitas famílias seguiam migrando para outras partes do estado, abandonando a cidade por intervalos regulares (SOUZA ; ASSIS, *op.cit.*).

Os acampamentos dos Mbya sempre foram dentro ou na periferia da cidade de São Miguel, já que o principal fator de atração era o turismo junto às ruínas, ao estilo do que acontecia ao norte da Argentina e no leste do Paraguai. Três diferentes locais já tinham sido ocupados na cidade, o mais recente, naquele período, era o Parque da Fonte Jesuítica, para onde o prefeito Wladir Frizzo, no ano de 1994, destinou os Guarani depois que a prefeitura de Tupanciretã “exportou” em kombis arbitrariamente algumas famílias Mbya lá acampadas (SOUZA; ASSIS, *op.cit.*).

Segundo o relatório antropológico, a permanência dos Mbya em São Miguel sempre foi muito precária, pois os locais cedidos para acampamento eram diminutos e não apresentavam as condições mínimas à reprodução do seu modo de vida tradicional, havendo, ainda, grande preconceito dos miguelinos contra os índios,

embora a cidade fosse beneficiada com a presença dos mesmos como mais um fator de atração turística. Em contrapartida, algumas poucas pessoas, sensibilizadas, passaram a exigir um maior envolvimento da prefeitura no atendimento das necessidades básicas de alimentação, saneamento e saúde das famílias indígenas acampadas, destacando os nomes de Luis Cláudio da Silva, então Diretor do Museu das Missões; Vladimir Fernando Stello, arquiteto do Instituto Histórico e Artístico Nacional; Matilde Villega, colombiana, arquiteta contratada pela Prefeitura e Emílio Correia dos Santos, descendente de Guarani e natural da cidade.

Foi pela ação dessas pessoas que se desencadeou uma série de iniciativas em benefício da sobrevivência dos Guarani em São Miguel. A partir da intervenção de Emílio Correia dos Santos, surgiu a proposta e o encaminhamento de destinação da área do rio Inhacapetum para os índios, sendo ele um dos principais informantes utilizados na pesquisa etnográfica realizada por Catafesto de Souza na região. Foi por sua intervenção, também, que alguns fazendeiros abriram acesso para os índios passarem a coletar, em áreas florestadas, lenha e outros recursos vegetais necessários à sua produção artesanal. Ele também disponibilizou sua camioneta para transportar os índios e os recursos por eles coletados, acompanhando-os em sua jornada. Por diversas vezes, Emílio também foi chamado a intervir em favor dos índios, quando haviam dificuldades geradas pelo preconceito dos cidadãos contra os Mbya (SOUZA; ASSIS, *op.cit.*).

No ano de 1996, Emílio apresentou a propriedade de Acácia de Oliveira e Marinho Francisco de Oliveira, no rio Inhacapetum, para a delegação de índios Mbya e para Inácio Kunkel, que percorriam a região em busca de áreas florestadas para serem adquiridas. Dessa forma, abriu acesso para os índios Mbya, moradores de

São Miguel, coletarem lenha no local e, ainda, iniciar o trabalho de convencimento dos proprietários para a venda das terras.

A referida área, em termos de recurso naturais, possuía espécies de flora e fauna conhecidas e importantes ao modo de vida típico dos Mbya. Naquele momento, a equipe foi acompanhada pelo Mbya Osvaldo, residente no Parque da Fonte, periferia de São Miguel, fazendo uma expedição de reconhecimento dentro da mata e ao longo do rio Inhacapetum, identificando muitas espécies florestais. Dentre as espécies faunísticas, levantaram-se algumas de interesse dos Mbya, como potenciais fonte de alimento (tatu, quati, capivara, paca, cutia, jundiá, traíra, piava, entre outras).

O principal recurso hídrico era o próprio inhacapetum, mas havia, ainda, dentro da área em questão, uma série de nascedouros mais apropriados ao consumo humano. Havia, também, a existência de boa quantidade de terra fértil, tanto à prática quanto ao cultivo pelo sistema Mbya. Outro fator considerado positivo era a abundância de árvores mortas no meio do mato, representando um volumoso estoque de lenhas, já que o fogo é um elemento constante na vida Mbya.

O laudo antropológico finalizava dizendo que essa área possuía características geográficas e naturais capazes de propiciar o bem-estar cultural e a reprodução física e cultural dos Mbya, justificando, assim, sua transformação em reserva indígena, conforme definia o estatuto em vigor.

#### **4.4 O discurso da sociedade sobre a inserção Guarani em São Miguel**

Foram feitas entrevistas com os representantes da sociedade de São Miguel das Missões que estiveram diretamente ligados com a inserção social e econômica

dos Guarani em São Miguel, conforme o levantamento documental feito, visando constatar os indicadores do desenvolvimento que possa ter beneficiado a comunidade Guarani no município, no período de 1988 a 2003.

Para isso, foi solicitado aos informantes que relembressem o que aconteceu no município naquele período em relação aos Guarani e não foram feitas perguntas direcionadas. Apenas para o Sr. Valdir Frizzo, prefeito que cedeu espaço inicial no município para os índios, foi perguntado sobre o porquê de sua atitude.

Sobre essa inserção, o Sr. Vladimir Fernando Stello, atual técnico do IPHAN e integrante do Projeto Tekoha, que já trabalhava junto à instituição no período pesquisado, lembrou:

Os Guarani começaram a retornar aqui para São Miguel, inicialmente como ponto de passagem, a partir de 1988. Vieram para cá um grupo de guaranis que se instalaram por volta da Fonte. Mas, ficavam pouco tempo, uma semana ou duas e iam embora... Isso ocorreu algumas vezes, umas três ou quatro vezes que fizeram esse tipo de acampamento... Em 1994, um grupo de índios guaranis estava na cidade de Tupanciretã e a prefeitura de lá mandou trazer esses índios para São Miguel, por que terra de índio era em São Miguel...Então, botaram os índios que estavam lá, os índios Guarani que estavam lá, numa Kombi e vieram deixar eles no trevo de São Miguel. Na época...na hora, estava uma viatura da Brigada Militar no trevo, por coincidência...e não deixou que os índios fossem largados lá no trevo e fez com que a Kombi trouxesse esse grupo de índios até a cidade. Então, eles conversaram conosco, com o prefeito, na época o Sr. Valdir Pedro Frizzo e deixamos a área da Fonte, que tinha uma área cercada protegida pelo IPHAN, mas que pertence à prefeitura, para que eles ficassem acampados. A partir daí começou um trabalho de apoio aos Guarani.

O entrevistado relata brevemente a situação vivida pelos Guarani no município, no período analisado. Fala sobre a questão da transitoriedade Guarani no local que era utilizado como ponto de passagem e também sobre o local inicial onde ficaram acampados, citando o desrespeito de outra prefeitura que simplesmente resolveu enviá-los para São Miguel por considerarem que esse era o lugar que deveria acolhê-los. Ele informa que no diálogo inicial dos Guarani com os

representantes do IPHAN e da Prefeitura, houve uma receptividade em mantê-los no município, destinando a área da Fonte Missioneira para o acampamento Guarani.

Sobre o que foi feito naquele período quanto ao trabalho do artesanato Guarani e de quem foi a iniciativa de conseguir terras no município para os Guarani, ele declarou:

Foi autorizado a esse grupo de índios Guarani que vendessem o artesanato deles ali junto ao Museu das Missões e a prefeitura começou dar apoio para eles no local onde estavam acampados. Então, com o tempo, começou a se organizar algumas coisas, conseguimos com a prefeitura e com a Corsan colocar um ponto de água potável para eles junto ao acampamento da Fonte onde eles ficavam. E, começamos, junto com os Guarani, a organizar algumas coisas, o pedido de área para eles... Juntamente com outras pessoas daqui da comunidade fundamos uma ONG, a ONG Tekoha, montamos um projeto, também chamado Projeto Tekoha, juntamente com um pessoal muito ativo, dois engenheiros florestais, Luis Cláudio Silva e Denise Superti, a Matilde, que é arquiteta, o Daniel Mascarin e a Lara Klein que são funcionários da prefeitura e mais algumas outras pessoas. Foram identificadas duas áreas que eram interessantes para a instalação de uma aldeia indígena, digamos assim, que era uma mata, uma área próxima de São Miguel, em São Lourenço, uma área de seiscentos ha de mata nativa e uma outra área junto ao rio Inhacapetum que é onde atualmente eles estão...uma área de duzentos e poucos ha que tem parte de rio, parte de área para agricultura e alguma coisa de mata nativa também...Ah, se conseguiu também enquanto eles estavam na área da Fonte, organizar um local para aulas, então a escola estadual designou um professor branco para dar aulas e tinha um professor Guarani para dar aulas juntos, lá dentro do acampamento da Fonte. Posteriormente, com mais pressão da sociedade e da prefeitura também se conseguiu que o governo do estado adquirisse a área do Inhacapetum, que tem uns 230 ha, não recordo bem...isso no governo do Olívio Dutra... que foi adquirida a área, Posteriormente, no governo do Germano Rigotto se conseguiu a construção das casas, foram construídas várias casas lá na aldeia onde hoje é a área deles.

Essa informação mostra que representantes do IPHAN e funcionários da prefeitura perceberam que o local do acampamento na Fonte Missioneira não era adequado para a permanência dos indígenas, embora tenham sido tomadas algumas medidas necessárias. Havia necessidade de mobilização para que o grupo permanecesse no município. A criação da ONG Tekoha, responsável pela criação do Projeto Tekoha, foi a forma encontrada por essas pessoas de exercer pressão frente

ao governo do estado para a compra de terras e que poderia vir a se constituir numa forma de garantia da sobrevivência dos Guarani no local. Foi por iniciativa desse projeto que foi identificada a área do Inhacapetum, local onde residem atualmente os índios, conforme pode ser constatado no levantamento de documentos desta pesquisa.

Quanto ao apoio prestado aos Guarani no município de São Miguel das Missões, o representante do IPHAN disse:

E a gente está sempre dando apoio, tanto o IPHAN, como a prefeitura do Sr. Frizzo, do Sr. Mario Ribas e agora novamente do Sr. Frizzo...sempre tem dado apoio à comunidade Guarani! A EMATER tem trabalhado muito, muito mesmo na questão da agricultura e do plantio da vegetação nativa e de árvores frutíferas. Na questão de materiais das construções, a EMATER, através do Programa RS Rural, tem trabalhando bastante isso...Em 2004, conseguimos com o governo do estado a construção de uma casa de passagem aqui, próxima do sítio em São Miguel pra que eles quando vêm para a cidade, para a venda de artesanato, por que a área que eles estão é cerca de 30 km daqui.. Então, conseguimos que fosse construída uma casa de passagem pra que eles tenham onde ficar durante a noite quando eles vêm para cidade para a venda do artesanato...Eu acho que foi esse processo, rapidamente contando, acho que foi isso... o importante é que sempre tiveram o apoio da sociedade de São Miguel!

Para o informante, o apoio prestado pela sociedade de São Miguel foi determinante para que os Guarani permanecessem no município. Ele salienta que esse apoio esteve presente em mais de uma administração municipal. A recente conquista de uma casa de passagem, no ano de 2004, é citada pelo entrevistado, demonstrando a preocupação com o local onde os Guarani pernoitam quando se deslocam para o município para vender artesanato. Cabe aqui ressaltar que foi no primeiro mandato do Sr. Frizzo que eles obtiveram a permissão para permanecer junto ao acampamento da Fonte Missioneira e conseguiram, também, autorização para a venda do artesanato junto ao Museu das Missões.

O Sr. Valdir Frizzo, prefeito na época em que os Guarani utilizavam o município como local de passagem e atual prefeito de São Miguel das Missões, relatou o que ocorreu no período:

Fui prefeito de 1993 a 1996 quando aqui passava um Guarani e então cacique, na época, chamado Nicanor... e ele vinha vender os artesanatos dele em São Miguel... ele mais alguns membros da sua família e, na oportunidade, veio de um outro município um veículo que despejou aqui em São Miguel vários índios Guarani...famílias com crianças, me parece que eram quatorze na época. Aí, nós demos um apoio pra eles, aqui...num parque que tem, da Fonte..Fonte Missioneira. Nós demos uma área de dois hectares, demos oportunidade pra eles, adquirimos lona, enfim...e eles ficaram ali e depois sumiram...posteriormente, retornaram...aí, quando retornaram nós demos um apoio, fomos construindo umas casinhas de sapé, enfim, dentro dessa área demos água pra eles e daí começou a aumentar a população indígena. Eles vendiam os artesanatos e o grupo foi crescendo...aí depois que eu saí da prefeitura, mais tarde, o governador Olívio Dutra adquiriu uma área, o Inhacapetum, que é a área onde estão hoje...e aí passou a existir essa comunidade indígena que hoje tem lá...me parece que é duzentos e quatro Guarani que vivem lá entre adultos e crianças.

Essa é uma declaração que mostra que a venda do artesanato era um atrativo para os Guarani no município e que a situação por que passaram, o desprezo de outra prefeitura acabou determinando a sua permanência em São Miguel, pela sensibilização das pessoas que detinham o poder no período, que começaram a dar atenção para algumas das necessidades básicas dos Guarani, o que acabou contribuindo para o aumento da população de índios no local, que posteriormente teve uma área determinada para sua permanência.

O Sr. Frizzo, atual prefeito de São Miguel das Missões, falou sobre os serviços prestados no município para a comunidade na atualidade:

O município dá um apoio muito grande pra eles. Tem uma escola do município que foi cedida para o estado, onde o município também contrata professor da aldeia através do convênio que ela tem. E também na saúde, em conjunto com a FUNAI, nós prestamos um atendimento muito bom com os profissionais que temos aqui, enfermeiros, temos dois enfermeiros...e agora também tem programa de saúde da família e se leva o atendimento até a aldeia. Um dado importante na saúde, principalmente no primeiro

semestre do ano passado, depois eu não tive mais informação, mas no primeiro semestre teve duas baixas só e uma era gestante. Há um controle muito grande na aldeia na questão saúde...e aí onde eles tem a residência, com o apoio do governo do estado foi conseguido e colocado...no fim do ano passado, foi colocada energia em todas as casas, lá também tem um postinho de saúde, enfim...a aldeia que eles tem aqui tem um bom atendimento por parte da comunidade e até posso dizer isso na área da saúde...

O informante salienta a questão da existência de um posto de saúde na reserva e a instalação de energia elétrica, efetuada no final de 2005, falando brevemente sobre a questão escolar e afirmando que o atendimento na área da saúde é muito bom, havendo um controle rigoroso. Exemplifica isso destacando a questão da internação hospitalar, que foi muito baixa no primeiro semestre de 2005. Ele falou ainda sobre a renda que os Guarani possuem no município:

Eu posso dizer que o trabalho deles aí...eles sobrevivem da venda dos CDs, foi criada uma fundação em conjunto com o SEBRAE e, com a venda do artesanato. Eles são os únicos que têm autorização pra entrar dentro do sítio pra vender artesanato...são os Guarani. Agora nós estivemos em contato com a FUNAI e vai ser construído aqui na avenida Borges do canto, próximo onde eles têm a casa de passagem, já está destinada uma área, um local pra eles produzirem e comercializar artesanato. Também vai ser construído um escritório pro funcionário da FUNAI prestar atendimento aos indígenas.

Essa afirmação demonstra que o artesanato vem se constituindo na maior fonte de renda para os Guarani e que houve uma preocupação com o local onde esse artesanato seria vendido, estando atualmente dentro do sítio arqueológico, mas será transferido para a Av. Borges do Canto, próximo a casa de passagem, utilizada pela comunidade indígena.

Indagado sobre o porquê de dar espaço para os Guarani permanecerem no município, esclareceu:



Dar esse apoio pra eles já tinha despertado nosso interesse e ainda mais quando a prefeitura de Tupã transferiu pra cá esses Guarani...é que nossa história é jesuítico-guarani, por exemplo...nós tínhamos a igreja no passado representando toda aquela história e o Guarani é que seria o verdadeiro dono da terra...o habitante primitivo e ele seria a nossa história viva. O meu raciocínio foi que se nós temos essa catedral construída por eles, orientada pelos jesuítas, nós tendo os Guarani, nós estaríamos com a nossa história viva, teria então esse patrimônio, essa igreja e nós teríamos os Guarani como testemunha viva dessa nossa história...Isso, seria uma coisa assim que pesou bastante na minha decisão e, como próprio ser humano né...ele como primitivo, descendentes dos primitivos, que nós entendemos que tínhamos que valorizar, porque hoje estamos aqui ocupando o lugar que no passado foi deles, eu diria que pensando por esse lado aí, foi uma coisa assim que me convenceu...que poderia ser uma coisa boa pra São Miguel...além do lado humano, o reconhecimento, tinha o lado histórico que poderia, com certeza, melhorar também a nossa história de utilização do turismo aqui em São Miguel das Missões...foram vários fatores que me convenceram...o lado bom e também, o lado histórico da coisa...

O entrevistado reconhece os Guarani como os verdadeiros donos da terra, hoje ocupadas e exploradas pelos “brancos” e diz que viu os mesmos como figuras que seriam representantes dos antepassados, responsáveis pela construção do local. Para ele, história viva da colonização de São Miguel e que poderia trazer algo novo, de atrativo para o município, ou seja, uma nova forma de interesse para o turismo cultural desenvolvido no município.

Em São Miguel, reside o Sr. Emílio Correia dos Santos, que é descendente de Guarani e que foi uma das pessoas que mais se envolveu com o processo de inserção dessa comunidade no município, conseguindo, inclusive, material para a confecção do artesanato, conforme foi constatado no levantamento de documentos desta pesquisa. Entrevistado, lembrou brevemente as dificuldades desse grupo:

Nós recebemos eles com muito sacrifício...Eu e o Luiz Cláudio tivemos que sair até pedir esmola pros guarani, por que estava chegando visita da Argentina e eles já estavam aqui. Tudo começou com dois Guarani e um curupi, no fim já estavam duzentas e poucas pessoas vivendo lá....e aí o primeiro passo deles foi com muito sacrifício...tinha um fazendeiro que era muito meu amigo e aí numa certa noite eu tava visitando ele na fazenda...ele estava sozinho e me falou que venderia a fazenda dele, mas pros Guarani né...que ele tinha conservado até agora, da desmatação, de

lavar os campo...Aí ele me falou que poderia vender para os Guarani. Tinha um rapaz que trabalhava com Guarani que era da UFRGS de Porto Alegre...peguei e liguei pra ele e contei a história que o fazendeiro queria vender as terras pros guarani e aí ele desceu de Porto Alegre e veio pra fazer a vistoria nas terras e conversei com o fazendeiro pra ver se ele queria vender mesmo né...aí eles entraram em conversa e conseguiram o primeiro passo pras terras...aí já foram fazer documento, mas todo esse tempo...demorou uns 06 anos pra sair as terras...Foi muito demorado por que precisa código do IBAMA pra faze o documento, tem que esperar e aí...no governo do Olívio Dutra, quando ele assumiu o governo do estado, ele resolveu comprar das três áreas, ele resolveu comprar o Inhacapetum, que era desse fazendeiro e recolocar os Guarani que estavam acampados numa área que era do IPHAN perto da Fonte, a antiga Fonte, a primeira Fonte que foi dos Guarani.

O fazendeiro amigo do Sr. Emílio era o Sr. Marinho Francisco de Oliveira, pessoa que sempre forneceu lenha e árvores para a confecção do artesanato guarani e que conservou as terras em condições de plantio, pesca e criação de animais necessários para a sobrevivência dos Guarani, mesmo durante os seis anos de tramitação legal para a compra da área. Ele relembra quem foi a primeira pessoa no município que ajudou no pedido de auxílio para os Guarani: O Sr. Luiz Cláudio Silva. Também faz referência a Catafesto, antropólogo da UFRGS, responsável pelo levantamento empírico feito na área do Inhacapetum, que constatou que desde 1970 os índios acampavam no município atraídos pela venda do seu artesanato para turistas que visitavam as ruínas, confirmando o levantamento documental desta pesquisa. E ainda relata algo novo para a pesquisa resultado de suas lembranças do que ocorreu no período:

E quando foi ali, eles estavam há dois anos acampados, a FUNAI resolveu recolher eles porque eles eram acampados e não tinham vínculos pra conseguir terras e faltava inserir eles na região né...Aí aconteceu que eles ficavam nesse tempo correndo pra aqui e pra lá...Aí reservou dois hectares da prefeitura pra eles colocar uma lavoura, uma horta...um hectare no sítio, nas ruínas, onde era a horta dos Guarani pra plantar, pra agarrar vínculo...pra poder eles não sair de São Miguel, porque senão eles não teriam ficado em São Miguel se não fosse feito esse tipo de trabalho.

Essa declaração mostra uma incoerência por parte da FUNAI. Parece claro que antes de acamparem em São Miguel por mais tempo não havia nenhuma preocupação com esse grupo, que podiam ir e vir sem nenhuma contestação e nenhum auxílio. Mas, indiretamente, foi algo que contribuiu para que os Guarani conseguissem os vínculos necessários para permanência no município.

Dentre as lembranças do período, o Sr Emílio fala sobre o material e a venda do artesanato:

Conseguimos pra eles fazer artesanato...mas tivemos que sair nas fazendas, conseguir esforço pra entrar e conseguir material pra eles trabalhar...e daí vendo quem é que tem uma mata, uma mata de São Lourenço, entre a redução de São Miguel e São Lourenço, que é uma mata duns quinhentos e poucos hectares, essa área foi toda predestinada pra eles e até o dono dessa fazenda é de Cruz Alta...Ele autorizou os Guarani a pegar material até hoje na fazenda, porque esta área tá predestinada pra eles....e aí eles conseguiram fazer o artesanato pra vender. Também foi uma briga pra conseguir autorização pra poder vender no Museu das Missões...o pessoal que tava aqui não queria que eles ficassem no museu pra venda né...aí houve que o Luiz Cláudio fazendo um ofício e mandando pra Brasília e aí...foi aprovado lá que os guarani poderiam permanecer na volta do Museu vendendo artesanato...então eles também tiveram sacrifício tanto pra conseguir material quanto lugar pra vender...

Essa afirmação destaca as dificuldades enfrentadas tanto para conseguir material como para a venda do artesanato dentro do Sítio Arqueológico. Segundo ele, tudo foi conseguido com muito sacrifício, persistência e contando com o auxílio e boa vontade de algumas pessoas do município. Novamente ele faz referência ao Sr. Luiz Cláudio Silva como a pessoa envolvida diretamente na questão da permanência dos Guarani dentro do Sítio Arqueológico, vendendo seu artesanato. Citou também a área que posteriormente seria comprada para os Guarani.

Ele ainda faz uma reflexão sobre os Guarani e o hoje no município:

Agora...hoje em dia eles já estão aí com a casa de passagem...aonde eles ficam pernoitando pra vender o artesanato e também já tá pra sair duas casas de venda, uma casa aqui em São Miguel e outra na aldeia do Inhacapetum. Sobre a mata que foi conseguida pra retirar material pro artesanato, é uma mata que tá predestinada pra FUNAI comprar pros Guarani, é aqui na região, com trezentos e poucos hectares...muito rica em material pros Guarani, tem taquara que eles usam, o cedro de guajuvira que eles fazem o artesanato, também tem vários tipos de madeira que eles usam pro trabalho deles e muitas ervas medicinais que eles usam também...Tem até uma que eles usam muito o fruto, que nós chamamos de jerivá, eles usam a fruta como remédio, né...

É nítida para o Sr Emílio a relação dos Guarani com a terra nessa afirmação, pois reconhece que ela é indispensável para a sobrevivência do grupo enquanto etnia. É da terra que tiram seu sustento, sua alimentação, matéria-prima para o artesanato, que é sua principal atividade, e as ervas que mantém o costume da fitoterapia. Ele pensa no futuro dos Guarani, na casa de venda para o artesanato e nas terras que ainda devem ser adquiridas pela FUNAI, denominando-as de “predestinadas” pela riqueza de material que possui.

No período do assentamento dos índios Guarani nas terras do Inhacapetum o prefeito era o Sr. Mario Ribas Nascimento, entrevistado, relembrou o período do assentamento na reserva:

Com relação à questão dos índios Guarani em São Miguel, nós assumimos a prefeitura em 1997, numa situação bastante difícil para os índios, pois se encontravam junto à Fonte Jesuítica, acampados com lonas pretas, numa situação bastante delicada...sem nenhuma condição de vida naquele ambiente degradável...aí tínhamos uma preocupação muito grande, atenção especial em relação a esses índios visto que eles se constituem, constituíram e constituem num tipo de história das nossas reduções jesuíticas dos Guarani...fazem parte da nossa história... uma preocupação muito grande junto ao governo estadual, ao governo federal, para que fosse logo adquirida as terras que estavam sendo negociadas, então tratadas em assunto junto à comissão específica na Assembléia Legislativa e também junto ao governo do estado e ao governo federal através da FUNAI. Questionamos... tivemos várias reuniões com governo do estado, governo federal em Porto Alegre, juntando as decisões dos organismos na assembléia e também na FUNAI em Brasília. Depois de algum tempo houve uma negociação, houve um acordo entre governo federal e governo estadual e assinaram um protocolo de intenções, acho que foi esse o termo onde o governo se comprometeu em comprar uma área de 250 ha do Rio Inhacapetum e também com a união a uma outra área, na mata São Lourenço, uma área maior, aproximadamente duns 500 ha nas proximidades de São Miguel. Houve então a aquisição dessa área, por

parte do governo do estado, o estado comprou, cumpriu a parte dele, comprou uma área no Inhacapetum, que tem em torno de 250 há. Iniciou, então a transferência dos índios daqui da Fonte Jesuítica, nessas condições precárias né, para essa área maior na beira do Rio, uma área maior que eles mesmos escolheram...Então houve um apoio forte da prefeitura no sentido de viabilizar todas as condições para que isso acontecesse.

O prefeito fala das condições deploráveis a que estavam sujeitos os Guarani no acampamento da Fonte, porém não se pode esquecer que se não fosse pela ocupação desse espaço no primeiro momento em que foram acolhidos pelo município e todos os procedimentos tomados pelo IPHAN e pela prefeitura municipal no período, para que conseguissem o que o Sr. Emílio chama de “agarrar um vínculo com o município”, o mesmo não teria tido a oportunidade de demonstrar, na sua administração, a preocupação com a questão Guarani, através das constantes pressões ao governo estadual e federal. Convém lembrar que no nosso levantamento documental no ano de 1999, o Sr. Luiz Cláudio Silva, representando a ONG Tekoha, solicitou ao Sr. Mario Ribas que em audiência pública reforçasse o desejo do poder público municipal de que os Guarani permanecessem no local, pois havia uma pré-disposição dos mesmos de partirem para a Barra do Ouro, tentando encontrar melhores condições de vida.

O informante relembra brevemente sobre a questão da saúde, alimentação e venda do artesanato naquele período:

Paralelamente a essas ações envolvendo a área indígena, nós trabalhamos muito a questão da saúde indígena, envolvendo enfermeiros, médicos...no município não tinha médicos, contratamos dois médico a mais no município e começamos a dar uma atenção especial ao índios. Também na questão da alimentação, um trabalho muito forte... sempre cedendo leite, doando todo dia leite para os índios, uma atenção especial nos programas do governo do federal e do governo do estado na bolsa alimentação, na bolsa família... e outros auxílios que poderíamos repassar aos índios.Também junto a uma parceria com o IPHAN, manteve aos índios dentro do sitio arqueológico para que pudessem comercializar o seu artesanato indígena.

Essa declaração evidencia que há subsídios do governo para os Guarani e reafirma que o representante do IPHAN foi quem conseguiu que os índios vendessem seu artesanato junto ao Museu das Missões, demonstrando, naquele momento, uma percepção da relação da renda dos Guarani com seu trabalho: a confecção e venda do artesanato indígena para os turistas.

Ele retoma o que ocorreu no período quanto à educação:

Também em relação à educação, junto ao assentamento da barra, a escola municipal, nós colocamos através do estado que nos viabilizou, um professor através de parceria, para termos aula para os índios em São Miguel, uma sala de aula específica...isso foi viabilizado e estávamos aguardando em 2004, não havia sido ainda os recursos para a construção de uma escola na aldeia, o que seria muito importante para os Guarani. Não sei como foi a negociação em 2005, se evoluiu...estava bem adiantada em 2004. Nós estávamos pressionando muito com audiências permanentes junto ao governo do estado, ao governo federal, para a viabilização dos recursos para a construção de uma escola...eu acho fundamental e muito importante...acho que não foi construída ainda, mas é uma ação que tem que ser incentivada, viabilizada com a máxima urgência.

O antigo prefeito, Mario Ribas Nascimento, faz referência ao assentamento da barra, que faz divisa com a reserva Guarani e que possui instalações que foram cedidas para aulas às crianças Guarani, após a contratação de um professor que falasse guarani pelo governo do estado. Ele demonstra que havia percebido a necessidade de que houvesse a construção de uma escola na própria reserva, o que até o presente momento não ocorreu. O entrevistado salienta o que fez sobre o que chama de “valorização da cultura indígena”:

Foi no nosso governo, no período de 1997 a 2004, que estivemos na prefeitura, procuramos valorizar a sua cultura indígena... valorizar e resgatar a sua música especialmente e seu artesanato. Na área da música nós criamos junto com a Associação Consciência Guarani, junto com outras lideranças que apoiaram a questão indígena, especialmente com a equipe consultora do SEBRAE... que estava trabalhando junto à Rota Missões, outro Projeto que auxiliou também na divulgação da cultura

Guarani, o Projeto Rota Missões, desenvolvido em parceria com o SEBRAE e a Fundação dos Municípios das Missões para promover, desenvolver e criar um produto turístico com qualidade na região...o Rota Missões e que também envolvia certamente e envolve a questão indígena como prioridade, por causa desta questão então foi criada a Associação Consciência Guarani. Através da Consciência Guarani e da parceria do colégio Anchieta de Porto Alegre, que é um colégio jesuíta também, nós conseguimos editar um CD e apoiar a formação de um coral dos guaranis de São Miguel das Missões, através do cacique Floriano, que foi incentivador e as crianças guaranis, índios guaranis pequenos que fazem parte do coral. Então, com incentivo e com apoio principalmente na questão da aquisição de equipamentos, de violão, de violino, nós conseguimos doações pros índios e esse coral foi incentivado através do Consciência Guarani e foi editado um CD, um CD da música guarani, dos nossos índios guaranis de São Miguel...Esse CD se constitui também numa forma de renda, eles estão vendendo, comercializando esse CD através, coordenados pela associação Consciência Guarani...eles estão comercializando, há um sistema de controle, cada índio tem mensalmente uma cota de CD para que possa comercializar e vender e que possa se transformar numa forma de renda para poder ter uma renda as famílias que participam do coral e da aldeia dos índios.<sup>7</sup>

A valorização da qual fala o entrevistado já fomentou a gravação de um CD, que hoje é comercializado pelos Guarani. Porém, a referida rota iniciou sua atuação no final do ano de 2003 e o CD foi gravado no ano de 2004, razão pela qual não estão sendo analisados nesta pesquisa.

Sobre as casas construídas durante o seu mandato na reserva do Inhacapetum, relatou:

Nós também trabalhamos muito no nosso governo para a construção das casas dos índios, a rede de água e a rede de luz pra aldeia...porque não bastava apenas ter a área. Eles foram para área, para a área acampados em condições melhores, porque havia mais espaço, mas no início também com lonas plásticas as suas casas. E nós trabalhamos para que pudesse haver a construção das casas em modelo com arquitetura própria, trabalhávamos muito com os índios e também com a FUNAI, com o IPHAN e com a prefeitura, o que viabilizou junto ao governo do estado os recursos necessários para a construção...Através de um trabalho muito grande de pressão junto ao governo do estado, da secretaria de habitação do estado, nós conseguimos os recursos para a construção das casas dos índios e da construção da rede de água e da rede de luz na aldeia num convênio com

---

<sup>7</sup> O projeto citado, Rota Missões, não foi analisado nesta pesquisa por que partiu de uma iniciativa do SEBRAE e não do governo estadual. No Brasil, visa desenvolver o turismo de 15 municípios da região: Bossoroca, Caibaté, Cerro Largo, Entre-Ijuís, Giruá, Guarani das Missões, Porto Xavier, Roque Gonzalez, Salvador das Missões, Santo Ângelo, Santo Antonio das Missões, São Vicente, São Paulo das Missões, São Pedro Butiá e Vitória das Missões, tendo fins comerciais.

a secretaria de energia na questão luz e hoje os índios já têm...Então, em 2004 foi concluída a construção das casas e também da rede de luz e da rede de água, foi implantada em 2004. Então hoje podemos dizer que os índios têm uma infra-estrutura bem melhor do que eles tinham em 1997, 1996...

Essa afirmação mostra que as pressões ao governo estadual e federal estiveram sempre presentes nas melhorias das condições de vida no local e que foi pela união dos representantes do município que se conseguiram resultados positivos quanto à infra-estrutura na reserva do Inhacapetum. O prefeito faz uma consideração sobre a questão da melhoria da qualidade de vida dos índios no local:

Isso foi o que ocorreu a partir de uma priorização, uma valorização da cultura indígena que foi empreendida pela nossa administração, quero deixar bem claro essa questão...à situação quando nós pegamos era uma, quando nós saímos não era tudo aquilo que nós desejávamos ainda, precisávamos melhorar ainda mais, mas evoluímos bastante...construímos um processo de melhoria na qualidade de vida da população indígena em São Miguel...então, foram ações importantes que melhoraram a vida dos Guarani!

Essa consideração tem uma conotação política, pois parece lógico que se o assentamento na área do Inhacapetum se deu na época em o informante era prefeito, isso tenha acarretado em melhoras significativas para os Guarani. Salienta-se aqui que foi pela continuidade do trabalho iniciado pela antiga administração que foi possível uma melhora gradativa na vida dos Guarani residentes no município.. Salienta-se aqui que foi pela continuidade do trabalho iniciado pela antiga administração que foi possível uma melhora gradativa na vida dos Guarani residentes no município. Também, não se pode esquecer a pressão da mídia no período. Foi justamente no ano em que o Sr. Mário Ribas assumiu a prefeitura que houve o concerto de fim de ano da Rede Globo de Televisão com o tenor Jose Carreras e que trouxe em pauta nos jornais de circulação nacional a questão



indígena no município. Exemplo disso é a matéria Como 33 Condenados, da Gazeta Mercantil de São Paulo, que consta neste levantamento. Na seqüência, a visita da Dra Ruth Cardoso, no ano de 1998, pode exemplificar a reiteração da mídia sobre a difícil rotina do município, quando foi divulgado nacionalmente o pedido de esmola de uma criança guarani para a primeira dama do país. Todos esses fatos contribuíram para que a sociedade civil pressionasse os representantes do poder público municipal e estadual, culminando na compra das terras do Inhacapetum.

Sobre a melhoria da qualidade de vida e o aumento da concentração de Guarani em São Miguel, o Sr. Mario Ribas Nascimento conclui que:

É assim que trabalhamos, dessa forma, foi feito um trabalho muito grande relacionado à manutenção dos índios, em relação a maneira de vida deles, que tem toda uma cultura própria, uma forma de vida peculiar que nós temos apenas que acompanhar e dar sustentação...Mas, acho que estamos evoluindo, os índios Guarani estão melhorando a sua vida. Nós entramos em 1997 e estava entre 40 a 38 índios, variava um pouco as famílias...a partir do momento que foi dada atenção, que é comprovado, devido ao que aconteceu e hoje, podemos perceber isso....Devido a essa atenção especial aos índios a partir de 1997, começou a ampliar, começou a aumentar o número, mais índios Guarani começaram a chegar, parentes começaram a chegar em São Miguel para viver com seus familiares, já que estavam tendo uma atenção e hoje nós temos mais de duzentos índios, próximo aos duzentos e cinquenta índios morando nessa aldeia de Guarani...isso demonstra que houve uma melhoria na vida, na qualidade de vida deles que viabilizou a vinda a São Miguel...Eu acho que é justo, enquanto eles viverem, já que possuem instalações maravilhosas...Na prática, nos tivemos essa oportunidade de conhecer e hoje tem o movimento Rota Missões na região...é nessa história, nessa experiência de vida...não tanto nas pedras, mas na experiência de vida, na forma de vida, de organização que ocorreu aqui na época das reduções jesuíticas, essa forma de vida que foi exaltada por filósofos famosos e reconhecidos, como Montesquieu, entre outros, que relataram sobre essa experiência das reduções jesuíticas dos Guarani na América do Sul, especialmente em São Miguel. Acho que é isso...

Essa declaração do informante mostra que ele consegue perceber nos Guarani uma forma peculiar de vida, diferente do branco e que necessita de apenas de acompanhamento e sustentação para sua continuidade dentro do atual sistema capitalista do "branco". A atenção da qual fala o prefeito está relacionada a terem

encontrado no Inhacapetum condições de subsistência para um grande grupo de indígenas, pois para ele os números na aldeia comprovam isso.

Ele deixa fazer uma breve reflexão sobre a experiência de vida dos Guarani com os Jesuítas e sobre a forma de organização social nas reduções jesuíticas que acabou determinando a atual atratividade turística em São Miguel, salientando que há, portanto, a necessidade de valorizar algo que vá além do edificado, ou seja, a comunidade Guarani que hoje faz parte do município.

O Sr. Luiz Cláudio Silva, engenheiro florestal, que trabalhou como Diretor Regional no IPHAN em São Miguel no período em que os Guarani começaram a se fixar no município e que sempre esteve a frente das iniciativas para a permanência dos mesmos no local, relembrou como foi o seu envolvimento com a questão:

O meu envolvimento com a questão indígena começou em 1993, 1994 quando um grupo de índios chegou numa Kombi trazidos por uma prefeitura da região que dizia que ali era terra de índio. Essa Kombi foi interceptada pela brigada militar e os índios foram levados para lá e se pediu autorização para que eles acampassem numa área próxima à Fonte Jesuítica em contato com a prefeitura e o IPHAN, ao qual eu estava ligado na época...se autorizou a permanência deles, eles receberam uma ajuda da prefeitura através de médicos, alimentação, medicamentos... e a gente deu nosso apoio inicial ali para que eles permanecessem...Ficaram cerca de dez dias e após isso foram embora...O prefeito, na época, ficou bastante preocupado, ele entendeu que tinha atendido bem e os índios foram embora...a aí, a gente começou a pesquisar os hábitos e a cultura desse grupo indígena que eram os Mbya-Guarani e a gente viu que eles eram seminômades, na realidade eles permanecem durante um tempo num local e depois vão embora. A partir daí começou a haver retorno periódico para lá, sistematicamente começaram a voltar alguns índios provenientes desse grupo inicial e outros começaram a permanecer durante mais tempo. Nessa época, já em 1994, se não me engano, um casal, a Paula e o José Acosta se instalou definitivamente ali...juntamente com o filho, Alessandro. O José Acosta é um artesão bastante conhecido, com um trabalho muito bom e permaneceu, começou a montar sua casa nessa área...a partir daí começamos a trabalhar com a construção da Opy, casa de reza, e nós ajudamos na instalação ali dessas casas, desse acampamento provisório, próximo a Fonte Jesuítica...Nessa mesma época, houve uma tentativa de instalação de um loteamento, mas esse loteamento iria prejudicar tanto a fonte jesuítica...pela proximidade dela...como as nascentes ali e também prejudicar a permanência desse grupo indígena.

O entrevistado mostra que, embora tenha havido uma receptividade inicial na permanência dos Guarani em São Miguel, eles continuaram com o seu costume de deslocamentos, porém a atenção dada pelos representantes do IPHAN e pelo prefeito municipal, acabou determinando uma maior permanência no local e também um aumento no número de pessoas. Ele relembra que pesquisou os costumes desse grupo, visando compreendê-los e também do primeiro Guarani que resolveu fixar-se no município, um artesão que possuía um trabalho considerado muito bom e que, para melhor atendê-los, deu-se uma atenção especial para a casa de reza. O engenheiro florestal percebeu logo que a permanência do acampamento da Fonte Jesuítica não seria adequada nem para o meio ambiente e muito menos para os Guarani. Ele também relembra como se deu a busca de um local adequado:

Passamos a realizar junto com vários profissionais e voluntários vindos de várias universidades...UFRGS, PUC, UFSM...um laudo que mostrou que eles não deveriam permanecer ali, esse loteamento não deveria ser instalado ali...a partir disso foi definido a forma de ação e foi ganhando...o espaço foi se delineando, se demarcando mais...Nessa época a gente contava, trabalhava sistematicamente com o Vladimir Stello que é do IPHAN até hoje, a Matilde Villegas...algumas pessoas se somaram, entre elas um estudante que foi fazer estágio conosco, o Marcos Chamon, que hoje trabalha com índios no Xingu, que se envolveu com a questão a partir daí...e nós conseguimos então nos organizar. A gente estava estudando dentro do IPHAN um trabalho de fazer a revitalização da antiga Quinta Jesuítica dentro das reduções, da Redução de São Miguel Arcanjo. O que seria isso...recuperar o espaço da Quinta...a horta e o pomar e, a partir daí, nós incluimos... além das espécies trazidas pelos jesuítas na vinda pra cá, trazidas da Europa, nós incluimos espécies vindas da floresta e reservamos um espaço para que os índios pudessem estar plantando lá dentro...Eles plantaram o milho, várias espécies de milho que eles têm, milhos tradicionais de uso...amendoim, mandioca, enfim...e a nossa idéia era que eles conseguissem um espaço para reprodução vegetal e ao mesmo tempo reservar essas sementes sem o contato e a transformação aí...A partir de um melhoramento genético, enfim um trabalho de experiência que estávamos fazendo, de manter a genética floram...conseguimos isso durante um bom tempo e ao mesmo tempo eles tiravam alimento dali, numa reapropriação desse espaço, que na origem era deles...eles construíram tudo isso, construíram as reduções com orientação de dois padres, chegaram a dezessete mil índios e a partir de um momento eles foram sendo expulsos ou foram impedidos de retornar a esse lugar...por todos os motivos os Mbya Guarani tem uma forma de agir junto ao mundo real a partir de mensagens ou de imagens passadas pelos deuses através dos sonhos vem a mensagem, a orientação do que eles devem fazer...então, eles são suscetíveis a uma série de influências, eles interpretam, às vezes, que precisam deixar uma área e aí vão...dentro

dessa lógica de procurar a terra sem males...estão sempre em constante busca de um lugar onde eles tenham uma base para reproduzir a sua cultura...

A união de esforços de várias pessoas mostra como os representantes do município responderam à questão indígena. A reapropriação do espaço nas ruínas, idealizada pelo Sr. Luiz Cláudio, mostra uma preocupação com a manutenção dos costumes dos índios, que necessitam da agricultura para sua subsistência e o reconhecimento de que havia a necessidade desse grupo ganhar um espaço especial no município, tendo em vista que a terra inicialmente era deles, pois eram os habitantes do território antes da colonização e auxiliaram na construção do edificado, hoje Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade e destaque no turismo estadual. Ele demonstra um conhecimento sobre a cultura Guarani, pois faz uma breve reflexão sobre a busca da terra sem males, que orienta a cultura dos mesmos. O trabalho realizado em São Miguel é lembrado pelo entrevistado, Sr. Luiz Cláudio Silva:

A partir desse trabalho começou, então, a chegar nesse lugar mais famílias em São Miguel das Missões e a permanecer e teve a construção da Opy, a casa de reza e várias pessoas colaboraram, a Dionísia, que trabalha hoje no IPHAN, mesmo o Chanon...nós ajudamos, estivemos bastante presente...na limpeza dessas áreas...começar mostrar que o lixo da floresta não é lixo, que é aproveitado pela própria floresta e que o lixo que vem a partir de produtos de branco, como saco de leite, garrafa de refrigerante, enfim...uma série de produtos que eles passaram a consumir, de branco, gerava lixo e esse lixo estava sendo largado, jogado...Houve todo um trabalho de aprendizagem conjunta, nós aprendemos com eles seus valores, eles aprenderam conosco essas necessidades básicas para viver em sociedade...inserida dentro da sociedade branca...e aí começou todo um trabalho conjunto de mutirões, de limpeza...outras famílias foram chegando e a necessidade a partir daí de produtos florestais, de produtos que eles pudessem manifestar sua cultura através do artesanato. Então nós tínhamos iniciado um trabalho de estudo da floresta missioneira, como engenheiro florestal que eu sou na origem...juntamente com outras pessoas começamos a trabalhar, a estudar a floresta missioneira; A Fundação do Boticário auxiliou nesse processo, custeando parte do trabalho e começamos a contar com vários fazendeiros da região, estudando essa floresta e, partir daí, entrou o conhecimento índio...o índio

andando conosco, o Mbya Guarani...e ao mesmo tempo a gente conseguiu autorização importante para que eles pegassem parte desse material e trabalhassem produzindo artesanato que depois era vendido...então, na confecção dos bichinhos, da cestaria, dos animais da floresta e da cestaria como um todo, usando guaimbé, taquara mansa...eles começaram a ver que o guaimbé dá nas florestas altas e o da taquara mansa só na parte baixa próxima a rios...então, nós tínhamos esse problema...as áreas florestais que nós continhamos...nós tínhamos que garantir a integridade do território...daí organizamos um projeto chamado Tekoha, Tekoha é espaço, manifestação da cultura em guarani...é querência, é um lugar onde se consegue manter a estrutura dos índios fisicamente e culturalmente. Esse projeto contemplava três áreas, uma área para morar que seria onde é o Inhacapetum, a gente detectou essa área, uma área para coleta de matéria prima florestal, que é uma área na Fazenda São Lourenço, na divisa de São Miguel com São Luiz Gonzaga...uma área muito grande, extremamente preservada, cerca de 700 hectares...trabalhamos de forma estratégica, localizando tudo isso e uma área de contato com o branco, poderia ser...eles estavam vendendo artesanato no Museu e hoje permanecem, né! Devem ter imaginado construir algo próximo ou fazer algo próximo às Ruínas ou da fonte Jesuítica...

O Sr. Luiz Cláudio mostra o quanto se dedicou para resolver a questão, exemplo disso é a preocupação que teve em mostrar para os Guarani a diferença do que é lixo e o destino que deve ser dado ao mesmo. Na sua fala deixa transparecer o respeito que tem pelo Guarani e sua sabedoria, soube ouvir a opinião do índio na saída em busca de terras e de materiais, teve a preocupação que tivessem material necessário para a confecção do artesanato, entendido como uma forma de manifestação da cultura Guarani. A sua formação inicial contribuiu para que perceba a relação íntima da cultura Guarani com a terra, bem necessário para a sobrevivência física e cultural e que tivesse uma preocupação em encontrar um local que fosse adequado para a permanência no município, o que acabou determinando a organização do Projeto Tekoha, que foi o ponto chave para encontrar o local onde estão hoje os Guarani: o Inhacapetum. O entrevistado cita ainda as terras que ainda não foram adquiridas para coleta de material e o local onde os Guarani vendem seu artesanato. Ele retoma alguns fatos que contribuíram para detectar a área do Inhacapetum:

Este projeto andou, algumas pessoas começaram a se interessar pela questão, começaram a ajudar, fizemos a gravação do globo Ecologia, que mostrou tudo o que estava ocorrendo...uma TV de Portugal, na época do Brasil 500 anos veio e se interessou, filmou vários desses lugares e desse processo, através deles se conseguiu um helicóptero da base de Santa Maria, então, nós pudemos fazer um sobrevôo na região, fotografar e filmar esse material que serviu depois de base até para o laudo antropológico que acabou na demarcação, na compra da área onde hoje eles estão instalados, no Inhacapetum...se comprovou que não havia ocupação continuada, então houve a compra dessa área e agora estamos tentando e aguardando...Vamos ter que retomar essa luta para conseguir uma área florestal para que eles possam viver na plenitude essa vida guarani...

É citado o programa Globo Ecologia da Rede Globo de Televisão como uma forma de mostrar para a sociedade “branca” a precariedade pela qual passavam os Guarani frente ao edificado no município. E, também, o auxílio que teve na aquisição de material, fato que culminou no laudo antropológico feito pela UFRGS e na compra da área do Inhacapetum, por ser uma área que não tinha ocupação continuada. Há necessidade de retomar o trabalho para que os Guarani consigam viver em plenitude a sua forma de ser.

Várias pessoas envolvidas com a questão são citadas nas lembranças do entrevistados. Ele também destaca o Projeto Tekoha acabou conseguindo o apoio necessário para a aquisição das terras, hoje ocupadas pelos Guarani:

Além de todo esse processo a gente contou com o auxílio do Sr Marinho, que era o antigo proprietário da área do Inhacapetum. Quando ele cedia madeira caída dos vendavais e nós engenheiros florestais, eu, o Chamon, a Denise Superti, uma outra engenheira florestal que se envolveu bastante na questão, nós fazíamos a visitas ambientais nessa área, junto aos Órgãos Ambientais e depois íamos buscar. Geralmente o Sr. Emílio ia buscar esse material, trazia para eles para ver se continuavam trabalhando...tivemos uma ação bastante presente, todo esse grupo de pessoas e outras se juntaram...as pessoas chegavam e trabalhavam...era bastante exigente...Com o Conselho Estadual do Índio, o Conselho foi montado e tinha reuniões em Porto alegre. Nós começamos a trabalhar inicialmente no Fórum Estadual do Índio, que reunia Mbya Guarani e depois Kaingang, trabalhamos bastante nisso, tivemos essa oportunidade de conhecer, de participar de encontros indígenas e conhecer pessoas ligadas ao Ministério Federal, tanto em São Miguel como em Santo Ângelo e depois em Porto Alegre...pessoas que trabalhavam sistematicamente pela causa, Osmar Veronesi, Procurador da República e outras pessoas que

tiveram um posicionamento bastante forte nisso... O projeto Tekoha, na realidade, deu forma a uma série de demandas que os Guarani tinha e, a gente ajudou a dar uma forma que o branco entende...na forma de projeto! Esse projeto esquematizado previa a aquisição, compra, a conquista...enfim, como queira, de três áreas e essas três áreas estavam sistematizadas e organizadas e tomaram forma no Projeto Tekoha e a partir da necessidade que as Ruínas de São Miguel tinham e da função que, na época, ocupava, de Diretor...do Instituto do Patrimônio Regional, passei a entregar juntamente com outros colegas para várias lideranças brancas, lideranças políticas, lideranças formais e informais, enfim, se entregou para vários ministros, governadores, secretários de estado e a gente ao longo do tempo foi conseguindo uma adesão, uma simpatia pelo trabalho...músicos, artistas, simpatizantes auxiliaram...a Família Lima, músicos gaúchos, na época auxiliaram durante quase um ano, eles mandaram recursos para que os índios pudessem se manter ali. Outras pessoas que surgiram nesse processo: Fernanda Montenegro, Fernando Torres, são pessoas que visitaram e a simples visita despertou o interesse e aí, a partir daí começou a surgir mais ajuda.

O entrevistado demonstra uma satisfação pessoal, pois entende que teve oportunidade pela função que ocupava, pelas pessoas que conheceu e assim pode auxiliar essa comunidade a ter uma vida melhor, através do Projeto Tekoha, forma encontrada para que os “brancos” entendessem as necessidades da comunidade Guarani no município de São Miguel, despertando a simpatia, a adesão e o auxílio para a permanência dos mesmos no município.

Ações diretas, essas são as palavras finais para resumir o trabalho feito no local:

Se trabalhou, ao longo do tempo, fazendo ações diretas até que se conseguiu a demarcação da área do Inhacapetum, onde hoje eles estão instalados, onde eles vivem e a gente conseguiu após isso doação de madeiras apreendidas pela companhia ambiental do estado, através de autorização do conselho e se conseguiu organizar e instalar e, eventualmente ,eu tenho encontrado com eles nessas andanças em Porto alegre, Santa Maria e o que fica que é interessante...é que eles não esquecem do que a gente segue aí tentando garantir...um pouco mais de conquista...acho que é isso que eu tinha para relatar...

A afirmação do engenheiro florestal, responsável por tantas ações que beneficiaram os Guarani, mostra que é possível a harmonia entre o “branco” e o índio, desde que seja respeitada a forma de viver de cada um e que haja um real comprometimento com o desenvolvimento das comunidades.

#### **4.3 Levantamento feito com a comunidade Guarani na reserva Inhacapetum: o hoje**

Foram feitas duas visitas técnicas à reserva do Inhacapetum, nos dias 16 de janeiro de 2005 e em 23 de outubro de 2005, visando fazer constatações sobre o atual modo de vida dos Guarani, conforme permissão obtida com o atual cacique Nicanor Benites. Nessas visitas, foram feitas entrevistas com os líderes da Aldeia e também um vídeo. Importante salientar que na atualidade os Guarani não permitem pesquisas dentro do local e o fator que contribui para sua realização é o fato desta pesquisa ter como foco central o desenvolvimento local.

**População:** Quanto ao total da população Guarani não foram encontrados registros escritos oficiais. O dado mais específico conseguido para a pesquisa foi o fornecido pelo Enfermeiro Sr. Jaime Ebert Brentano da equipe multidisciplinar de saúde indígena que trabalha na prefeitura de São Miguel das Missões. Ele informou que a distribuição da população indígena, conforme a idade no mês de novembro 2003, na Reserva Indígena do Inhacapetum, era a seguinte: 0 -12 anos: 93 (masculino: 55 e feminino: 38) e com mais de 12 anos: 78 pessoas (masculino: 41 e feminino: 37). Na entrevista Nicanor informou que vivem na reserva, hoje, 34 famílias, totalizando duzentas e onze pessoas.



**Domicílios:** Na visita feita em 16 de janeiro de 2005, Nicanor informou que a reserva totaliza 236,00 hectares de terra. Pode-se constatar que os guaranis possuem moradias feitas de madeira costaneira (sem beneficiamento), cobertas por telhas feitas pelo governo do estado. As casas não possuem limites umas com as outras e convivem livremente galinhas e cachorros no ambiente, existindo galinheiros, distantes cerca de 5 metros das moradias. Há dois tipos de casas no local: uma com área que é utilizada como cozinha de chão batido e um quarto coletivo parcialmente assoalhado, e outra, com área, cozinha de chão batido e quarto assoalhado. Nos ambientes utilizados para a cozinha, o fogo é feito no chão, os móveis existentes são bancos feitos de madeira artesanal, assim como camas rústicas, conforme pode ser visualizado nas fotos abaixo.

**Foto 1. Fachada das casas**



**Foto 2. Animais convivendo livremente**



Foto 3. Cozinha de chão batido interna e Guarani



Foto 4. Cozinha de chão batido interna – objetos



**Foto 5. Quarto coletivo moradia sem divisória interna**



**Foto 6. Quarto coletivo moradia com divisória interna**



Nas duas residências observadas havia muitos objetos espalhados pelo chão e em ambas pôde-se observar a existência de apenas uma panela. Na casa do



cacique Nicanor haviam dois cartazes, distribuídos pela equipe de saúde da prefeitura de São Miguel, falando sobre amamentação e uso de preventivos,

**Foto 7. Cozinha chão batido fora da casa e cartazes**



**Foto 8. Cozinha de chão batido - objetos espalhados e índia Guarani**



**Foto 9. Objetos espalhados quarto - moradia sem divisórias**



Não havia energia elétrica nas moradias na primeira visita, somente o antigo cacique, Floriano, possuía gerador em sua casa e uma televisão, onde os indígenas se reuniam para assistir, principalmente, jogos de futebol, atividade que foi salientada como a preferência masculina na reserva. Na segunda visita realizada, já havia energia elétrica em todas as casas. Cada residência possui uma torneira de água do lado de fora da casa, distante uns dois metros da mesma. Na residência do cacique, havia um tanque e uma grande bacia com água parada que segundo foi informado não era utilizado para lavar roupas. Abaixo, na foto, pode-se visualizar o abastecimento de água do local, o tanque e a bacia e também a torneira utilizada para abastecimento da residência do Sr. Osvaldo Parede.

**Foto 10. Abastecimento de água- tanque e bacia**



**Foto 11. Torneira - abastecimento moradias**



Quanto ao sistema de esgoto da reserva, não havia nenhum tipo de sanitário no local, nem dentro das residências, nem um banheiro público que possa ser utilizado, sendo, portanto, ao ar livre e a distância respeitada não é específica, segundo a entrevista com o cacique.

O destino dado ao lixo produzido no Inhacapetum é o de queima e isso é feito bem próximo das residências, conforme pode ser constatado na foto a seguir:

**Foto 15. Destino do lixo**



**Renda:** Segundo a entrevista, a renda na reserva é proveniente da venda do artesanato e recebem em torno de R\$ 60,00 por semana. Para o cacique, quando tem um grande movimento de turistas é possível que ganhem um salário por mês.<sup>8</sup> Trabalham na venda do artesanato cerca de 10 indígenas durante uma semana e a venda é feita dentro do sítio arqueológico de São Miguel. Quando trabalham na venda, os mesmos ficam em uma casa de passagem na cidade. O cacique salientou a importância do local onde eles estão para a venda do artesanato, pois, segundo ele, os Guarani eram os donos da redução. A renda é destinada para comprar comida e roupas, em especial calçados para as crianças, conforme pode ser constatado na entrevista feita com o cacique.

**Transporte:** Os Guarani utilizam transporte coletivo para deslocamento até o município. Há um ônibus de linha que passa na estrada da reserva duas vezes por semana, havendo, também, transporte coletivo para a cidade distante da reserva cerca de oito quilômetros. A Prefeitura Municipal fornece carona aos mesmos

---

<sup>8</sup> O valor de um salário mínimo no dia da entrevista, 16/01/2005 era de R\$ 300,00.

quando visita a aldeia, havendo na reserva várias bicicletas que são utilizadas para transportes próximos.

**Lazer:** O lazer dos Guarani acontece na própria aldeia e o cacique destacou que são feitas danças tradicionais da cultura Guarani. Também há o costume de comemorar aniversários juntos na reserva. Eventualmente eles participam de torneios fora da aldeia. Nas observações feitas, foi constatado que o futebol é o esporte que mais chama a atenção dos mesmos, pois a televisão na casa do antigo cacique é um ponto de encontro para assistir jogos do campeonato gaúcho, assunto que os Guarani dominam.

**Alimentação:** Existem, no local, plantações de milho, mandioca, batata-doce e melancia, próximos das moradias há um galinheiro, porém as galinhas estão soltas no ambiente. Os Guarani plantam juntos e o preparo da terra é feito pela FUNAI que fornece um trator para preparar a terra, sendo o plantio manual. A alimentação básica vem do que colhem, pescam e caçam. Quando vendem mais artesanato, compram feijão, arroz e macarrão. Na entrevista o cacique exemplifica como é a sua alimentação básica: não toma café da manhã, por não comprar pão, tomando chimarrão, esperando o almoço para se alimentar. Durante a venda de artesanato, informou que os Guarani cozinham macarrão ou arroz, por não ser possível comprar pão e presunto por causa do alto valor que teria de ser gasto. Na conversa informal com o Sr. Osvaldo Parede, foi informado que arroz, açúcar e feijão são consumidos quando há doações da FUNAI. Nas residências, foi observado que não havia pacotes com alimentos e na residência do Sr. Osvaldo avistava-se apenas milhos – pipocas pendurados próximo da área e um pacote de erva-mate. Em ambas as moradias observadas havia apenas uma panela para utilização.



**Saúde:** Há dentro da reserva uma função denominada agente de saúde indígena, que segundo entrevista é concedida a um ou dois indígenas pela prefeitura municipal, havendo também uma equipe de saúde indígena. Na entrevista, o cacique informou que é essa equipe que cuida da saúde na reserva e que há também uma equipe contratada pela FUNAI para prestar serviços aos povos indígenas, fazendo visitas ao local, não ficando claro a periodicidade de tais visitas, nem os serviços prestados. A equipe de saúde indígena parece ser um misto de conhecimentos fornecidos pelos “brancos” e por conhecimentos indígenas. Nicanor salientou que é o Pajé quem determina tudo dentro da aldeia e também o caraíque<sup>9</sup>, atuando dentro da casa da reza, que fica atrás da casa do Sr. Osvaldo Parede. O serviço hospitalar não é muito utilizado, pois as doenças mais comuns são a diarreia, o vômito e a tosse durante o inverno, assuntos que são considerados fáceis de curar pela equipe local. O serviço de odontólogos, segundo o informante, foi feito duas vezes no ano de 2004 e ele afirma não ter problemas graves, considerando satisfatório o trabalho feito nessa área.

A natalidade é considerada alta pelo cacique e quanto a falecimentos houve apenas três em 2004, sendo as três mortes de crianças: uma afogada, uma por problemas respiratórios e outra por um raio. Em conversa informal e sem autorização para gravá-la, a índia Denise, esposa do cacique, quebrou o costume de não falar com “brancas” e explicou que o controle da natalidade era feito por ervas fornecidas pelo pajé, havendo um período de sessenta dias de abstinência após o uso de tais ervas para controle de um ano de período fértil.

**Educação:** No que se refere ao ensino dentro da reserva, o Sr. Osvaldo Parede afirmou que há no momento um total de trinta e quatro crianças estudando

---

<sup>9</sup> Nome desconhecida pela autora e sem registros de estudiosos.

da primeira à quarta série. As crianças sabem ler, diferente dos adultos que não tiveram acesso à alfabetização. Para o cacique, hoje, as crianças adoram estudar e é mais fácil o entrosamento entre crianças e “brancos” e a língua que aprendem é o português e o guarani, levando ambas em conjunto. Há um desejo por parte do cacique de que a escola seja transferida para a reserva, pois as crianças deslocam-se oito quilômetros para poder ter acesso ao ensino.

O cacique declarou que é difícil que alguma mulher Guarani converse com “brancos” por não terem esse costume, entendem o que os “brancos” falam, mas não respondem, apenas fornecem valores do artesanato quando trabalham nessa função.

**Relacionamentos:** O casamento entre Guarani é considerado simples, dependendo de um acordo verbal entre ambos, que pode ser rompido a qualquer momento. A guarda dos filhos é feita em consenso e quem ficará responsável pela subsistência dos mesmos é aquele que fica com a guarda. Quanto à cultura Guarani Nicanor salientou ser importante mostrá-la aos “brancos”, mas que deve haver por parte deles o mesmo respeito que o Guarani dá para as outras culturas. Nicanor também acredita que os próprios Guarani devem valorizar aquilo que é seu. Para ele, os relacionamentos com pessoas de fora da reserva são normais e há um entrosamento com a comunidade em São Miguel das Missões. Em algumas colocações o cacique fala sobre a constante luta e resistência dos Guarani para manterem o espaço que conquistaram, exemplo disso é quando se refere à casa de passagem e ao local que vendem artesanato.

#### 4.4 Os dados levantados e o discurso Guarani sobre o hoje

O termo qualidade de vida foi utilizado no corpo do texto, visando relacionar o mesmo com as condições em que vivem os seres humanos e buscou-se trazer neste tópico o discurso dos Guarani sobre o hoje e os aspectos relacionados ao conceito de Nahas em sentido geral, quando fala no grau de satisfação nos aspectos relacionados com a moradia, transporte, alimentação, lazer, satisfação / realização profissional, relacionamento com as outras pessoas e segurança financeira, visando verificar indicadores de desenvolvimento na reserva do Inhacapetum.

Quanto ao total da população Guarani, os dados obtidos em São Miguel demonstram que há uma concentração infantil no local, pois o total de pessoas de 0 a 12 anos supera o número de pessoas com mais de 12 anos em 15 pessoas e também que o percentual masculino é maior que o feminino, pois há 21 homens a mais que mulheres, havendo uma tendência para uma maior concentração masculina na aldeia.

No aspecto moradia, percebe-se, num primeiro momento, que o cacique Nicanor tem dificuldades para falar sobre o banheiro por utilizarem o mato, embora em seu discurso tenha demonstrado que em breve esse serviço básico será alcançado:

Nóis temo fora, até, até pedimo com prefeito agora, prefeito eleito né...ele já teve aqui na aldeia...converso com nós e ele disse que vai fazê todo que guarani que né, até eu pedi banheiro público assim...por que as veis precisamos, não é somente guarani que precisa, as veis vem turista, não tem banheiro e aí complica né... É nois sempre... procuramo o mato... pra ir ao banheiro.<sup>10</sup>

Esse relato deixa transparecer a insatisfação e o desconforto do cacique em falar no assunto, pela sua percepção individual de insatisfação quanto à questão do banheiro no caso de visitas de “brancos”. Ainda quanto às moradias, nas visitas havia muita sujeira e animais convivendo livremente com crianças e adultos, utensílios espalhados pelo chão, descuido com a água utilizada, lixo queimado muito próximo das casas, demonstrando uma apatia por parte dos indígenas com a questão da higiene na reserva.

Sobre o transporte da aldeia para a venda do artesanato em São Miguel ou para outros fins, respondeu:

As veis nós aproveitamo carona da prefeitura né, por que as veis semanalmente vêm...então aia a gente aproveita, senão pagamo passagem... Aqui próximo da aldeia duas vezes por semana, mas mais longe da estrada grande...todo dia...08 km daqui.<sup>11</sup>

A estrada principal que tem ônibus regular é distante cerca de oito quilômetros da reserva, e é utilizada pelas crianças para ir à escola, porém é de difícil acesso, conforme pode ser observado nas visitas feitas à reserva. Quanto à educação, a escola parece ser a alegria das crianças na reserva, embora tenham dificuldades de locomoção, pela distância que é percorrida a pé diariamente. Sobre isso, Nicanor relatou:

Estuda sim, na maioria criança tá estudando agora...tem uma escolinha a 8 km aqui da aldeia...até fizemo projeto, só que tem que sabe orçamento...qual é o orçamento que tem pra esse ano. Tomara que aconteça logo uma

---

<sup>10</sup> Nós fazemos fora da casa e já pedimos para o atual prefeito eleito, que esteve na aldeia, um banheiro público. Algumas vezes precisamos, pois não ter banheiro quando temos visitantes é complicado. Nós fazemos no mato.

<sup>11</sup> Algumas vezes aproveitamos carona da prefeitura, pois às vezes ele vêm semanalmente, então aproveitamos, senão pagamos passagens... Aqui próximo da aldeia temos ônibus duas vezes por semana. Na estrada principal, distante 08 km daqui, temos ônibus todo dia.

escolinha dentro da aldeia, mas sempre continua...criança tá estudando e tá adorando estudá também...<sup>12</sup>

O transporte no local é feito por ônibus, que passa regularmente na estrada principal, distante cerca de oito quilômetros da reserva. Em dias de chuva, por ser a estrada de chão, conclui-se que haja dificuldades de locomoção para quem precise utilizá-lo. A questão das crianças terem que se locomover cerca de oito quilômetros a pé para estudar demonstra as dificuldades enfrentadas para ter acesso a esse serviço, especialmente em épocas de chuvas.

Fora o cacique, percebe-se que as pessoas não conseguem uma fácil comunicação com os “brancos”, os mais velhos e as mulheres, não sabem ler ou escrever. Osvaldo, em entrevista cedida no dia 16 de janeiro de 2005, relatou sobre sua experiência: “ Não, não... naquele tempo, 62, meu avô não teve essa atitude pra mim estudá”.

Esse fato vem confirmar o referencial teórico, quando os Verbetes Guarani informam que a somente os representantes dos interesses da comunidade junto à sociedade civil falam o português com fluência, mas também demonstra que hoje na aldeia existe uma preocupação para que as crianças estudem e falem as duas línguas (português e guarani).

A alimentação Guarani está garantida por praticarem agricultura de subsistência. Nicanor relatou como é a sua alimentação no dia-a-dia:

Eu de manhã tomo chimarrão e daí dificilmente pra mim tomá café da manhã...mais quando eu compro pão daí eu tomo, mas eu sempre tomo só chimarrão assim de manhã e espero o meio dia pra almoçá.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Atualmente as crianças estão estudando, pois tem uma escola a 8 km da aldeia. Fizemos um projeto para uma escola dentro da aldeia, mas tudo depende do orçamento para o ano. Torço que logo tenhamos uma escola na aldeia. Mas, as crianças estão estudando e estão adorando estudar.

O cacique exclui o café da manhã, pois nem sempre tem pão para comer, toma chimarrão e espera o almoço, refeição que é garantida por praticarem agricultura de subsistência nas terras do Inhacapetum. Salienta-se que foi constatada nas visitas realizadas na reserva falta de provisões de alimentos nas moradias.

Sobre a questão da saúde na reserva, o cacique afirmou:

É...as veis... treis veis por semana que vem a equipe da saúde, eles já foi contratado né pra povos indígenas mesmo, pela FUNAI.(...) É...Trabalham bem direitinho pelo que eu vejo... ainda não tenho queixa da equipe né, até hoje trabalhamos junto, então nós também apertamos ele pra que fique bem cuidado então... não tem nenhum problema.<sup>14</sup>

Já quanto ao serviço de odontólogos, ele relatou: “Na aldeia, o ano passado foi duas veis que atendeu aqui dentro da aldeia. Esse ano ainda não, mais...problema também não tem... não tem grave.” Observando as pessoas, percebe-se que não há um cuidado com a higiene pessoal, os dentes de todos estão amarelados, quebrados e com cáries visíveis, sendo a aparência dos entrevistados muito envelhecida para a idade informada.

Sobre a necessidade de internação hospitalar, Nicanor informou:

Isso aí depende da doença né, por que nós além da equipe da saúde indígena, aliás além de agente de saúde indígena tem equipe e aí tem mais caraíque, nós...nós sabemos na aldeia, pajé e aquele que sabe...sabe lida com alguma coisa e cuida dentro na casa da reza então aí nós temos que vê qual é a doença que tem alguma pessoa, tudo, criança que seja... então aí mais quem determina é pajé dentro da aldeia.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Pela manhã eu tomo chimarrão, dificilmente tomo café. Mas, quando compro pão, tomo café. Após o chimarrão da manhã, eu aguardo o horário do almoço.

<sup>14</sup> Três vezes por semana temos a visita da equipe de saúde contratada para povos indígenas pela FUNAI... Trabalham bem, não tenho nenhuma queixa da equipe. Nós trabalhamos juntos e fazemos pressão para que tudo fique bem, não tendo nenhum problema.

<sup>15</sup> Depende do tipo de doença, porque além da equipe de saúde indígena, digo, além de agente de saúde indígena temos o Caraíque e o Pajé. O caraíque é a pessoa dentro da aldeia que tem conhecimento e sabe lidar com algumas doenças, atendendo as pessoas dentro da casa da reza. Mas, quem determina é o Pajé.

Em nova entrevista, além de reiterar a afirmação acima, relatou sua própria experiência de vida sobre a questão hospitalar:

Difícilmente acontece uma coisa, alguma doença grave, grave mesmo...por que, por exemplo eu tenho é... na minha opinião né, por que eu sempre digo assim o branco e Guarani tem diferença, por que branco já não deixa mais criança assim pé...pé descalço, então tem que ser bem abrigado então, quando no inverno né, mais nois guarani não é assim, acho que alguma coisinha, alguma tosse é normal...Quase não usa hospital, eu até até digamo assim, por que eu penso que tem que valoriza sabedoria dos mais velho, eu penso que tem que tá junto, vê junto com com caraíque, com cacique, a gente já conversamo sobre isso...A Denise... foi penúltima criancinha nois tivemo, ela ganho uma criancinha, só que deu problema, então aconteceu essa coisa, foi feito cesariana no hospital, ela quase morreu... faltando alguns minuto pra ela morre, daí eu levei ela no hospital, e daí salvou criança, salvou ela também, daí é a ultima criança que nasceu, aí ela tinha que faze ligadura, daí ela fez no hospital... Porque eu vejo assim, eu trabalho como agente de saúde na aldeia e aí vejo assim, eu da minha parte não posso determiná pra leva pra hospital por que tem equipe de saúde indígena e daí eu acompanho e ele também já sabe como é indígena então eu tenho que conversa com a família que tenha assim criança doente, eu tenho que faze pergunta e conversa com caraíque , por que caraíque que determina né, então eu tenho que da apoio pra ele, o caraíque que sabe mais, então aí quando ele determina, aí eu posso chama ambulância ou alguma coisa...Então como eu já falei, o branco qualquer coisinha tem que chamar o médico, nós não, nós temo faze alguma coisa em casa pra ver se cura ou não...isso que acontece.<sup>16</sup>

Pode-se concluir que na reserva do Inhacapetum os Guarani mantêm o costume de ter um líder espiritual e religioso que exerce a chefia na comunidade e na casa de rezas, conservando a prática fitoterápica. Existe uma nova forma de relação com a sociedade civil na questão saúde somente quando eles consideram necessário. Parece ser pertinente lembrar que o prefeito Valdir Frizzo considera que a baixa taxa de internação hospitalar seja conseqüência do bom atendimento da

---

<sup>16</sup> Difícilmente acontece alguma doença grave. Na minha opinião, entre o branco e o guarani tem diferenças. O branco já não deixa as crianças de pés descalços, tendo que se abrigar bem no inverno. Nós não somos assim. Tosses são normais, quase não usamos hospital. Penso que devemos valorizar a sabedoria dos mais velhos, temos que estar todos unidos, vendo com o caraíque e com o cacique, conforme já falamos. A minha esposa Denise, na penúltima criança que tivemos, teve problemas e foi necessário fazer cesariana no hospital, pois quase morreu. Eu levei-a no hospital e salvaram a criança e ela. Na última gravidez, foi necessário fazer ligadura no hospital...Eu vejo da seguinte forma, eu trabalho como agente de saúde na aldeia e não posso determinar se é necessário serviço hospitalar, pois temos equipe de saúde indígena. Acompanho os acontecimentos na aldeia e converso com o caraíque e ele determina o que fazer. Eu dou a apoio a ele, que é quem tem

equipe de saúde, porém, o depoimento de Nicanor comprova que isso se deve a atuação da equipe de saúde da própria aldeia, pois é dentro da casa de reza, através da avaliação do pajé que é feita a determinação do que fazer quando há problemas de saúde na reserva.

As atividades de lazer são usufruídas no local e os Guarani gostam das suas danças tradicionais, porém na entrevista, o cacique não deu muita abertura para o assunto:

Eu acho que é aqui mesmo dentro da aldeia, as veis nós saímo participa alguma festinha né, num torneio, como já o guarani sabe também qual é a diversão então né, mais dificilmente pra nós saí assim participa um baile...só dentro da aldeia...as veis nós fizemo dança tradicional assim né... da nossa cultura. Então daí eu acho que nem precisa da gente saí daqui pra comemora alguma coisa.<sup>17</sup>

No Inhacapetum, o lazer parece ter um perfil próprio, voltado para a forma de ser Guarani e está sempre relacionado com a religião e com a agricultura de subsistência. Na conversa informal, o cacique demonstrou muito interesse pelo futebol. Esse é um item que pode estar relacionado diretamente com a cultura, assunto que o cacique não quis abordar. Sobre a cultura Guarani e o interesse que os “brancos” possam ter sobre a mesma, afirmou:

É...nois faz como antigamente, nois sempre mantemo, nós sempre mostramo, mas não é só pra mostra pro branco, isso aí já é nossa cultura, já existe pra nós. Eu vejo que o Floriano tem coral ele conversa bastante com pessoal da aldeia, foi muito interessante para criança guarani, por que aí criança guarani já se envolve também com amor, com a dança, então é importante...Isso aí eu acho que eu não tenho muita coisa pra dize sobre isso, não sei como é que vou dizer sobre a questão...aí é muito difícil por que eu participei numa reunião em Porto Alegre, com cacique, com todas as liderança da comunidade...até o cacique, caraíque, todo que sabe mais

---

conhecimento. Quando ele determinar, eu chamo ambulância ou socorro. Já o branco, qualquer coisa que tem chama o médico. Nós não, nós fazemos algo em casa para tentar a cura.

<sup>17</sup> Eu penso que é aqui mesmo dentro da aldeia, porém, algumas vezes saímos participar de alguma festa, algum torneio, mas é difícil sairmos para participar de algum baile. Dentro da aldeia fazemos danças tradicionais, da nossa cultura e não precisamos sair daqui para diversão.



proibiu todo pra nós faze assim... por que tem muitos branco que gosta de pesquisa assim né, da cultura indígena, só que nois não podemo conta todo, todo, apenas nois vendemo artesanato pro turista...né!<sup>18</sup>

Nicanor destaca que os “brancos” gostam muito de saber sobre a cultura indígena, mas que não há o interesse dos Guarani em mostrar tudo que é seu. Talvez isso esteja relacionado a uma forma de auto preservação dos Guarani frente a pesquisadores que não estejam realmente comprometidos com a academia. Em conversa informal, contou uma experiência pouco agradável quando “brancos” chegaram fotografando as residências sem o mínimo respeito.

Os Guarani permanecem em torno de uma semana em São Miguel vendendo artesanatos para turistas. Sobre o pernoite e alimentação no local neste período, Nicanor relatou:

Agora, bah... foi difícil também, mais lutamo com... nossa resistência né, com a força de todos Guarani e conseguimos tê até uma casa de passagem ali dentro do sitio arqueológico...mais não foi fácil né! Eu vejo assim...mais agora tá melhorando né ...por que até era muito difícil naquela casinha ...agora vai fica restaurado... mais conseguimos uma casa de passagem.(...) nois temo que cozinha né, por que pra compra assim presunto, pão, alguma coisa assim é muito caro também né, mas comprando assim farinha, comprando arroz , um pacote macarrão...assim é nois cozinha lá.<sup>19</sup>

Esse relato reafirma a declaração do Sr. Emílio, que salientou o sacrifício que foi para os Guarani venderem artesanato dentro das ruínas e mostra que a renda do

---

<sup>18</sup> Nós fazemos como antigamente, sempre mantemos e mostramos. Mas, não é somente para mostrarmos para o branco, pois nossa cultura já existe pra nós. O Floriano tem o coral, conversa bastante com o pessoal da aldeia e, o coral é uma forma interessante das crianças Guarani se envolverem com a cultura, portanto é importante. Eu não tenho muito para falar sobre o assunto, não sei como falar sobre esta questão... Participei de uma reunião em Porto Alegre com o cacique e as lideranças da comunidade guarani e todos nós estamos proibidos de dar entrevistas sobre nossa cultura. Há muitos brancos que gostam de pesquisar sobre a cultura indígena, mas não podemos contar tudo, limitamos-nos a vender artesanato para os turistas.

<sup>19</sup> Atualmente, apesar das dificuldades e lutas enfrentadas, os Guarani conseguiram uma casa de passagem dentro do sítio arqueológico e está melhorando. Antigamente era muito difícil, ficávamos numa casinha que agora será restaurada. Quando estamos lá cozinhamos, não podemos comprar

artesanato é pouca frente às necessidades dos índios, pois isso fica evidenciado quando ele salienta o alto preço de alguns produtos de alimentação.

Quanto à renda, o cacique informou que a mesma é obtida pela venda de artesanato e alguma doação da FUNAI. Sobre a renda média e para que a destinam, disse:

Isso aí depende também, as veis não tem movimento então, em uma semana ganhamo R\$ 60,00 ou menos também as veis, mais vale a pena pra compra alguma coisa, mais quando tem movimento a gente ganha bem também, pelo menos um salário por mês.(...) Ah...isso aí é pra compra comida, pra compra roupa às veis.(...) As veis a gente ganha, mais sempre compramo, mais tênis pra criança...Ah dinheiro do artesanato serve mesmo!<sup>20</sup>

Os Guarani não possuem, portanto, nenhuma segurança financeira, pois não podem prever quanto vão vender de artesanato no mês, nem se os turistas vão continuar interessados em seus entalhes, cestarias, colares e cocares. Porém, para o cacique, o valor de um salário por mês com a venda de artesanato é considerado muito bom, percebendo-se claramente a íntima relação do turismo com a renda arrecadada pela comunidade em São Miguel. Afora a venda do artesanato, a segurança que possuem é terem, hoje, as terras da reserva para poderem morar e plantar, garantindo sua sobrevivência.

Atualmente, o fato de venderem artesanato dentro do sítio arqueológico e a criação do coral Guarani é percebido como uma reafirmação da identidade Guarani, Floriano Romero declarou sobre o assunto:

---

pão, presunto, essas coisas, pois fica muito caro, então compramos farinha, arroz, macarrão e cozinhamos.

<sup>20</sup> Isso depende, às vezes não tem movimento. Numa semana ganhamos em torno de R\$ 60,00 ou menos. Mas, vale a pena, pois com o dinheiro podemos comprar alguma coisa. Quando tem movimento ganhamos bem, chegamos a ganhar um salário por mês. Esta renda é utilizada para

E...antes era... tirava a gente da ruína né ali botava no chão assim, esperando turista, não chego ali, ninguém compro e aí tentando assim, sentando com a nossa secretaria de turismo e falamo, assim na prefeitura pra abri... pra vende artesanato né e graças a Deus agora já abrimo aqui na ruína, vendendo aí artesanato pra ajuda a salva a vida do criança né. E... aos costume também que também são parte agora desse, melhora muita coisa agora, como por exemplo porque nós entramo de professor da dança guarani, da cultura também e graças a Deus tem CD do coral também e melhora as coisas né...Então por pensamento, vocês tão conhecendo aqui na nossa aldeia e, graças a Deus dando apoio todo mundo, sabendo que valoriza a nossa cultura é muito importante, que pra todo mundo respeitá nossa cultura. Aqui na aldeia eu pensando aqui, eu boto na minha cabeça né, então aí pensando esse juntando criança e cantando e dançando, depois outro dia que vi que perguntavam por lá o que será que tu não tem coral aí ... o que... eu tinha achava que.. mai ou meno, pra se mostra, prá sabe o cultura é nossa aí, então mostrando aí pra turista, porque pra todo mundo, o branco tem que sabe a cultura como é, tem que insistir, tem que se mostra né, não é que só...por ouvido ninguém acredita né.. Então, tem que se mostra essa... a cultura como essa aé...É uma oportunidade muito forte isso aí são cultura, mais reforça a cultura nossa e todo mundo conhece todo mundo.

Analisando este relato e relacionando-o com o turismo, pode-se dizer que os Guarani perceberam a importância histórica de seus antepassados em São Miguel e que tiveram a reivindicação de vender artesanato no Sítio Arqueológico atendida pelas pessoas que trabalhavam no IPHAN naquele período, embora tenham enfrentado diversas dificuldades para que isso ocorresse.

#### **4.5. O ontem e o hoje relacionados**

Nicanor contou brevemente sua história de vida, relacionando-a diretamente com a questão das terras do Inhacapeum, salientando a questão de ser Guarani e não ter um local para permanecer, assim como a falta de assistência para os povos indígenas na Argentina e a luta de cinco anos para conseguirem a área do Inhacapeum, em São Miguel, que, segundo ele, era o que a comunidade queria. O

---

comprar comida, algumas vezes roupas, pois ganhamos algumas roupas, mas sempre compramos tênis para as crianças...O dinheiro do artesanato ajuda muito!

cacique cita a história dos antepassados Guarani no local e diz que gosta muito da região missioneira, lembrando algumas dificuldades por que passaram para fazer o artesanato, que é sua principal fonte de renda. Nas suas próprias palavras:

Pra mim foi muito difícil a minha vida... pó que eu nasci aqui no Brasil, nasci em Salto do Jacuí, no RS. E aí ...Deus o livre, foi muito difícil... pó que até mesmo um guarani não conseguia onde ficá não ...pra definitivamente, porque toda parte que Guarani parava era provisório...então, muito difícil. Até, até eu cresci aqui no Brasil, depois fui pra mora na Argentina um tempão, fiquei acho que 17 anos. Mais, também o pior momento que passei na minha vida foi na Argentina. Tá loco...muito assim...governo não dá assistência, não ajuda nada os povos indígenas lá na Argentina. E daí eu tenho que volta pra cá e voltei. Meu pai também voltou pra cá. Meu pai foi pro litoral do estado e daí eu fiquei aqui no sul, na região missioneira. Lutei pra consegui essa area que bah...lutei, acho que foi 05 anos. Lutamo junto com cacique, liderança de todos aldeia e... mais conseguimos, mais conseguimos...e agora estamos mais tranqüilo, nós conseguimos aquilo que nós queria e graças a Deus conseguimos mante nossa cultura, nossa força, nossa... quero dizer nosso habito né... de hoje. Eu sempre digo assim, a partir de agora eu quero pensar pra frente como é que vo leva minha vida...quero esquecer do passado, mas sempre eu, eu tenho na memória, sempre me recordo... Eu resolvi vim de lá mesmo, por que aqui ...eu já conheci quase muito lugar no Brasil. Eu ia pra litoral também onde meu pai mora, e daí eu resolvi ficar aqui né por que até eu gostei aqui na região missioneira. Eu acho vou ficar pra sempre aqui, por enquanto não tenho, de querer mudar daqui...eu sei que é lugar muito maravilhoso também apesar de todo aquilo tumulto que aconteceu né com povo indígena, mesmo assim eu vou ficar aqui na região, eu gostei muito daqui...Antes das terras, a dificuldade de moradia né... foi difícil, não tinha material de taquara, não tinha coqueiro pra fazer artesanato, pra fazer fogo, tudo isso muito difícil pra nois...e daí que aconteceu isso, pra preparar bem artesanato, tem que te bastante lenha e fogo... aqui era lugar de passagem, aqui nós chegamo era... foi... acho que noventa e cinco, eu me lembro...dia 12 de março e daí o Floriano tava junto comigo, nós era.. acho que era quatro, não... sete família, mais ou menos e daí o Floriano resolveu ir pra Porto Alegre e ele foi. Eu fiquei com minha esposa, minha sogra, mais criança e fiquei lá até resolvi assim pra fica ali na fonte, e daí eu vejo que não vai dá certo né, e aí lutamo pra consegui e viemo pra cá,

Essa declaração evidencia as dificuldades enfrentadas pelos Guarani e a importância de possuírem hoje um espaço para permanecer, deixando claro que a vontade da comunidade era permanecer no município, por percebê-lo como um local propício para o modo de viver dos Guarani. Também demonstra que a permanência nas terras do Inhacapetum está diretamente ligada à renda, que é conseguida através da venda de artesanato para os turistas que buscam o turismo cultural

desenvolvido em São Miguel das Missões e pelos recursos oferecidos no Inhacapetum para confecção do artesanato. O local é considerado “maravilhoso”, apesar da história de seus antepassados. Isso se deve a depois de tantas idas e vindas pelo território argentino e brasileiro terem finalmente conquistado um espaço que é da comunidade Guarani.

Floriano Romero, antigo cacique da aldeia, também reafirmou a importância das terras em sua história de vida, demonstrando um sentimento de pertencimento ao país, embora tenha passado grande parte de sua vida na Argentina, salientando que sempre pensou em voltar para o Brasil. Relembra o desconforto da vida no acampamento e afirma que sempre desejou melhorar a sua qualidade de vida, referindo-se à questão da reserva como um fator determinante para que isso ocorresse. Deixa explícito que percebe que “brancos” não conseguem entender o quanto é difícil a situação dos Guarani. Nas suas próprias palavras, disse:

To sabe que a minha história é de todo mais triste...sô natural aqui de Tenente Portela né, nesses tempo, naquela época meu pai me levo na Argentina né, porque naquela época tem mais serviço lá na Argentina pra se envolve, pra mante a criança, então ele lutamo com 70 anos de vida, meu pai, sempre trabalhava aí...depois, nós na Argentina fico muito tempo né, depois pensando aí pra cruza de novo no nosso Brasil, que sô natural né. Então aí vim aqui, falando com meu pai, chegamo em São Miguel né, desde 1995 tamo aqui e acampamentamo aí em São Miguel, passando frio, passando todo sem lenha assim né, só tirando barraca né... e aí pensando, falando com meu pai, como pode melhora a vida né...meu pai falo pra seguir procurando acha aqui uma reserva indígena, então falando assim com prefeito, tudo, a FUNAI, com todo e governo do estado né, todo mundo tentando pra consegui nossas terras. E aí graças a Deus que agora, acho que pra mim melhora alguma coisa né, por que a vida nossa é muito triste naquela época não tem como prá vivê, pra resolvê, pra branco é difícil né...pra entende como é a situação do guarani...então, graças a Deus agora conseguimos a terras...236 ha, aqui no Inhacapetum e aí melhora a coisa principalmente pensando na plantação aqui né na nossa aldeia, então agora já melhora alguma coisa, não é muita coisa, só que já é por aí, então vai tener certeza no Guarani.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Você sabe a minha história é muito triste. Sou natural aqui de Tenente Portela e meu pai me levou pra Argentina por que naquela época havia mais trabalho lá e era mais fácil de criar as crianças. Meu pai trabalhou até os 70 anos de vida e ficamos muito tempo na Argentina. Depois resolvemos voltar para o nosso Brasil, de onde somos naturais. Então viemos para São Miguel em 1995, acampamos, passamos frio, passamos muita dificuldade, sem lenha, só morando em barracas. Eu e meu pai sempre pensávamos uma forma de melhorar a vida. Meu pai dizia que devia procurar por uma

O fato de perceber que “brancos” não conseguem entender o quanto é difícil a situação dos Guarani pode estar relacionado ao conceito que possuem de território, pois retornando a revisão bibliográfica, percebe-se que, para os Guarani, a configuração do território é feita através das dinâmicas sociais, econômicas políticas e de movimentos migratórios, sendo que reservas ou tekohas caracterizam-se por serem lugares que não podem abrigar outros grupos humanos e que permitem condições de se exercer o modo de viver Guarani.

A ligação percebida aqui em ambas as declarações é que a luta pela permanência nas terras do Inhacapetum vai muito além da apropriação do espaço, pois está relacionada ao fato da posse ser determinante para que o grupo conseguisse manter preservados seus hábitos, costumes, enfim, sua cultura. Os locais que são procurados e escolhidos pelos Guarani sempre estão relacionados com algum aspecto simbólico, que é o que condiciona sua sobrevivência. No caso de São Miguel, pode estar relacionado com as ruínas e com o passado vivido por seus antepassados.

Floriano reafirma que as terras permitiram melhoras significativas em especial para a plantação, que é um dos aspectos centrais da vida comunitária Guarani e que isto só foi possível depois de terem sua reivindicação por terras aceita pelo poder público municipal e estadual no período pesquisado. Porém, no final da entrevista, enfatiza que a melhora ainda é pouca frente às necessidades do grupo.

Após visitar a reserva e pelas entrevistas e o discurso dos Guarani, pode-se considerar que eles entenderam que a posse das terras e a permanência no

---

reserva indígena, então falamos com o prefeito, com a FUNAI, com o Governo do Estado, para todos se mobilizarem. Tentamos tudo para conseguir nossas terras. E aí, graças a Deus, para mim melhorou muita coisa, porque a vida era muito triste antigamente, não tinha como viver, para o branco é difícil entender a situação do guarani. Mas, graças a Deus conseguimos as terras... 236 hectares, aqui no Inhacapetum e melhorou muito, principalmente a plantação na nossa aldeia, Melhorou alguma coisa, não é muito ainda, só que só assim para reconhecerem os Guarani...

Inhacapetum, no período analisado, era uma forma de desenvolvimento para a comunidade e pode-se dizer que alcançaram seus objetivos, embora hoje o grupo comece a despertar para outras necessidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu do pressuposto que o turismo cultural realizado nas Ruínas Jesuíticas de São Miguel das Missões era um agente de desenvolvimento social para a comunidade guarani que reside no município.

O fato de ver hoje, em São Miguel das Missões, índios com aparência de empobrecidos, dentro do Sítio Arqueológico, vendendo seu artesanato para turistas me levou a questionar o tipo de turismo cultural que ocorre no local.

No aspecto do acervo arquitetônico, tão enfatizado pelo município e pelo estado, conclui que a atividade é bem sucedida. Porém, o conceito de turismo cultural é amplo e contempla o lado humano e a forma como comunidade Guarani encontra-se, ainda hoje, dentro do Sítio Arqueológico não demonstra que este pressuposto esteja sendo alcançado no desenvolvimento da atividade no município.

Como posso dizer que o turismo em São Miguel é cultural depois de todos os dados que levantei e de todos os relatos feitos pelos Guarani e pelos representantes da sociedade local?

Concluí que em São Miguel das Missões o turismo traz efeitos para a economia dos Guarani e que estes efeitos podem ser classificados como diretos e indiretos. A venda do artesanato constitui o único momento em que o turista entra



realmente em contato com os índios, numa relação marcada pela troca comercial e não para cumprir o papel que o conceito de turismo cultural engloba, pois não satisfaz a sua premissa da busca do conhecimento do modo de ser do outro indivíduo enquanto representante de uma cultura.

Conclui, também, que o turismo cultural aparece como algo importante no imaginário dos índios, pois reconhecem que a atividade é um fator que possibilita para eles uma valorização daquilo que é seu.

Hoje, o discurso dos Guarani salienta a importância da valorização por parte dos “brancos” de sua cultura e, esta valorização para eles vem através da atividade turística realizada no local, pois tanto o artesanato como o coral são aspectos de curiosidade para visitantes e sua comercialização é um efeito direto na entrada de recursos para compra de alimentos e vestuário, conforme verifiquei nas visitas e entrevistas feitas na reserva.

Como a venda do artesanato está diretamente relacionada com o turismo desenvolvido no município e é a única fonte de renda dos Guarani é perceptível a dificuldade que possuem para se manterem apenas com essa atividade.

Se volto ao discurso dos planos de desenvolvimento do turismo do estado, verifico que em São Miguel das Missões os planos limitam-se mais a preservação do acervo arquitetônico missioneiro e não a valorizar a comunidade Guarani.

Este era o ponto central da pesquisa, refletir sobre o turismo cultural e procurar os aspectos relacionados ao desenvolvimento local da atividade.

Pude constatar, através dos estudos, que a colonização foi marcada pela invasão e destruição de matas e florestas, habitat natural dos indígenas. Estas foram transformadas em lavouras, campos, estradas e cidades, para alcançar o que “os brancos” entendem por desenvolvimento.

A pesquisa mostrou que os Planos de Desenvolvimento do Turismo do Estado trazem como bandeira as promoções sociais, a distribuição de riquezas e a melhoria de vida das comunidades, porém, na prática este é um discurso que acaba se esvaziando. Os resultados sociais tão enfatizados no discurso teórico não retornam na prática do Projeto Missões, por exemplo, demonstrando que a comunidade Guarani não é realmente levada em conta quando se trata de ações concretas e que poderiam trazer efeitos diretos beneficiando aquela comunidade.

Nos planos, fala-se muito em crescimento econômico com a preservação do ambiente e do patrimônio histórico-cultural do estado. E justamente pela importância que São Miguel das Missões possui para o turismo do estado, não deveriam reconhecer que esta é uma atividade que para trazer desenvolvimento deve buscar a inclusão social de todas as pessoas?

Percebi, nos planos, que a política estadual acaba criando uma ansiedade junto às prefeituras e à sociedade civil, pois parece se tornar imperativo que a atividade deva captar recursos para obter o tão desejado desenvolvimento.

Não se pode esquecer que o desenvolvimento deve ser um processo de transformação de ordem social, dessa forma sua promoção está ligada ao investimento no próprio ser humano, onde todas as pessoas sejam incluídas e não marginalizadas. Nesse processo, os atores sociais das localidades são fundamentais para o surgimento de um novo cenário, remetendo ao desenvolvimento local, endógeno e social.

O turismo embora faça parte do sistema capitalista, deve ter como objetivo a busca do bem-estar econômico, social e cultural da comunidade local em seu conjunto, atuando conforme às características e as capacidades de cada localidade.

Essa é uma nova postura que remete ao turismo local e onde há a necessidade de novas experiências junto a locais turísticos, como é o caso de São Miguel das Missões. O turismo, como atividade de efeito multiplicador pode oferecer condições que beneficiem os Guarani Mbya, mas para que isso ocorra, há a necessidade de um projeto que valorize aquela comunidade, sua cultura, seu artesanato.

Esta pesquisa mostrou, ainda, que a busca da terra perfeita (*yvyju min*) ou da terra sem mal (*yvy marãey*) fez com que grupos de Guarani Mbya permanecessem traçando sua história através de caminhadas, recriando suas tradições no Município de São Miguel das Missões que era utilizado, inicialmente, como lugar de passagem entre idas e vindas pelo território brasileiro. E, também, que foi a venda de artesanato para turistas que fez com que os Guarani despertassem para a importância de sua cultura no local pela história vivida por seus antepassados, fato que acabou indiretamente contribuindo para a permanência do grupo no município.

Após as visitas feitas na reserva e pelas entrevistas que efetuei com a liderança Guarani, entendi que eles consideram que a posse das terras e a permanência no Inhacapetum, no período analisado, foi uma forma de desenvolvimento e concluí que o turismo provoca um efeito indireto na posse das terras.

A situação vivida no município, amplamente divulgada pela mídia, mostrou a situação de abandono e precariedade pela qual os Guarani passavam frente ao patrimônio edificado levantando a questão dentro do turismo no município, considerado cultural.

A necessidade de terras que propiciasse uma forma de vida digna para os Guarani era um exemplo vivo de que algo deveria ser feito em benefício daquelas

peessoas. E, de certa forma, isso cobrou da sociedade civil alguma valorização não só para as Ruínas, mas para um povo que teve o seu direito à terra negado frente aos interesses fundiários e econômicos dos colonizadores.

Na reflexão que fiz sobre a teoria do desenvolvimento do turismo, encontrei sempre um discurso pontuado pelos aspectos sociais positivos que atividade acaba por propiciar, mas não constatei que, na prática, isso tenha ocorrido em São Miguel das Missões. O que fez a diferença para alcançar o que os Guarani consideraram desenvolvimento foi a atuação das pessoas envolvidas no processo de inserção social e econômica da comunidade no local, em especial do IPHAN e do Poder Público Municipal, responsáveis pela permanência dos Guarani nas terras do Inhacapetum, conforme a documentação encontrada até o presente momento pela pesquisa que realizei.

O assentamento dos Guarani em São Miguel das Missões, atendendo a vontade expressa dos mesmos, apoiados pela ONG Tekoha demonstrou que o Governo do Estado do Rio Grande do Sul procurou atender a esta reivindicação e buscou um local com características geográficas e naturais capazes de propiciar o bem estar físico e cultural dos Guarani.

Entendi que, na atualidade, os Guarani buscam dentro da sociedade dominante na qual estão inseridos, uma convivência amistosa e a preservação de suas tradições para garantir sua reprodução enquanto etnia. Demonstram respeito pelos costumes e crenças dos “brancos” e querem espaço para seguir vivendo como sempre viveram, retirando da natureza a sua sobrevivência. Ainda hoje seguem como seus antepassados transformando madeira em esculturas, utilizando plantas medicinais, fazendo sua cestaria e manejando o ecossistema de acordo com o território habitado, preservando língua, costumes, crenças e tradições.

Hoje, em São Miguel das Missões, percebi que há a manutenção da língua falada e a preservação da cultura, embora haja um empobrecimento material ao qual foram submetidos ao longo dos anos justamente por terem tido seu espaço natural colonizado e ocupado pelo “branco”.

Historicamente os Guarani não tiveram respaldo legal para permanência sobre terras e, a sua situação econômica foi determinada pela precariedade, vinculada ao local onde estavam inseridos. Percebi, em São Miguel, que após a ocupação da área do Inhacapetum os Guarani puderam ampliar suas atividades de subsistência, como o cultivo do milho, mandioca, batata-doce, melancia, constatado nas visitas feitas à reserva.

É perceptível, pelo aumento do número de Guarani Mbya em São Miguel (de 16 índios no ano de 1994, para 175 em 2003), que a disponibilidade de recursos naturais no Inhacapetum é fator que promoveu a concentração social no local, que passou de fragmentada para o assentamento de várias famílias extensas e que não há interesse dos mesmos em deixar o município, pois encontraram condições de subsistência e de organização do espaço ocupado, conseguindo desenvolvê-lo através do exercício social, político, religioso e do manejo do solo e de espécies nativas.

Cabe destacar, quanto à saúde, que a medicina tradicional mística e fitoterápica em São Miguel das Missões continua tendo sua importância e prevalecendo em relação à medicina dos “brancos”, embora a sociedade “branca” de São Miguel acredite que a melhora das condições de saúde se deva a sua atuação na reserva. Isto é uma ilusão, pois a Casa de Reza – Opy e o Pajé são os elementos centrais na forma como é conduzido o tratamento dos problemas de saúde na reserva do Inhacapetum,

O exemplo claro da ilusão dos “brancos” é o fornecido pela índia Denise quando, em conversa informal, contou que as índias não utilizam camisinhas e comprimidos distribuídos pela equipe de saúde e fazem o controle da natalidade através das infusões feitas pelo Pajé da reserva.

Convém também ressaltar que constatei uma pouquíssima atuação da FUNAI junto aquela comunidade e que o apoio político para implementar ações que alteraram positivamente a situação dos Guarani em São Miguel sempre partiu dos representantes da prefeitura local e dos agentes do IPHAN.

Apesar da diplomacia Guarani observada na relação com a sociedade de São Miguel e comigo, enquanto pesquisadora, constatei que mesmo com o inevitável contato com o “branco” querem preservar ao máximo sua cultura. Ficou claro nas visitas à reserva que hoje não desejam pesquisas sobre a cultura Guarani e que só foram receptivos por que busquei aqui mostrar a trajetória pela qual passaram nos últimos quinze anos e sua ligação com o turismo, atividade que percebem ser importante em São Miguel. Considero essa uma atitude de autopreservação, frente as constantes pressões e promessas de pesquisadores que por questões que não me compete julgar, parecem não ter atendido as expectativas da comunidade pesquisada.

Pude concluir que foi a partir da segurança em relação ao espaço ocupado, que possui recursos naturais adequados, que os Guarani Mbya de São Miguel das Missões vivem hoje, mais de acordo com seus padrões culturais, padrões estes que permitiram o incremento de atividades econômicas e que viabilizam uma melhor qualidade de vida dentro dos recursos disponíveis no Inhacapetum.

Não se pode esquecer a íntima relação que os Guarani possuem com a agricultura, base estrutural da vida comunitária, envolvendo aspectos sociais e

princípios éticos e simbólicos nos quais estão fundamentados, Para eles o significado da agricultura se encontra na sua própria possibilidade de realização e no que isto implica em termos de organização interna, experimentos, rituais e renovação dos ciclos, ou seja, não vivem sem a agricultura.

A minha crítica ao turismo 'cultural' desenvolvido em São Miguel das Missões está relacionada ao fato de não se poder mais admitir que os Guarani se coloquem na posição de esmoleiros e peçam, ainda hoje, um troquinho aos visitantes de um local que é Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade graças a seus antepassados, assim como não se pode admitir que os Guarani dance, cantem em espetáculos em troca de remunerações praticamente simbólicas, mas não possam se sentar à mesa para comer com "os brancos", pois essa é uma atividade que tem o papel de celebrar a diversidade cultural e de ser um veículo capaz de promover a cidadania.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCANIO, Alfredo. Turismo: la reestructuración cultural. In: **PASOS. Revista de Turismo e Patrimônio Cultural**. Capturado em 06 de agosto de 2004. On Line. Disponível na Internet: <http://www.Pasosonline.org>. Vol. 1, n. 1. 2003. p. 33-37.

BALLART, Josep. **El patrimônio histórico y arqueológico: valor y Uso**. Barcelona: Ariel Patrimônio Histórico, 1997.

BARQUERO, Antonio Vázquez. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Trad. Ricardo Brinco. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística. UFRGS, 2001.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Coleção Turismo. Campinas, SP: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Turismo e legado cultural: as possibilidades de planejamento**. Coleção Turismo. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BECKER, Dinizar F. A economia política do (des)envolvimento regional contemporâneo. IN: BECKER, Dinizar F.; WITTMANN, Milton Luiz. (orgs.) **Desenvolvimento regional: abordagens interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 7.ed. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

BESCHOREN, Maximilian. **Aspecto político e social das missões**. IN: Notícia Bibliográfica e Histórica. Campinas, SP: PUC, ano XXXVI- nº 193. Abril – junho 2004. p. 203-205 (Seleta).

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

BURNS, Peter. **Antropologia do Turismo: uma introdução**. Tradução Dayse Batista. São Paulo: Chronos, 2002.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CAVACO, Carminda. Turismo rural e desenvolvimento local. In: RODRIGUES, Adyr Balastri. **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais (org)**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

CAZES, George. Turismo e subdesenvolvimento:tendências recentes. In: RODRIGUES, Adyr Balastri. **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais (org)**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2001.



**CENSO 2000.** Capturado em 09 de janeiro de 2005. On line. Disponível na internet: <http://www.ibge.net/cidadesat>.

COOPER, Chris; WANHILL, Stephen; FLETCHER, John; *et alli*. **Turismo:** princípios e práticas. Trad Roberto Cataldo Costa, 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **Do local ao global:** o turismo litorâneo cearense. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus.2001.

CORIOLOANO, Luzia Neide.Os limites do desenvolvimento e do turismo. In: **PASOS. Revista de Turismo e Patrimônio Cultural.** Capturado em 06 de agosto de 2004. On Line. Disponível na Internet: <http://www.pasosonline.org>.. Vol. 1, n. 2. 2003. p. 161-171.

FLORES; Moacyr. **Colonialismo e missões jesuíticas.** Porto Alegre: EST/ Instituto de Cultura Hispânica do Rio Grande do Sul, 1983.

GARLET, Ivori; ASSIS, Valéria S. de. **Diagnóstico da população Mbyá-Guarani no Sul do Brasil.** Cadernos do COMIN, v. 7, São Leopoldo RS: Conselho de Missão entre Índios- COMIN, 1998.

GASTAL. Susana. Turismo & cultura: por uma relação sem diletantismos. IN: GASTAL, Susana(org.). **Turismo:** 9 propostas para um saber-fazer. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 117 – 130.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J.R. Brent; McINTOSCH, Robert W.. **Turismo:** princípios, práticas e filosofias. Tradução Roberto Cartaldo da Costa. 8. Ed. Porto Alegre, RS: Boockman, 2002.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. **Os índios do descobrimento:** tradição e turismo.Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001.

GUTIERREZ, Ramón. **As missões jesuíticas dos Guaranis:** Las misiones jesuíticas de los guaraníes. Rio de Janeiro, RJ: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, UNESCO, 1987.

IRVING, Marta de Azevedo; AZEVEDO, Julia. **Turismo:** o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura, 2002.

KERN, Arno Alvarez. **Utopias e missões jesuíticas.** 1.ed. Porto Alegre, RS: Ed.da Universidade /UFRGS, 1994.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo:** para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2001.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. Impactos socioeconômicos globais do turismo. In: LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César (orgs.). **Turismo:** teoria e prática. São Paulo, Atlas, 2000.

LEMOS, Leandro de. **Turismo**: que negócio é esse? Uma análise da economia do turismo 3.ed. . Revisada e ampliada. Coleção Turismo. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

MAMEDE, Vera S. de M. Dourado. Participação e desenvolvimento do turismo local. In: MARTINS, Clerton. (org). **Turismo, Cultura e identidade**. Roca, 2003. p.31-38.

MEDER, Ernesto; GUTIÉRREZ ,Ramón. **Atlas Histórico y Urbano de la Región del Nordeste Argentino**. In: Capturado em 06 de junho de 2003. On line. Disponível na internet: <http://www.missoes.iphan.gov.br/textos/turisc.htm> .

MELENDEZ U. Ledy Anaida. Revitalización de la cultura a través del turismo: las fiestas tradicionais como recurso del turismo cultural. In: **Revista Turismo em Análise**. São Paulo: USP, v.12, n.2, nov 2001. p.43-59.

MOLINA, Sérgio; RODRIGUES, Sérgio. **Planejamento integral do turismo**. Tradução Carlos Valero. Bauru, SP: EDUCS, 2001.

NAHAS, Markus. **Atividade física como fator de qualidade de vida**. In: Revista de Educação Física. Ed. Especial Congresso Mundial/ AIESEP. São Paulo: 1999. Vol. 13, nº 01.

PEARCE, Douglas G. Introdução: temas e abordagens. IN: PEARCE, Douglas G.; BUTLER, Richard W. (orgs.) **Desenvolvimento em turismo**: temas contemporâneos. Trad. Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2002. p. 11 – 23.

PESAVENTO, SANDRA Jatahy. **Historia do RS**. 2.ed. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1982.

QUEVEDO, Julio. **Guerreiros e jesuítas na utopia do Prata**. Bauru, SP: EDUCS, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **A América e a civilização**. Petrópolis, RJ: Vozes Ltda, 1977.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria da Indústria e Comércio. **Turismo-RS**: ações básicas de desenvolvimento. Porto Alegre, 1985.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria De Estado do Turismo. **Programa estadual de desenvolvimento e incentivo ao turismo**: 1995-1998. Porto Alegre, 1995.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). **Viajando pelo Rio Grande do Sul**: plano de desenvolvimento turístico. Secretaria De Estado do Turismo. Porto Alegre, 2000.

ROCHA, Jefferson Marçal . **Mínimas**. Não publicado, 2005.

RODRIGUES, Adyr B. Turismo local: oportunidades para inserção. In: RODRIGUES, Adyr B. (org.) **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 55-64.

RODRIGUES, Linda Maria. Patrimônio cultural: cidade, cultura e turismo. In: COROLIANO, Luzia Neide Menezes (org.). Teixeira. **Turismo com ética**. Fortaleza: UECE, 1998. p. 216 – 231.

SESSA, Alberto. **Turismo e política de desenvolvimento**. Tradução de Lourdes Fellini Sartor. Porto Alegre: UNIONTUR, 1983.

SILVA, Elsa Peralta da. **Patrimônio e identidade**. Os desafios do turismo cultural. On line. Disponível na Internet via [www/ceaa.ufp.pt/turismo3.htm](http://www/ceaa.ufp.pt/turismo3.htm). Capturado em 02/06/2004.

SILVA, Yolanda F. Pobreza, violência e crime – conflitos e impactos sociais do turismo sem responsabilidade social. In: BANDUCCI JR, Álvaro; BARRETTO, Margarita (orgs). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Coleção Turismo. 3.ed. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 175 -193.

SOUZA, José Pedro Galvão de; GARCIA, Clovis Lema; CARVALHO, José Fraga Teixeira de. **Dicionário de política**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1998.

SOUZA, José Otávio Catafesto; ASSIS, Valéria S de. **Relatório antropológico circunstanciado sobre as áreas contíguas à Coxilha da Cruz, à Água Grande e ao rio Inhacapetum, RS**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

TEIXEIRA, Gil Uchoa. Mapa da localização dos Sete Povos das Missões no atual território do Rio Grande do Sul. IN: **Missões: passado – presente – futuro**. Porto Alegre: Talento, 1990.

THEOBALD, William F. Significado, âmbito e dimensões do turismo. In: THEOBALD, William F(org.). **Turismo global**. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p.27-44.

VERBETES GUARANI. In: **Enciclopédia dos povos indígenas**. Capturado em 25 de maio de 2005. On line. Disponível na Internet <http://www.socioambiental.org/pib/epi/guaranimbya/mbya.shtm>.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento** – o continente 1. 34 ed. São Paulo: Globo, 1997.



### Descrição e anotações visita - Reserva Inhacapetum 16/01/2005

A Reserva Inhacapetum fica localizada em frente ao assentamento da Barra, feito no ano de 1988, não havendo no caminho nenhuma placa indicativa e, a estrada é de chão com cascalho, distante cerca de 30 km da cidade de São Miguel das Missões.

Na chegada à reserva houve a informação que há pouco tempo havia tido uma troca de cacique e quem estava no posto era o Sr. Nicanor. Floriano, o antigo cacique, indicou a moradia do novo cacique na reserva e informou que todas as decisões agora eram com ele e que não sabia se eu poderia tirar fotos e fazer entrevistas.

**Observações:** No caminho percebe-se plantações bem cuidadas de milho, mandioca e melancia e que agora os guaranis têm moradias cobertas por telhas, feitas de madeira costaneira (sem beneficiamento), sem limites umas com as outras, de chão batido ao seu redor, tendo galinheiro numa proximidade da casa cerca de uns 5 metros de distância, cada casa tendo uma torneira de água distante uns dois metros da mesma. (fotografado na saída da reserva)

Na chegada à casa do cacique, sua esposa, falou em guarani com outro Sr, que explicou que o cacique iria demorar por ter saído buscar taquaras. Como me dispus a esperar o Sr. saiu de bicicleta atrás de Nicanor.

A mulher estava com uma criança no colo, chorando muito e estava nua. Perguntei por que chorava tanto, se tinha alguma dor e qual era o sexo da criança. A mulher respondeu que era menina e que chorava por medo que eu fosse da equipe de saúde. Isso me surpreendeu por saber que mulheres não conversam com brancos. Perguntei seu nome e expliquei o porquê de estar lá.

Denise, a mulher do cacique, disse que eu esperasse e enquanto isso falamos sobre problemas de saúde com crianças e mulheres. A casa do cacique tinha cartazes de amamentação e explicativas do uso de preservativos. Perguntei se utilizavam os mesmos meios que os brancos para não engravidar. Denise contou que ela já tinha feito laqueadura no hospital da cidade por ter tido um problema muito grave no parto do seu segundo filho, mas que as índias não utilizam comprimidos e camisinhas, jogam tudo fora que ganham da equipe de saúde, pois o controle da natalidade é feito por infusões feitas pelos pajés da reserva. Após tomar

os chás, as mulheres ficam 60 dias sem ter relações e depois disso podem manter relação por um ano sem engravidar.

**Observações:** Na área e no pátio da casa havia muitos objetos espalhados pelo chão: cascas de alimentos, garrafas, talheres, calçados, brinquedos. Galinhas e cachorros convivendo com os moradores. A porta da casa estava fechada e tinha uma corrente com cadeado. Na parede pendurada estava uma panela e uma concha. Do lado de fora havia um tanque e uma grande bacia com água parada.

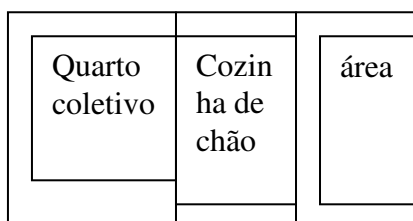
Perguntei se Denise lavava a roupa no tanque e ela disse que não e também fez perguntas sobre onde eu morava e estudava. Após responder o Sr. Osvaldo, que tinha saído atrás do cacique convidou-me pra esperar na sua casa por ter mais sombra e ser mais fresco.

Chegando na casa do Sr. Osvaldo trouxeram uns bancos feitos de madeira nativabastante artesanais e conversamos sobre vários assuntos. Contou que os guaranis mantêm dois nomes, um em guarani e outro para registro em cartório. Sobre a alimentação falou do rio Inhacapetum que fica no fundo da reserva onde pescam e que ainda há caça pelos arredores: tatu, capincho ( capivara), quati e paca. Plantam milho, mandioca, batata-doce e comem arroz açúcar e feijão quando ganham da FUNAI. Perguntei sobre as casas e ele explicou que haviam sido construídas pelo governo do estado, no ano de 2004, uma reivindicação desde que ganharam as terras.

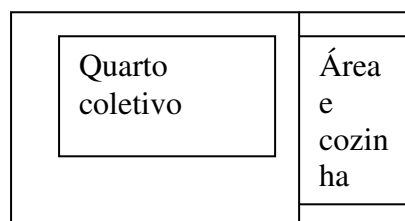
**Observações:** Na torneira da casa havia uma garota de uns 12 anos que lavava os pés numa grande panela e uma menina de uns 02 anos de idade que brincava na mesma água. Havia cobertores tomando sol na grama e cachorros dormindo nos mesmos. Havia milho - pipoca pendurado no varal e, na área, tinha erva mate e uma panela. Próximo da casa, cerca de 3 metros havia sinal de lixo queimado a pouco. As índias da casa só falavam em guarani e nenhuma se aproximou, observando o diálogo de longe. Atrás da casa do Sr. Osvaldo há uma construção diferente, com uma grande porta; a casa da reza. ( tudo fotografado)

Nicanor chega e explico por que estou lá, que já conhecia o local, mas que só fotografaria e entrevistaria com sua permissão, por isso estava o esperando. Pergunto sobre a proibição de fotografar e entrevistar. Nicanor confirma que os brancos chegam fotografando tudo e que os guaranis não fazem isso na casa dos brancos, que querem respeito.

Pergunto se quer me dar à entrevista, já que é o líder e tem mais facilidade de comunicação. Nicanor responde afirmativamente e começamos a entrevista. Após, eu tenho a permissão de fotografar dentro das casas para ver as diferenças entre as que possuem algum tipo de divisória:



Casa do Osvaldo



Casa do Nicanor (cacique)

**Observações:** Osvaldo - móveis - no dormitório coletivo - há várias camas e uma criança dorme nua numa das camas. Há um cesto guarani no quarto. Na cozinha - de chão batido, está aceso um fogo de chão e no canto possui uma mesa feita de árvore nativa, com uma panela, cestos guaranis, um filtro de água e uma caixa de papelão com vidros de remédios no chão. ( tudo fotografado)

Nicanor: área de chão batido com fogo de chão, cartazes da equipe de saúde e panela e concha penduradas. No quarto coletivo há várias camas e roupas penduradas por toda parte. Embora não tenha luz, há uma ligação feita e no local tem um som e uma televisão antiga preto e branco.( tudo fotografado)

Florianópolis, antigo cacique – nesta residência há luz elétrica e têm TV colorida, parabólica e som. Diversas pessoas estão assistindo TV, parece ser o ponto de encontro da reserva.

Embora a informação que o dentista esteve na reserva por duas vezes no ultimo ano os dentes da maioria dos indígenas parecem ser bastante estragados.

Na saída da visita de campo à reserva do Inhacapetum, Nicanor ofereceu que eu voltasse sempre que necessário. Neste momento ele conversou muito sobre pesca e futebol com o Gil e demonstrou conhecimento sobre o campeonato gaúcho, quanto a técnicos, jogadores e classificações, contou que todos acompanham jogos de futebol pelo rádio e, quando possível, reúnem-se na casa de Florianópolis para assistir jogos televisionados.

## Entrevistas feita na Reserva do Inhacapetum - 16/01/2005

**Entrevistado: Nicanor Benites, cacique da aldeia, 33 anos.**

*Estas novas residências aqui na reserva quem construiu?*

Isso aí foi contrado pelo Estado do.. .Estado né! Então, lutamo para conseguir a casa... Deus ô livre... primeiramente era difícil, todo mundo sabe que não é fácil de lutar e trabalhar e conversar com a gente então, mas ainda bem que conseguimos... a casa.

*Quem optou pelo projeto / desenho?*

Não, isso aí foi decisão dos guarani mesmo, fizemo projeto e pensávamo que... como é que tinha que se feito né...então, conseguimos o desenho e todo.

*A cozinha como é... junto ou separado ali dentro?*

Separado, cada uma família tem né, todo separado ... (referia-se a cada família ter sua cozinha)

*E a água?*

Água é poço artesiano, tem rede de água e cada um tem torneira na sua casa...vai faze um mês agora...tá fazendo um mês.

*E o banheiro ?*

Não, nois temo fora, até, até pedimo com prefeito agora, prefeito eleito né... ele já teve aqui na aldeia... converso com nós e ele disse que vai faze todo que guarani que né, até eu pedi banheiro público assim... por que as veis precisamos, não é só somente guarani que precisa, as veis vem turista, não tem banheiro e aí complica né!

*E o banheiro fica perto da casa? Como é?*

Fica um...fica longe...não é muito próximo que fica ... (depois que olho as casas, volto no assunto e ele conta como é)



*E o lixo?*

Lixo também cada um sabe onde é que vai bota né...eu e o Osvaldo sabemos bem, nós queimamos... a lata, plástico, assim....

*E a energia elétrica?*

Não, isso aí eu vou resolver agora essa semana né, eu tenho que ir, eu tenho que ir agora essa semana, conversa com o vice-prefeito como é que ficou e como é que vai ser né... a instalação na casa...ainda não tem.

*Como é o serviço de saúde aqui na reserva?*

Eu... eu vejo assim, eu já fui agente de saúde indígena... como termino o curso né... era dois agentes né...na aldeia, e como termino o curso pra dois então e daí eu acabei ficando fora, mas agora vou ver... ficou um...era Miguel, e aí ele deu um problema, também ele saiu daqui foi pra Porto Alegre e não volto mais, daí agora não tem agente de saúde indígena, mas ainda bem que a equipe de saúde indígena também cuida bem do povo guarani.

*Então são vocês mesmos que tratam da saúde, que vêm os problemas de saúde da aldeia?*

Exatamente, mesmo nós.

*Mas vêm alguém da saúde aqui na aldeia da prefeitura...mensalmente ou semanalmente?*

É...as vezes... três vezes por semana que vem a equipe da saúde, eles já foram contratados né pra povos indígenas mesmo, pela FUNAI.

*E qual o serviço que prestam pra vocês?*

É...Trabalham bem direitinho pelo que eu vejo... ainda não tenho queixa da equipe né, até hoje trabalhamos juntos, então nós também apertamos eles pra que fiquem bem cuidados então... não tem nenhum problema.

*Vocês utilizam serviço hospitalar?*

Não... isso aí depende da doença né, por que nós além da equipe de saúde indígena, aliás além de agente de saúde indígena tem equipe e aí tem mais

caraique, nois...nois sabemo na aldeia, pajé e aquele que sabe...sabe lida com alguma coisa e cuida dentro na casa da reza então aí nois temo que vê qual é a doença que tem alguma pessoa, tudo, criança que seja... então aí mais quem determina é pajé dentro da aldeia.

*Então é muito difícil utilizar serviço hospitalar?*

É muito difícil, mas as veis acontece... mais pra mim é muito difícil.

*E dentista, odontólogo, vocês tem esse tipo de serviço aqui na reserva?*

Na aldeia o ano passado foi duas veis que atendeu aqui dentro da aldeia. Esse ano ainda não, mais...problema também não tem... não tem grave.

*Vêm alguém da prefeitura?*

É...tem uma dentista que trabalha também, então sempre vem aqui e atende muito bem.

*E quais são as doenças mais comuns aqui na reserva?*

Não, isso aí é...perguntou mais comum? É mais fácil é... diarréia, isso dá vômito, então aí isso aí é muito fácil de nois cura.

*E no inverno?*

Não... mais problema assim no inverno é tosse que dá bastante, mais não é também muito grave e nem precisa internação.

*E no ano passado sabe mais ou menos se houve muitos nascimentos aqui na reserva?*

Ah, no ano passado não sei...mais natalidade sempre continua, mas não posso responder quanto que foi nascido aqui na aldeia, mas sempre que vai...é tem bastante é...têm.

*E falecimentos no ano passado?*

Aqui dentro da aldeia foi apenas três...foi três crianças.

*Qual a causa?*

Uma criança foi afogada...eu não tava aqui naquele momento, tava fora da aldeia, então fiquei sabendo que foi afogada e, outra criancinha, a guriazinha já tava com problema assim... respiratório então, de repente parou né...então daí faleceu e a outra guriazinha, de sete ano, foi um raio que matou, todo mundo sabe né.

*Como é o lazer dentro da aldeia, vocês saem fora ou é aqui mesmo que se divertem, como é?*

Não...eu acho que é aqui mesmo dentro da aldeia, as veis nós saímo participa alguma festinha né, num torneio, como já o guarani sabe também qual é a diversão então né, mais dificilmente pra nois saí assim participa um baile...só dentro da aldeia...as veis nós fizemo dança tradicional assim né... da nossa cultura então daí eu acho que nem precisa da gente saí daqui pra comemora alguma coisa.

*Vocês tem um espaço pra isso, como é?*

É...isso é... depende também da pessoa...por que nois... cada, cada residência, sabe qual é , digamo assim, ais veis quando eu preciso eu vô avisá o Osvaldo aqui e ele avisa outra pessoa, então aí já eu vô convidá lá em casa , faze alguma coisa...das vez o Osvaldo também sabe que ele vai querê faze aqui, então ele convida alguma.. assim.. então a pessoa já fica sabendo né.

*Vocês fazem almoços ou jantares?*

Não...almoço, assim geral, acontece quando tem assim aniversário da uma pessoa, da criança ou do adulto, daí faz tudo junto.

*O transporte, como fazem pra se deslocar até São Miguel pra venderem artesanato?*

Não...as veis nós aproveitamo carona da prefeitura né, por que as veis semanalmente vêm...então aí a gente aproveita, senão pagamo passagem.

*Quantas vezes tem ônibus de linha?*

Aqui próximo da aldeia duas vezes por semana, mas mais longe na estrada grande... todo dia.

*Qtos km fica a estrada grande?*

8 km.

*E quando chove tem transporte?*

Continua quando chove...

*Como é o relacionamento de vocês com a comunidade em São Miguel?*

Não...a relação com o pessoal de fora já é normal, todo mundo já se conhece né como cidade pequena...então, aí sempre a gente tem entrosamento né com o pessoal de São Miguel das Missões então não ai nenhum problema.

*E como funciona vai só uma pessoa vender artesanato agora ou vocês vão em grande número de pessoas? Como tem sido isso?*

Não...agora, agora , sempre continuamo no mesmo, mas as veis vai umas 10, 12 pessoa, ou uma semana vai menos e outra semana vai mais.

*As ultimas vezes que estive lá notei que tinha um ou dois vendendo artesanato?*

Não...assim fim de semana já fica entre 02 ou três, mais durante a semana já fica mais gente vendendo.

*Quando vocês vão até lá ficam mais de um dia?*

Ficamo uma semana.

*Como fica o pernoite e a alimentação quando estão lá?*

Não, agora, bah... foi difícil também, mais lutamo com... nossa resistência né, com a força de todos guarani e conseguimos tê até uma casa de passagem ali dentro do sitio arqueológico...mais não foi fácil né, eu vejo assim...mais agora tá melhorando né ...por que até era muito difícil naquela casinha ...agora vai fica restaurado... mais conseguimos uma casa de passagem.

*Vocês cozinham quando estão lá?*

Ah isso aí..nois temo que cozinha né, pq pra compra assim presunto, pão, alguma coisa assim é muito caro também né, mas comprando assim farinha, comprando arroz , um pacote macarrão...assim é nois cozinha lá.

*Tu achas importante ali dentro do sítio ou mesmo fora, ter um espaço pra vender artesanato dos guaranis?*

Não...eu acho que ali dentro das ruínas é mais melhor pra nós, é por que todo mundo sabe, até todo guarani acho que sabe a redução era do nosso parente né, mas agora como já, digamo assim, o governo, todo que é instituição já tem papel... mais como o guarani não tem papel sobre a historia então aí o branco já qué avança...mais sempre lutamo pra consegui aquilo que nois queremos...

*Então seria importante ter um local pra vender artesanato lá dentro?*

Sem dúvida nenhuma é importante mesmo...e ate vamo consegui, vamo luta e vamo sempre continua vendendo artesanato...

Eu notei na passagem em São Miguel que alguns locais estão vendendo artesanato, como vocês fazem isso?

Não...isso aí, nois decidimo assim vende mesmo pro dono do próprio artesanato, sempre nois vamo vende.

*Então vocês vendem pro artesanato e eles revendem pro turista?*

Exatamente...até quase ali não vendemo pra ali, sempre vendemo pro turista que vem de fora.

*E ali no Iphan eles tem alguma coisa pra vender, como funciona... vocês deixam e eles repassam o valor pra vocês?*

Não pro Iphan nunca vendemo ...acho que ele compra assim de fora...de outro indígena...dos kaigangs...sempre compra...

*Não é dos guaranis?*

É....as veis algumas pessoa vende...mas não é muito que vende.

*Como é o relacionamento com os turistas? Vocês chegam a conversar alguma coisa ou só vendem artesanato?*

É assim, as veis turista pergunta historia , como que funciona a vida dos guarani...aí a gente conversa....como é...

*Então os turistas tem expectativas como vocês vivem hoje?*

Hoje têm...têm mesmo...

*Uma pergunta que não fiz antes... Como é nas casas? Tem divisórias, dormem todos juntos?*

É depende...algumas casas tem divisão...a minha não tem, no Floriano não tem...a do Osvaldo têm, acho que a maioria têm divisão.

*Como vocês se sentem quanto à segurança, autonomia financeira, você acha que o teu povo está mais satisfeito hoje?*

É hoje eu acho que tá sim né como tu ta me perguntado agora ...acho que sim por que... hoje nós, eu por exemplo penso que pra daqui dois ou três anos eu vou te que melhorar, o povo todo tem que melhorar, então eu acho que é bem assim como tu tá pensando...

*Tu achas que tem como conseguir mais auxílio para melhorar as condições de vida dentro da reserva?*

É uma parte é com o governo e uma parte é com mesmo nossa cultura né, temo que melhora, temo que pensa né como é que nois temo que valoriza...

*Vocês tem um coral , vocês recebem por apresentação?*

É cada apresentação acho que vale uns duzentos reais, é...eles pagam...

Eu as veis faço também palestra em Santo Ângelo e aí eu recebo alguma coisa.

*Tu achas importante mostrar mais a cultura de vocês em São Miguel?*

É eu acho importante a gente mostrar nossa cultura, como é que...e aí o branco tem que valorizá, têm que respeitá, nós queremos respeito Dele... nós também respeitamo toda que é pessoa humana...

### **Entrevista com Osvaldo Parede, 43 anos- Karai Mirim( nome guarani)**

*Como é o ensino dentro da aldeia. Quem estuda regularmente?*

Ta estudando sim...criança...aula assim...Tem aula pra ir na escola...sabe...ta estudando criança.

*Quantas crianças estudam?*

Trinta e quatro criança...tem professor guarani aqui...

*Ate que serie essas crianças estudam?*

Acho que vai até quatro serie...

*As pessoas sabem ler e escrever na reserva?*

Sim, tem muito, criança que sabe lê...

*O sr estudou alguma série?*

Não, não... naquele tempo, 62, meu avo não teve essa atitude pra mim estudá.

*E na sua família agora estudam?*

Agora tudo que é criança foi na escola...

**Observação:** Volta a entrevista pro Nicanor (cacique) pois o Osvaldo ficou muito sem graça com o gravador...

*Quantos hectares de terra são aqui?*

236 hec.

*Quantas famílias?*

Hoje tamo 34 familias.

*Quantas pessoas vivem aqui?*

Duzenta e onze.

*A renda do artesanato pra que se destina?*

Ah...isso aí é pra compra comida, pra compra roupa às veis.

*A roupa... vocês ganham algo?*

As veis a gente ganha , mais sempre compramo, mais tênis pra criança...Ah dinheiro do artesanto serve mesmo...

*As terras como são distribuídas? É dividido em lotes ou todos plantam juntos?*

Não isso aí não tem cada lote, não tem, cada um pega pedacinho prá planta e planta quase tudo junto.

*E como é a alimentação? Vocês pescam, caçam?*

As veis caçamo, mais só que quase não tem mais caça...algum peixe tem...aí pescamo né...eu nunca comprei peixe na cidade.

*O que vocês plantam?*

Nois plantamo milho, mandioca, batata-doce, melancia e algumas plantam amendoim também.

*Como é a alimentação básica no dia-a-dia?*

É...eu acho que...na minha opinião...eu de manha tomo chimarrão , é daí dificilmente pra mim tomá café da manhã...mais quando eu compro pão daí eu tomo, mas eu sempre tomo só chimarrão assim de manhã e espero o meio dia pra almoçá. E daí eu compro carne, as veis eu compro galinha e isso daí é normal agora...

*Mas vocês criam galinha e abatem pro consumo?*

Criamos galinha e...é pra isso.

*E a comida é carne , mandioca, eu vi bastante casca de melancia....*

É melancia, melancia é quase sobremesa assim...mas mandioca, feijão é normal.

*E o preparo da terra como é feito?*

Essa preparação da terra que é a FUNAI que paga pra nois, tem um trator que trabalha sempre aqui perto, aqui no assentamento da barra...então, aí é fácil...mas pra planta assim foi tudo manual...

*A FUNAI vem na reserva de quanto em quanto tempo?*



Bah... as veis demora assim...mais sempre vem, quando tem serviço pra ele , aí ele vem sempre , mais senão ele não vem...

*Quanto ao ensino... como funciona, quem estuda?*

Estuda sim , na maioria criança tá estudando agora...tem uma escolinha a 8 km aqui da aldeia...até fizemo projeto, só que tem que sabe orçamento...qual é o orçamento que tem pra esse ano, tomara que aconteça logo uma escolinha dentro da aldeia, mas sempre continua...criança tá estudando e tá adorando estudá também...

*Em qual língua estudam?*

É... tem um professor guarani que trabalha com as crianças, por que criança tem que aprende português e guarani..aí já leva conjunto.

*Como é o relacionamento das crianças com o branco?*

È agora eu acho que é fácil né, por que já não é mais como antigamente por que antigamente morava longe da cidade, colônia, mas agora já não é mais... sempre já criança tem entrosamento com criança de fora, facilmente...

*As mulheres da aldeia falam com os brancos?*

Algumas mulheres falam, mas dificilmente pra acha uma mulher que fala, que conversa com branco né.

*E isso se deve a língua ou é o costume?*

É o costume já...é o costume mesmo...sabe, eu acho que entende né, mas só que pra responde é difícil.

*Então elas não trabalham na venda do artesanato?*

Trabalha também, ela só vende né...só dá o preço, o valor do artesanato, só isso ... conversá alguma coisa não conversa.

*Qual é a renda média com o artesanato?*

Isso aí depende também, as veis não tem movimento então, em uma semana ganhamo R\$ 60,00 ou menos também as veis, mais vale a pena pra compra alguma

coisa, mais quando tem movimento a gente ganha bem também, pelo menos um salário por mês.

*O dinheiro que vocês têm é só do artesanato?*

Isso...só do artesanato...

*O resto é doação da FUNAI?*

È só da FUNAI...

*Eu observei que vocês não têm banheiro dentro da casa...e aí eu queria perguntar como vocês fazem pra ir ao banheiro?*

É nois sempre... procuramo o mato... pra ir ao banheiro.

*Não tem nenhuma vala, nada?*

Nao, não tem mesmo.

*Achas importante um projeto pra saneamento?*

Ah...com certeza...acho que temo que faze , agiliza mais pra todo mesmo.

*Vocês respeitam um limite de proximidade da casa?*

A criança vai mais próximo, adulto vai mais longe...mais vai bem mais pra longe, mais escondido né...

*Como é a casa têm eletricidade?*

Não ainda não tem...mais eu vô resolve...tenho que ir pra cidade sobre isso...

*Como é o casamento entre vocês?*

Não, isso aí é muito simples né...por ex, eu converso com uma mulher e quero fica numa casa aí eu fico né, quando eu quero separa aí eu posso me separa de novo...cada um sabe o seu caminho né...

*Quem fica responsável pelos filhos?*

Não isso também depende do casal né...quando eu quero leva junto...eu posso leva junto, senão fica com a mãe.

## Entrevistas feitas na reserva Inhacapetum - 23/10/2005

### Nicanor Benites- Cacique da aldeia Koenju

#### Historia de vida

Pra mim foi muito difícil a minha vida... pó que eu nasci aqui no Brasil, nasci em Salto do Jacuí, no RS. E aí ...Deus o livre, foi muito difícil... pó que até mesmo um guarani não conseguia onde ficá não ...pra definitivamente, por que toda parte que guarani parava era provisório...então, muito difícil. Até, até eu cresci aqui no Brasil, depois fui pra mora na Argentina um tempão, fiquei acho que 17 anos. Mais, também o pior momento que passei na minha vida foi na Argentina. Tá loco...muito assim...governo não dá assistência, não ajuda nada os povos indígenas lá na Argentina. E daí eu tenho que volta pra cá e voltei. Meu pai também voltou pra cá. Meu pai foi pro litoral do estado e daí eu fiquei aqui no sul, na região missioneira. Lutei pra conseguir essa area que bah...lutei, acho que foi 05 anos. Lutamo junto com cacique, liderança de todos aldeia e... mais conseguimos, mais conseguimos...e agora estamos mais tranqüilo, nós conseguimos aquilo que nós queria e graças a Deus conseguimos mante nossa cultura, nossa força, nossa... quero dizer nosso habito né... de hoje. Eu sempre digo assim, a partir de agora eu quero pensar pra frente como é que vo leva minha vida...quero esquecer do passado, mas sempre eu, eu tenho na memória, sempre me recordo...

Eu resolvi vim de lá mesmo, por que aqui ...eu já conheci quase muito lugar no Brasil. Eu ia pra litoral também onde meu pai mora, e daí eu resolvi ficar aqui né por que até eu gostei aqui na região missioneira. Eu acho vou ficar pra sempre aqui, por enquanto não tenho, de querer mudar daqui...eu sei que é lugar muito maravilhoso também apesar de todo aquilo tumulto que aconteceu né com povo indígena, mesmo assim eu vou ficar aqui na região, eu gostei muito daqui...

Antes das terras, a dificuldade de moradia né... foi difícil, não tinha material de taquara, não tinha coqueiro pra fazer artesanato, pra fazer fogo, tudo isso muito difícil pra nois...e daí que aconteceu isso, pra preparar bem artesanato, tem que te bastante lenha e fogo... aqui era lugar de passagem, aqui nois chegamo era... foi... acho que noventa e cinco, eu me lembro...dia 12 de março e daí o Floriano tava junto comigo, nois era.. acho que era quatro, não... sete família, mais ou menos e

daí o Floriano resolveu ir pra Porto Alegre e ele foi. Eu fiquei com minha esposa, minha sogra, mais criança e fiquei lá até resolvi assim pra fica ali na fonte, e daí eu vejo que não vai dá certo né, e aí lutamo pra consegui e viemo pra cá, graças a Deus tamo tranqüilo....

A pessoa que se envolveu na questão da terra foi o Cláudio mesmo, mais eu gostei dele foi mesmo assim, ele tinha mesmo amizade... com o povo indígena..então ele ajudado bastante...até dava passagem quando tinha que sai pra reunião e não tinha passagem ele dava, ajudava bastante...pena que ele saiu de São Miguel, foi pra outro lugar, mas sempre mesmo assim tamo lutando pra reforça essa questão e aqui...no assentamento da barra pessoa muito boa, dá apoio pra nóisi, prepara terra, enverga, conseguimos isso e foi muito importante.

### **Sobre transitoriedade guarani hoje**

Eu acho que ninguém embora, por que eu sempre faço assim reunião pra busca como é tão pessoa aqui, como é que ele ta vendo, e daí eu acho que ninguém ainda por enquanto não tem pra onde i. Todo mundo gostar daqui, todo mundo gosta... e todo mundo decide que vai fica pra sempre aqui...não pra sempre, sempre, mas eu acho que vão ficá ainda...

### **Sobre o trabalho...**

Antes eu acho que até o pessoal não deixava guarani entra no sitio pra vende artesanato. Foi difícil essa parte, mesmo assim lutamo por nosso direito, nois sabemo que nois temo direito de faze o que nois sabemo. Então, a partir daí ta melhorando a venda de artesanato, Ta saindo bem artesanato agora até, até os autoridade da cidade ta sabendo qual é a dificuldade que nois temo, então ele também deu direito pra nois.

Por que a renda é toda do artesanato, não tem outra coisa...mais o importante também a plantação de alguma coisa, isso é importante até pra acompanha algum dinheiro da venda do artesanato.

Aqui tem , eu vejo assim, quase... digamo assim, material mesmo assim quase não tem , mas a gente vive aqui e o assentamento também da alguma coisa pra nois, por que o assentamento ( Assentamento da Barra ao lado da reserva) tem

madeira que não usa que dá pra fazer artesanato... eles dão pra nós. Aqui na nossa área quase não tem, mas eles dão pra nós.

### **Voltando a falar sobre saúde na aldeia...**

Difícilmente acontece uma coisa, alguma doença grave, grave mesmo...por que, por exemplo eu tenho é... na minha opinião né, pq eu sempre digo assim o branco e guarani tem diferença, pq branco já não deixa mais criança assim pé...pé descalço,então tem que ser bem abrigado então, quando no inverno né, mais nós guarani não é assim, acho que alguma coisinha, alguma tosse é normal...

Quase não usa hospital, eu até até digamos assim, por que eu penso que tem que valorizar a sabedoria dos mais velhos, eu penso que tem que tá junto, vê junto com o caraíque, com o cacique, a gente já conversamos sobre isso...

A Denise... foi penúltima criança nós tivemos, ela ganhou uma criança, só que deu problema, então aconteceu essa coisa foi feito cesariana no hospital, ela quase morreu... faltando alguns minutos pra ela morrer, daí eu levei ela no hospital, e daí salvou a criança, salvou ela também, daí é a última criança que nasceu, aí ela tinha que fazer a ligadura, daí ela fez no hospital...

Por que eu vejo assim, eu trabalho como agente de saúde na aldeia e aí vejo assim, eu da minha parte não posso determinar pra levar pra hospital pq tem equipe de saúde indígena e daí eu acompanho e ele também já sabe como é indígena então eu tenho que conversar com a família que tenha assim criança doente, eu tenho que fazer pergunta e conversar com o caraíque, por que o caraíque que determina né, então eu tenho que dar apoio pra ele, o caraíque que sabe mais, então aí quando ele determina, aí eu posso chamar ambulância ou alguma coisa...então como eu já falei o branco qualquer coisinha tem que chamar o médico, nós não, nós temos que fazer alguma coisa em casa pra ver se cura ou não...isso que acontece.

### **Sobre cultura e sobre o branco**

É...nós fazemos como antigamente, nós sempre mantemos, nós sempre mostramos, mas não é só pra mostrar pro branco, isso aí já é nossa cultura, já existe pra nós. Eu vejo que o Floriano tem coral ele conversa bastante com pessoal da

aldeia, foi muito interessante para criança guarani, por que aí criança guarani já se envolve também com amor, com a dança, então é importante...

Isso aí eu acho que eu não tenho muita coisa pra dizer sobre isso, não sei como é que vou dizer sobre a questão...aí é muito difícil por que eu participei numa reunião em Porto Alegre, com cacique, com todas as lideranças da comunidade...até o cacique, caraíque, todo que sabe mais proibiu todo pra nós fazer assim... por que tem muitos branco que gosta de pesquisa assim né, da cultura indígena, só que nós não podemos contar todo, todo, apenas nós vendemos artesanato pro turista...né!

### **Floriano Romeu – antigo cacique – 39 anos**

#### **Historia de vida**

To sabe que a minha historia é de todo mais triste...sô natural aqui de Tenente Portela né, nesses tempo, naquela época meu pai me levou na Argentina né, pq naquela época tem mais serviço lá na Argentina pra se envolver, pra manter a criança, então ele lutou com 70 anos de vida, meu pai, sempre trabalhava aí...depois, nós na Argentina ficou muito tempo né, depois pensando aí pra cruzar de novo no nosso Brasil, que sou natural né. Então aí vim aqui, falando com meu pai, chegamos em São Miguel né, desde 1995 tá aqui e acampamos aí em São Miguel, passando frio, passando todo sem lenha assim né, só tirando barraca né... e aí pensando, falando com meu pai, como pode melhorar a vida né...meu pai falou pra seguir procurando achar aqui uma reserva indígena, então falando assim com prefeito, tudo, a FUNAI, com todo o governo do estado né, todo mundo tentando pra conseguir nossas terras. E aí graças a Deus que agora, acho que pra mim melhorar alguma coisa né, pq a vida nossa é muito triste naquela época não tem como pra viver, pra resolver, pra branco é difícil né...pra entender como é a situação do guarani...então, graças a Deus agora conseguimos as terras...236 hectares, aqui no Inhacapetum e aí melhorar a coisa principalmente pensando na plantação aqui né na nossa aldeia, então agora já melhorar alguma coisa, não é muita coisa, só que já é por aí, então vai ter certeza no guarani.

## **Sobre o trabalho com artesanato e o coral**

E...antes era... tirava a gente da ruína né ali botava no chão assim, esperando turista, não chego ali, ninguém compro e aí tentando assim, sentando com a nossa secretaria de turismo e falamos, assim na prefeitura pra abri... pra vende artesanato né e graças a Deus agora já abrimo aqui na ruína, vendendo aí artesanato pra ajuda a salva a vida do criança né.

E... aos costume também que também são parte agora desse, melhora muita coisa agora, como por exemplo por que nois entramo de professor da dança guarani, da cultura também e graças a Deus tem CD do coral também e melhora as coisas né...então por pensamento, vocês tão conhecendo aqui na nossa aldeia e, graças a Deus dando apoio todo mundo, sabendo que valoriza a nossa cultura é muito importante, que pra todo mundo respeitá nossa cultura.

Aqui na aldeia eu pensando aqui, eu boto na minha cabeça né, então aí pensando esse juntando criança e cantando e dançando, depois outro dia que vi que perguntavam por lá o que será que tu não tem coral aí ... o que... eu tinha achava que.. mai ou meno, pra se mostra, prá sabe o cultura é nossa aí, então mostrando aí pra turista, pq pra todo mundo, o branco tem que sabe a cultura como é, tem que insistir, tem que se mostra né, não é que só...por ouvido ninguem acredita né.. Então, tem que se mostra essa... a cultura como essa ai...é uma oportunidade muito forte isso aí são cultura, mais reforça a cultura nossa e todo mundo conhece todo mundo...

## **Entrevistas com representantes da Sociedade de São Miguel**

**Sr Vladimir Fernando Stello, Técnico III – Arquiteto Especialista em restauração, em 17/01/2006.**

### **Sobre o processo de inserção da comunidade Mbya Guarani em São Miguel das Missões:**

Os Guarani começaram a retornar aqui para São Miguel, inicialmente como ponto de passagem, a partir de 1988. Vieram para cá um grupo de guaranis que se instalaram por volta da Fonte. Mas, ficavam pouco tempo, uma semana ou duas e iam embora... Isso ocorreu algumas vezes, umas três ou quatro vezes que fizeram esse tipo de acampamento... Em 1994, um grupo de índios guaranis estava na cidade de Tupanciretã e a prefeitura de lá mandou trazer esses índios para São Miguel, por que terra de índio era em São Miguel...Então, botaram os índios que estavam lá, os índios guarani que estavam lá, numa Kombi e vieram deixar eles no trevo de São Miguel. Na época...na hora, estava uma viatura da Brigada Militar no trevo, por coincidência...e não deixou que os índios fossem largados lá no trevo e fez com que a Kombi trouxesse esse grupo de índios até a cidade. Então, eles conversaram conosco, com o prefeito, na época o Sr. Valdir Pedro Frizzo e deixamos a área da Fonte, que tinha uma área cercada protegida pelo IPHAN, mas que pertence à prefeitura, para que eles ficassem acampados. A partir daí começou um trabalho de apoio aos guaranis. Foi autorizado a esse grupo de índios guaranis que vendessem o artesanato deles ali junto ao Museu das Missões e a prefeitura começou dar apoio para eles no local onde estavam acampados. Então, com o tempo, começou a se organizar algumas coisas, conseguimos com a prefeitura e com a Corsan colocar um ponto de água potável para eles junto ao acampamento da Fonte onde eles ficavam. E, começamos, junto com os guaranis, a organizar algumas coisas, o pedido de área para eles... Juntamente com outras pessoas daqui da comunidade fundamos uma ONG, a ONG Tekoha, montamos um projeto, também chamado Projeto Tekoha, juntamente com um pessoal muito ativo, dois engenheiros florestais, Luis Cláudio Silva e Denise Superti, a Matilde, que é arquiteta, o Daniel Mascarin e a Iara Klein que são funcionários da prefeitura e mais algumas outras pessoas. Foram identificadas duas áreas que eram interessantes para a instalação de uma aldeia



indígena, digamos assim, que era uma mata, uma área próxima de São Miguel, em São Lourenço, uma área de seiscentos ha de mata nativa e uma outra área junto ao rio Inhacapetum que é onde atualmente eles estão...uma área de duzentos e poucos ha que tem parte de rio, parte de área para agricultura e alguma coisa de mata nativa também...Ah, se conseguiu também enquanto eles estavam na área da Fonte, organizar um local para aulas, então a escola estadual designou um professor branco para dar aulas e tinha um professor guarani para dar aulas juntos, lá dentro do acampamento da Fonte. Posteriormente, com mais pressão da sociedade e da prefeitura também se conseguiu que o governo do estado adquirisse a área do Inhacapetum, que tem uns 230 ha, não recordei bem...isso no governo do Olívio Dutra... que foi adquirida a área, Posteriormente, no governo do Germano Rigotto se conseguiu a construção das casas, foram construídas várias casas lá na aldeia onde hoje é a área deles. E a gente está sempre dando apoio, tanto o IPHAN, como a prefeitura do Sr. Frizzo, do Sr. Mario Ribas e agora novamente do Sr. Frizzo...sempre tem dado apoio a comunidade Guarani! A EMATER tem trabalhado muito, muito mesmo na questão da agricultura e do plantio da vegetação nativa e de árvores frutíferas. Na questão de materiais das construções a EMATER, através do Programa RS Rural, tem trabalhando bastante isso...Em 2004 conseguimos com o governo do estado, a construção de uma casa de passagem aqui próxima do sítio em São Miguel pra que eles quando vêm para a cidade, para a venda de artesanato, por que a área que eles estão é cerca de 30 km daqui.. Então, conseguimos que fosse construída uma casa de passagem pra que eles tenham onde ficar durante a noite quando eles vêm pra cidade para a venda do artesanato...Eu acho que foi esse processo, rapidamente contando, acho que foi isso... o importante é que sempre tiveram o apoio da sociedade de São Miguel!

**Sr. Valdir Pedro Frizzo - prefeito que cedeu espaço inicial aos guarani - entrevista cedida em 19/01/2006.**

**Sobre o processo de inserção da comunidade Mbya Guarani em São Miguel das Missões:**

Fui prefeito de 1993 a 1996 quando aqui passava um guarani e então cacique, na época, chamado Nicanor... e ele vinha vender os artesanatos dele em São Miguel...

ele mais alguns membros da sua família e, na oportunidade, veio de um outro município um veículo que despejou aqui em São Miguel vários índios guaranis...famílias com crianças, me parece que eram quatorze na época. Aí, nós demos um apoio pra eles, aqui...num parque que tem, da Fonte..Fonte Missioneira. Nós demos uma área de dois hectares, demos oportunidade pra eles, adquirimos lona, enfim...e eles ficaram ali e depois sumiram...posteriormente, retornaram...aí, quando retornaram nós demos um apoio, fomos construindo umas casinhas de sapé, enfim, dentro dessa área demos água pra eles e daí começou a aumentar a população indígena. Eles vendiam os artesanatos e o grupo foi crescendo...aí depois que eu saí da prefeitura, mais tarde, o governador Olívio Dutra adquiriu uma "area, o Inhacapetum, que é a área onde estão hoje...e aí passou a existir essa comunidade indígena que hoje tem lá...me parece que é duzentos e quatro guaranis que vivem lá entre adultos e crianças.

O município dá um apoio muito grande pra eles. Tem uma escola do município que foi cedida para o estado, onde o município também contrata professor da aldeia através do convênio que ela tem. E também na saúde, em conjunto com a FUNAI, nós prestamos um atendimento muito bom com os profissionais que temos aqui, enfermeiros, temos dois enfermeiros...e agora também tem programa de saúde da família e se leva o atendimento até a aldeia. Um dado importante na saúde, principalmente no primeiro semestre do ano passado, depois eu não tive mais informação, mas no primeiro semestre teve duas baixas só e uma era gestante. Há um controle muito grande na aldeia na questão saúde...e aí onde eles tem a residência, com o apoio do governo do estado foi conseguido e colocado...no fim do ano passado, foi colocado energia em todas as casas, lá também tem um postinho de saúde, enfim...a aldeia que eles tem aqui tem um bom atendimento por parte da comunidade e até posso dizer isso na área da saúde...

Eu posso dizer que o trabalho deles aí...eles sobrevivem da venda dos CDs, foi criada uma fundação em conjunto com o SEBRAE e, com a venda do artesanato. Eles são os únicos que tem autorização pra entrar dentro do sítio pra vender artesanato...são os guarani. Agora nós estivemos em contato com a FUNAI e vai ser construído aqui na avenida Borges do canto, próximo onde eles tem a casa de passagem, já está destinada uma área, um local pra eles produzirem e comercializar artesanato. Também vai ser construído um escritório pro funcionário da FUNAI prestar atendimento aos indígenas.

### **Por que o Sr. cedeu este espaço inicial pra eles no município?**

Dar esse apoio pra eles já tinha despertado nosso interesse e ainda mais quando a prefeitura de Tupã transferiu pra cá esses guaranis...é que nossa história é jesuítica-guarani, por exemplo...nós tinha a igreja no passado representando toda aquela história e o guarani que seria o verdadeiro dono da terra...o habitante primitivo e ele seria a nossa história viva. O meu raciocínio foi que se nós temos essa catedral construída por eles, orientada pelos jesuítas, nós tendo os guaranis, nós estaria com a nossa história viva, teria então esse patrimônio, essa igreja e nós teria os guarani como testemunha viva dessa nossa história...isso seria uma coisa assim que pesou bastante na minha decisão e, como próprio ser humano né...ele como primitivo, descendentes dos primitivos, que nós entendemos que tínhamos que valorizar, por que hoje estamos aqui ocupando o lugar que no passado foi deles, eu diria que pensando por esse lado aí, foi uma coisa assim que me convenceu...que poderia ser uma coisa boa pra São Miguel...além do lado humano, o reconhecimento, tinha o lado histórico que poderia, com certeza, melhorar também a nossa história de utilização do turismo aqui em São Miguel das Missões...foram vários fatores que me convenceram...o lado bom e também, o lado histórico da coisa...

### **Sr. Emílio Correia dos Santos, descendente de guarani - entrevista cedida em 18/01/06**

#### **Sobre o processo de inserção da comunidade Mbya Guarani em São Miguel das Missões:**

Sobre os guarani em São Miguel das Missões...nós recebemos eles com muito sacrifício, a prefeitura também deu apoio pra eles, aí eu e o Luiz Claudio tivemos que sair até pedir esmola pros guarani, por que tava chegando visita da Argentina e eles já estavam aqui. Tudo começou com dois guarani e um curupi, no fim já tavam duzentas e poucas pessoas vivendo lá....e aí o primeiro passo deles foi com muito sacrifício...tinha um fazendeiro que era muito meu amigo e aí numa certa noite eu tava visitando ele na fazenda...ele tava sozinho e me falou que venderia a fazenda dele, mas pros guarani né...que ele tinha conservado até agora, da desmatção, de lavrar os campo...aí ele me falou que poderia vender para os guarani. Tinha um

rapaz que trabalhava com guarani que era da UFRGS de Porto Alegre...peguei e liguei pra ele e contei a história que o fazendeiro queria vender as terras pros guarani e aí ele desceu de Porto Alegre e veio pra fazer a vistoria nas terras e conversei com o fazendeiro pra ver se ele queria vender mesmo né...aí eles entraram em conversa e conseguiram o primeiro passo pras terras...aí já foram fazer documento, mas todo esse tempo...demorou uns 06 anos pra sair as terras...foi muito demorado por que precisa código do IBAMA pra fazer o documento, tem que esperar e aí...no governo do Olívio Dutra, quando ele assumiu o governo do estado, ele resolveu comprar das tres áreas, ele resolveu comprar o Inhacapetum, que era desse fazendeiro e recolocar os guarani que tavam acampados numa área que era do IPHAN perto da Fonte, a antiga Fonte, a primeira fonte que foi dos guarani.

E quando foi ali, eles estavam a dois anos acampados, a FUNAI resolveu recolher eles por que eles eram acampados e não tinham vínculos pra conseguir terras e faltava inserir eles na região né...Aí aconteceu que eles ficavam nesse tempo correndo pra aqui e pra lá...Aó reservou dois hectares da prefeitura pra eles colocar uma lavoura, uma horta...um hectare no sítio, nas ruínas, onde era a horta dos guarani pra plantar, pra agarrar vínculo...pra poder eles não sair de São Miguel, por que senão eles não teriam ficado em São Miguel se não fosse feito esse tipo de trabalho.

Bem...conseguimos pra eles fazer artesanato...mas tivemos que sair nas fazendas, conseguir esforço pra entrar e conseguir material pra eles trabalhar...e daí vendo quem é que tem uma mata, uma mata de São Lourenço, entre a redução de São Miguel e São Lourenço, que é uma mata duns quinhentos e poucos hectares, essa área foi toda predestinada pra eles e até o dono dessa fazenda é de Cruz Alta...ele autorizou os guarani a pegar material até hoje na fazenda, por que esta área tá predestinada pra eles....e aí eles conseguiram fazer o artesanato pra vender.também foi uma briga pra conseguir autorização pra poder vender no Museu das Missões...o pessoal que tava aqui não queria que eles ficassem no museu pra venda né...aí houve que o Luiz Claudio fazendo um ofício e mandando pra Brasília e aí...foi aprovado lá que os guarani poderiam permanecer na volta do Museu vendendo artesanato...então eles também tiveram sacrifício tanto pra conseguir material quanto lugar pra vender...

Agora...hoje em dia eles já estão aí com a casa de passagem...aonde eles ficam pernoitando pra vender o artesanato e também já tá pra sair duas casas de venda, uma casa aqui em São Miguel e outra na aldeia do Inhacapetum. Sobre a mata que foi conseguida pra retirar material pro artesanato, é uma mata que tá predestinada pra FUNAI comprar pros guarani, é aqui na região, com trezentos e poucos hectares...muito rica em material pros guarani, tem taquara que eles usam, o cedro de guajuvira que eles fazem o artesanato, também tem vários tipos de madeira que eles usam pro trabalho deles e muitas ervas medicinais que eles usam também...tem até uma que eles usam muito o fruto, que nós chamamos de jerivá, eles usam a fruta como remédio né...

**Sr. Mario Ribas Nascimento , prefeito na época do assentamento na reserva do Inhacapetum – cedida em 23/01/2006**

**Sobre o processo de inserção da comunidade Mbya Guarani em São Miguel das Missões:**

Com relação à questão dos índios guaranis em São Miguel, nós assumimos a prefeitura em 1997, numa situação bastante difícil dos índios, pois se encontravam junto à fonte Jesuítica, acampados com lonas pretas, numa situação bastante delicada...sem nenhuma condição de vida naquele ambiente degradável...aí tínhamos uma preocupação muito grande, atenção especial em relação a esses índios visto que eles se constituem, constituíram e constituem num tipo de história das nossas reduções jesuíticas dos guarani...fazem parte da nossa história... uma preocupação muito grande junto ao governo estadual, ao governo federal, para que fosse logo adquirida as terras que estavam sendo negociadas, então tratadas em assunto junto a comissão específica na assembléia legislativa e também junto ao governo do estado e ao governo federal através da FUNAI. Questionamos... tivemos várias reuniões com governo do estado, governo federal em Porto Alegre, juntando as decisões dos organismos na assembléia e também na FUNAI em Brasília. Depois de algum tempo houve uma negociação, houve um acordo entre governo federal e governo estadual e assinaram um protocolo de intenções, acho que foi esse o termo onde o governo se comprometeu em comprar uma área de 250 há do Rio Inhacapetum e também com a união a uma outra área, na mata São Lourenço,

uma área maior, aproximadamente duns 500 há nas proximidades de São Miguel. Houve então a aquisição dessa área, por parte do governo do estado, o estado comprou, cumpriu a parte dele, comprou uma área no Inhacapetum, que tem em torno de 250 há. Iniciou, então a transferência dos índios daqui da Fonte Jesuítica, nessas condições precárias né, para essa área maior na beira do Rio, uma área maior que eles mesmos escolheram...Então houve um apoio forte da prefeitura no sentido de viabilizar todas as condições para que isso acontecesse.

Paralelamente a essas ações envolvendo a área indígena, nós trabalhamos muito a questão da saúde indígena, envolvendo enfermeiros, médicos...no município não tinha médicos, contratamos dois médico a mais no município e começamos a dar uma atenção especial ao índios

Também na questão da alimentação, um trabalho muito forte... sempre cedendo leite, doando todo dia leite para os índios, uma atenção especial nos programas do governo do federal e do governo do estado na bolsa alimentação, na bolsa família... e outros auxílios que poderíamos repassar aos índios.

Também junto a uma parceria com o IPHAN, manteve aos índios dentro do sitio arqueológico para que pudessem comercializar o seu artesanato indígena.

Foi no nosso governo, no período de 1997 a 2004, que estivemos na prefeitura, procuramos valorizar a sua cultura indígena... valorizar e resgatar a sua música especialmente e seu artesanato. Na área da música nós criamos junto com a Associação Consciência Guarani, junto com outras lideranças que apoiaram a questão indígena, especialmente com a equipe consultora do SEBRAE... que estava trabalhando junto à Rota Missões, outro Projeto que auxiliou também na divulgação da cultura Guarani, o Projeto Rota Missões, desenvolvido em parceria com o SEBRAE e a Fundação dos Municípios das Missões para promover, desenvolver e criar um produto turístico com qualidade na região...o Rota Missões e que também envolvia certamente e envolve a questão indígena como prioridade, por causa desta questão então foi criada a Associação Consciência Guarani.

Através da Consciência Guarani e da parceria do colégio Anchieta de porto alegre, que é um colégio jesuíta também, nos conseguimos editar um CD e apoiar a formação de um coral dos guaranis de São Miguel das Missões, através do cacique Floriano, que foi incentivador e as crianças guaranis, índios guaranis pequenos que fazem parte do coral. Então, com incentivo e com apoio principalmente na questão da aquisição de equipamentos, de violão, de violino, nós conseguimos doações pros

índios e esse coral foi incentivado através do Consciência Guarani e foi editado um CD, um CD da música guarani, dos nossos índios guaranis de São Miguel...

Esse CD se constitui também numa forma de renda, eles estão vendendo, comercializando esse CD através, coordenados pela associação Consciência Guarani ...eles estão comercializando, há um sistema de controle, cada índio tem mensalmente uma cota de CD para que possa comercializar e vender e que possa se transformar numa forma de renda para poder ter uma renda as famílias que participam do coral e da aldeia dos índios.

Nós também trabalhamos muito no nosso governo para a construção das casas dos índios, a rede de água e a rede de luz pra aldeia...pq não bastava apenas ter a área. Eles foram para a área, para a área acampados em condições melhores, por que havia mais espaço, mas no início também com lonas plásticas as suas casas. E nós trabalhamos para que pudesse haver a construção das casas em modelo com arquitetura própria, trabalhávamos muito com os índios e também com a FUNAI, com o IPHAN e com a prefeitura, o que viabilizou junto ao governo do estado os recursos necessários para a construção...através de um trabalho muito grande de pressão junto ao governo do estado, da secretaria de habitação do estado, nos conseguimos os recursos para a construção das casas dos índios e da construção da rede de água e da rede de luz na aldeia num convenio com a secretaria de energia na questão luz e hoje os índios já tem...então, em 2004 foi concluída a construção das casas e também da rede de luz e da rede de água, foi implantada em 2004. Então hoje podemos dizer que os índios têm uma infra-estrutura bem melhor do que eles tinham em 1997, 1996...

Isso foi o que ocorreu a partir de uma priorização, uma valorização da cultura indígena que foi empreendida pela nossa administração, quero deixar bem claro essa questão... a situação quando nós pegamos era uma, quando nós saímos não era tudo aquilo que nós desejávamos ainda, precisávamos melhorar ainda mais, mas evoluímos bastante...construímos um processo de melhoria na qualidade de vida da população indígena em São Miguel...então foram ações importantes que melhoraram a vida dos guarani!

Também em relação à educação, junto ao assentamento da barra, a escola municipal, nós colocamos através do estado que nos viabilizou, um professor através de parceria, para termos aula para os índios em São Miguel, uma sala de

aula específica...isso foi viabilizado e estávamos aguardando em 2004, não havia sido ainda os recursos para a construção de uma escola na aldeia, o que seria muito importante para os guaranis. Não sei como foi a negociação em 2005, se evoluiu...estava bem adiantada em 2004. Nós estávamos pressionando muito com audiências permanentes junto ao governo do estado, ao governo federal, para a viabilização dos recursos para a construção de uma escola...eu acho fundamental e muito importante...acho que não foi construída ainda, mas é uma ação que tem que ser incentivada, viabilizada com a máxima urgência.

É assim que trabalhamos, dessa forma, foi feito um trabalho muito grande relacionado a manutenção dos índios, em relação a maneira de vida deles, que tem toda uma cultura própria, uma forma de vida peculiar que nós temos apenas que acompanhar e dar sustentação...Mas, acho que estamos evoluindo, os índios guaranis estão melhorando a sua vida. Nós entramos em 1997 e estava entre 40 a 38 índios, variava um pouco as famílias...a partir do momento que foi dada atenção, que é comprovado, devido ao que aconteceu e hoje, podemos perceber isso....devido a essa atenção especial aos índios a partir de 1997, começou a ampliar, começou a aumentar o número, mais índios guaranis começaram a chegar, parentes começaram a chegar em São Miguel para viver com seus familiares, já que estavam tendo uma atenção e hoje nós temos mais de duzentos índios, próximo aos duzentos e cinquenta índios morando nessa aldeia de guarani...isso demonstra que houve uma melhoria na vida, na qualidade de vida deles que viabilizou a vinda a São Miguel...eu acho que é justo, enquanto eles viverem, já que possuem instalações maravilhosas...Na prática nos tivemos essa oportunidade de conhecer e hoje tem o movimento Rota Missões na região...é nessa história, nessa experiência de vida...não tanto nas pedras, mas na experiência de vida, na forma de vida, de organização que ocorreu aqui na época das reduções jesuíticas, essa forma de vida que foi exaltada por filósofos famosos e reconhecidos, como Montesquieu, entre outros, que relataram sobre essa experiência das reduções jesuíticas dos Guarani na América do Sul, especialmente em São Miguel, acho que é isso...

**Sr. Luiz Claudio Silva – Engenheiro Florestal, entrevista cedida em 01/02/2006-02-02**



O meu envolvimento com a questão indígena começou em 1993, 1994 quando um grupo de índios chegou numa Kombi trazidos por uma prefeitura da região que dizia que ali era terra de índio. Essa Kombi foi interceptada pela brigada militar e os índios foram levados para lá e se pediu autorização para que eles acampassem numa área próxima à Fonte Jesuítica em contato com a prefeitura e o IPHAN, ao qual eu estava ligado na época...se autorizou a permanência deles, eles receberam uma ajuda da prefeitura através de médicos, alimentação, medicamentos... e a gente deu nosso apoio inicial ali para que eles permanecessem...ficaram cerca de dez dias e após isso foram embora...o prefeito, na época, ficou bastante preocupado, ele entendeu que tinha atendido bem e os índios foram embora...a aí, a gente começou a pesquisar os hábitos e a cultura desse grupo indígena que eram os Mbya-Guarani e a gente viu que eles eram semi nômades, na realidade eles permanecem durante um tempo num local e depois vão embora. A partir daí começou a haver retorno periódico para lá, sistematicamente começaram a voltar alguns índios provenientes desse grupo inicial e outros começaram a permanecer durante mais tempo. Nessa época, já em 1994, se não me engano, um casal, a Paula e o José Acosta se instalou definitivamente ali...juntamente com o filho, Alessandro. O José Acosta é um artesão bastante conhecido, com um trabalho muito bom e permaneceu, começou a montar sua casa nessa área...a partir daí começamos a trabalhar com a construção da Opy, casa de reza, e nós ajudamos na instalação ali dessas casas, desse acampamento provisório, próximo a Fonte Jesuítica...Nessa mesma época houve uma tentativa de instalação de um loteamento, mas esse loteamento iria prejudicar tanto a fonte jesuítica...pela proximidade dela...como as nascentes ali e também prejudicar a permanência desse grupo indígena.

Passamos a realizar junto com vários profissionais e voluntários vindos de várias universidades...UFRGS, PUC, UFSM...um laudo que mostrou que eles não deveriam permanecer ali, esse loteamento não deveria ser instalado ali...a partir disso foi definido a forma de ação e foi ganhando...o espaço foi se delineando, se demarcando mais...nessa época a gente contava, trabalhava sistematicamente com o Vladimir Stello que é do IPHAN até hoje, a Matilde Villegas...algumas pessoas se somaram, entre elas um estudante que foi fazer estágio conosco, o Marcos Chamon, que hoje trabalha com índios no Xingu, que se envolveu com a questão a partir daí...e nós conseguimos então nos organizar. A gente estava estudando dentro do IPHAN um trabalho de fazer a revitalização da antiga Quinta Jesuítica dentro das

reduções, da Redução de São Miguel Arcanjo. O que seria isso...recuperar o espaço da Quinta...a horta e o pomar e, a partir daí, nós incluímos... além das espécies trazidas pelos jesuítas na vinda pra cá, trazidas da Europa, nós incluímos espécies vindas da floresta e reservamos um espaço para que os índios pudessem estar plantando lá dentro...eles plantaram o milho, várias espécies de milho que eles têm, milhos tradicionais de uso...amendoim, mandioca, enfim...e a nossa idéia era que eles conseguissem um espaço para reprodução vegetal e ao mesmo tempo reservar essas sementes sem o contato e a transformação aí...a partir de um melhoramento genético, enfim um trabalho de experiência que estávamos fazendo, de manter a genética floram...conseguimos isso durante um bom tempo e ao mesmo tempo eles tiravam alimento dali, numa reapropriação desse espaço, que na origem era deles...eles construíram tudo isso, construíram as reduções com orientação de dois padres, chegaram a dezessete mil índios e a partir de um momento eles foram sendo expulsos ou foram impedidos de retornar a esse lugar...por todos os motivos, os Mbya Guarani tem uma forma de agir junto ao mundo real a partir de mensagens ou de imagens passadas pelos deuses através dos sonhos vem a mensagem, a orientação do que eles devem fazer...então, eles são suscetíveis a uma série de influências, eles interpretam, as vezes, que precisam deixar uma área e aí vão...dentro dessa lógica de procurar a terra sem males...estão sempre em constante busca de um lugar onde eles tenham uma base para reproduzir a sua cultura...

A partir desse trabalho começou, então, a chegar nesse lugar mais famílias em São Miguel das Missões e a permanecer e teve a construção da Opy, a casa de reza e várias pessoas colaboraram, a Dionísia, que trabalha hoje no IPHAN, mesmo o Chanon...nós ajudamos, estivemos bastante presente...na limpeza dessas áreas...começar mostrar que o lixo da floresta não é lixo, que é aproveitado pela própria floresta e que o lixo que vem a partir de produtos de branco, como saco de leite, garrafa de refrigerante, enfim...uma séries de produtos que eles passaram a consumir, de branco, gerava lixo e esse lixo estava sendo largado, jogado...houve todo um trabalho de aprendizagem conjunta, nós aprendemos com eles seus valores, eles aprenderam conosco essas necessidades básicas para viver em sociedade...inserida dentro da sociedade branca...e aí começou todo um trabalho conjunto de mutirões, de limpeza...outras famílias foram chegando e a necessidade a partir daí de produtos florestais, de produtos que eles pudessem manifestar sua

cultura através do artesanato. Então nós tínhamos iniciado um trabalho de estudo da floresta missioneira, como engenheiro florestal que eu sou na origem...juntamente com outras pessoas começamos a trabalhar, a estudar a floresta missioneira, a Fundação do Boticário auxiliou nesse processo, custeando parte do trabalho e começamos a contar com vários fazendeiros da região, estudando essa floresta e, partir daí, entrou o conhecimento índio...o índio andando conosco, o Mbya Guarani...e ao mesmo tempo a gente conseguiu autorização importante para que eles pegassem parte desse material e trabalhassem produzindo artesanato que depois era vendido...então, na confecção dos bichinhos, da cestaria, dos animais da floresta e da cestaria como um todo, usando guaimbé, taquara mansa...eles começaram a ver que o guaimbé dá nas florestas altas e o da taquara mansa só na parte baixa próxima a rios...então, nós tínhamos esse problema...as áreas florestais que nós tínhamos...nós tínhamos que garantir a integridade do território...daí organizamos um projeto chamado Tekoha, Tekoha é espaço, manifestação da cultura em guarani...é querência, é um lugar onde se consegue manter a estrutura dos índios fisicamente e culturalmente. Esse projeto contemplava três áreas, uma área para morar que seria onde é o Inhacapetum, a gente detectou essa área, uma área para coleta de matéria prima florestal, que é uma área na Fazenda São Lourenço, na divisa de São Miguel com São Luiz Gonzaga...uma área muito grande, extremamente preservada, cerca de 700 hectares...trabalhamos de forma estratégica, localizando tudo isso e uma área de contato com o branco, poderia ser...eles estavam vendendo artesanato no Museu e hoje permanecem né! Devem ter imaginado construir algo próximo ou fazer algo próximo às Ruínas ou da fonte Jesuítica...

Este projeto andou, algumas pessoas começaram a se interessar pela questão, começaram a ajudar, fizemos a gravação do globo Ecologia, que mostrou tudo o que estava ocorrendo...uma TV de Portugal, na época do Brasil 500 anos veio e se interessou, filmou vários desses lugares e desse processo, através deles se conseguiu um helicóptero da base de Santa Maria, então, nós pudemos fazer um sobrevôo na região, fotografar e filmar esse material que serviu depois de base até para o laudo antropológico que acabou na demarcação, na compra da área onde hoje eles estão instalados, no Inhacapetum...se comprovou que não havia ocupação continuada, então houve a compra dessa área e agora estamos tentando e

aguardando...vamos Ter que retomar essa luta para conseguir uma área florestal para que eles possam viver na plenitude essa vida guarani...

Além de todo esse processo a gente contou com o auxílio do Sr marinho, que era o antigo proprietário da área do Inhacapetum, quando ele cedia madeira caída dos vendavais e nós engenheiros florestais, eu, o Chamon, a Denise Superti, uma outra engenheira florestal que se envolveu bastante na questão, nós fazíamos a visitas ambientais nessa área, junto aos Órgãos Ambientais e depois íamos buscar, geralmente o Sr. Emílio ia buscar esse material, trazia para eles para ver se continuavam trabalhando...tivemos uma ação bastante presente, todo esse grupo de pessoas e outras se juntaram...as pessoas chegavam e trabalhavam...era bastante exigente...

Com o Conselho estadual do Índio, o Conselho foi montado e tinha reuniões em Porto alegre, nós começamos a trabalhar inicialmente no Fórum Estadual do Índio, que reunia Mbya Guarani e depois Kaingang, trabalhamos bastante nisso, tivemos essa oportunidade de conhecer, de participar de encontros indígenas e conhecer pessoas ligadas ao Ministério federal, tanto em São Miguel como em Santo Ângelo e depois em Porto Alegre...pessoas que trabalhavam sistematicamente pela causa, Osmar Veronesi, procurador da república e outras pessoas que tiveram um posicionamento bastante forte nisso... O projeto Tekoha, na realidade, deu forma a uma série de demandas que os guarani tinha e, a gente ajudou a dar uma forma que o branco entende...na forma de projeto! Esse projeto esquematizado previa a aquisição, compra, a conquista...enfim, como queira, de três áreas e essas três áreas estavam sistematizadas e organizadas e tomaram forma no Projeto Tekoha e a partir da necessidade que as Ruínas de São Miguel tinham e da função que, na época, ocupava, de Diretor...do Instituto do Patrimônio Regional, passei a entregar juntamente com outros colegas para várias lideranças brancas, lideranças políticas, lideranças formais e informais, enfim, se entregou para vários ministros, governadores, secretários de estado e a gente ao longo do tempo foi conseguindo uma adesão, uma simpatia pelo trabalho...músicos, artistas, simpatizantes auxiliaram...a Família Lima, músicos gaúchos, na época auxiliaram durante quase um ano, eles mandaram recursos para que os índios pudessem se manter ali. Outras pessoas que surgiram nesse processo: Fernanda Montenegro, Fernando Torres, são pessoas que visitaram e a simples visita despertou o interesse a aí, a partir daí começou a surgir mais ajuda.

Se trabalhou, ao longo do tempo, fazendo ações diretas até que se conseguiu a demarcação da área do Inhacapetum, onde hoje eles estão instalados, onde eles vivem e a gente conseguiu após isso doação de madeiras apreendidas pela companhia ambiental do estado, através de autorização do conselho e se conseguiu organizar e instalar e eventualmente eu tenho encontrado com eles nessas andanças em Porto alegre, Santa Maria e o que fica que é interessante...é que eles não esquecem do que a gente segue aí tentando garantir...um pouco mais de conquista...acho que é isso que eu tinha para relatar...



LORRINE DO FORD

16 — SEGUNDA-FEIRA, 9 de setembro de 1996

INTERIOR

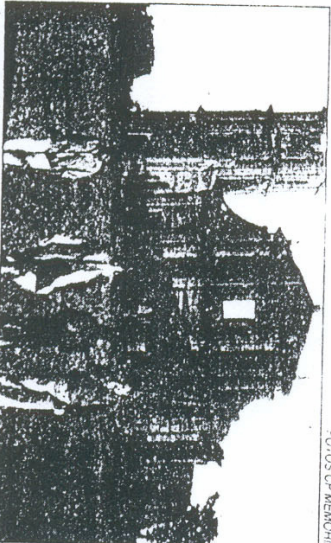
# Procurador visita índios guaranis

Foram constatadas as precárias condições enfrentadas pelos indígenas que vivem em São Miguel

Paulo Renato Zienbowics

O procurador da República de Santo Ângelo, Marcelo Veiga Beckhausen, acompanhado pelo técnico da Funai em Passo Fundo, César Augusto Stein, visitaram na última semana o grupo indígena que está morando em São Miguel das Missões, antiga redução jesuítica, tombada em 1983 pela Unesco como Patrimônio Histórico da Humanidade. Foi comprovado que os guaranis estão vivendo em condições precárias na área de 2,8 hectares pertencente à prefeitura. "A situação só não é mais difícil porque a prefeitura tem amentado os problemas com a destinação de alimentação e remédio aos índios", disse o procurador.

A Procuradoria e a Funai constataram que os guaranis utilizam a área como passagem transitória, apesar do índio José Acosta, que mora há 2 anos em São Miguel das Missões, manifestar interesse em permanecer no local. Atualmente, o grupo sobrevive de artesanato e de alguns donati-



FOTOS DE MEMÓRIA

Equipe verifica o cotidiano difícil dos índios em São Miguel dos da população. Beckhausen pediu ao prefeito Valdir Frizzo que continue ajudando os índios e providencie para esta semana a destinação de um trator para possibilitar o preparo da terra onde os guaranis pretendem plantar milho, mandioca e batata. "Vamos gestionar junto a Funai e Conab a

possibilidade de fornecimento de cestas básicas aos índios", afirmou o procurador. Ele ainda comprovou que existem 32 guaranis e que agora são apenas 2 famílias no local. Os outros estão acampados no trevo de acesso a S. Rosa. O índio José Acosta reclamou a falta de lenha e lugar para caça e pesca. "O local é muito tranquilo e pretendemos ficar", disse ele. O grupo possui como aliado o engenheiro do Iphan, Luiz Silva, que conseguiu autorização para a venda do artesanato dentro das ruínas e também o plantio da safra do milho, numa área de 4 hectares atrás das ruínas. César Stein, técnico da Funai, disse que caso os guaranis desejem sair do município, poderão ser transferidos para outras 7 reservas existentes no Estado. As reservas guaranis estão localizadas em Guarita (Tenente Portela), Guarani Votor (São Valentim), Salto do Jacuí, Paçoá (Camarguã), Boca do Ouro (Riozinho), Varzinha (Maquimé) e Canaleta Galo (Mamão).

## ANEXO 2

188

Ministério da Cultura  
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
12ª Coordenação Regional  
Museu das Missões

OF 041-b/96-IPHAN/SMM São Miguel das Missões/RS, 26 de setembro de 1996.

De: Luis Claudio da Silva - Diretor 12ª SRII/ Museu das Missões

Para: Dr. Marcelo Veiga Beckhausen  
M.D. Procurador da República

Assunto: Informações sobre índios guaranis / fonte jesuítico-guarani

Sr. Procurador da República

Conforme solocitação feita por V Sª através do ofício nº 039/96, no qual solicita informações sobre a situação e localização dos índios guaranis que se encontram em São Miguel das Missões, próximo a Fonte Jesuítico-guarani, informo o que segue:

No período compreendido entre o final do ano de 1994 e início de 1995, não sei precisar a data, um grupo com cerca de 16 índios guaranis foi interceptado pela Brigada Militar, dentro de duas Kombis que estava prestes a deixá-los na estrada vicinal que liga a BR 285 com a sede do município de São Miguel das Missões.

Estes guaranis, segundo informações dos mesmos, estariam sendo transportados por orientação da Prefeitura Municipal de Tupaciretã para São Miguel das Missões.

A Prefeitura de São Miguel das Missões, na ocasião, solicitou autorização ao IPHAN/12ª SRII, para que os mesmos pudessem montar acampamento na área existente próximo a fonte missioneira. Dada a autorização a Prefeitura auxiliou fornecendo lonas pretas para as barracas, alimentação e leite para as crianças. Este grupo permaneceu por cerca de 20 dias na cidade, produzindo artesanato que era comercializado com os visitantes e depois, seguindo sua cultura nômade, partiu.

Após este primeiro acampamento na área, diversos outros grupos guaranis passaram a frequentar o local. Estes grupos variavam de tamanho, sendo alguns compostos por apenas uma família, com três (03) pessoas, até grupos com seis a sete (06-07) famílias, totalizando até quarenta (40) pessoas.



Em 1995, uma família, composta por José Acosta, Paula da Silva e Alejandro vieram para São Miguel com a intenção de permanecer. José Acosta, excelente artesão, produz miniaturas de bichos em madeira e Paula, produz cestos com taquara e guaimbé, que passaram a comercializar nas Ruínas de São Miguel Arcaño, junto ao Museu das Missões.

A autorização para a venda dentro deste espaço foi dada pelo Museu das Missões por reconhecer que apesar de terem sido os guaranis os verdadeiros braços construtores do que hoje é reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, os mesmos estão aliados dos meios mínimos necessários a sobrevivência desta cultura.

Segundo informações de antigos moradores do município, antes da construção do Restaurante próximo às Ruínas, e mesmo depois, era comum a vinda de guaranis, que transitando em suas antigas rotas, passavam em São Miguel a caminho do Caaró ou mesmo indo para Argentina e Paraguai. Até mesmo a índia Paula, se recorda de ter vindo para São Miguel quando criança.

Esta família que decidiu permanecer em São Miguel das Missões, passou a receber auxílio do IPHAN, da Prefeitura e de proprietários de terra da região que auxiliaram doando materiais necessários, como madeira e taquara mansa para a construção da Opy (casa de rezas), lenha e guaimbé para confecção de cestos e mesmo doando sementes e lavrando parte da área para o plantio de milho e mandioca. A Prefeitura providenciou a instalação de água tratada para atender os guaranis e o IPHAN autorizou a utilização de parte da antiga Quinta jesuítico-guarani, para que estes plantem mandioca e milho para subsistência.

A presença desta família e de outras que ficam no local por algum tempo, foi razoavelmente bem aceita por parte da comunidade miguelina.

A área onde os guaranis estão, foi proposta para a criação do chamado Parque da Fonte, surgindo como uma forma de aperfeiçoar a proteção do Patrimônio Missioneiro materializado no local como uma fonte contemporânea à época das reduções e ao mesmo tempo valorizar o Ambiente Cultural Mbuá-Guarani.

O local proposto para a criação do Parque da fonte situa-se a cerca de 1 Km das Ruínas de São Miguel, na área urbana do Município. Descoberta em 1983, pela Prefeitura de Santo Angelo, a fonte foi restaurada em 1993 pelo IPHAN/12ª SRII/Museu das Missões.

A Prefeitura local destinou a área de aproximadamente 2,8 ha para a criação de uma Praça. Após inúmeros debates surgiu a possibilidade de ampliar o espaço e transformá-lo em um Parque Municipal.

O IPHAN/12ª SRII/Museu das Missões montou uma série de atividades para viabilizar a proposta. Contando com o apoio da Prefeitura Municipal e com o auxílio de estudantes do Curso de Engenharia Florestal da UFSM, foram realizados os levantamentos da vegetação existente na área, dos recursos hídricos, fontes de poluição, problemas fundiários e preparado o diagnóstico sócio-econômico dos moradores nas áreas adjacentes.

Diversos problemas foram constatados na área, como poluição por coliformes fecais provenientes das casas próximas; existência de lixo que está contribuindo para a degradação ambiental; inexistência e/ou existência de mata ciliar em dimensões inferiores às recomendadas pela legislação ambiental, existência de loteamento irregular, entre outros, que estão detalhados no laudo preparado especificamente para tal fim e que já está de posse da Procuradoria da República.

Estes grupos tem recebido, na medida do possível, ajuda em São Miguel das Missões. Este auxílio fica dificultado quando existe um número muito grande de guaranis, principalmente por não termos recebido nenhum auxílio concreto da FUNAI, ao que tudo indica, não por falta de vontade, mas sim por falta de condições técnicas, materiais e econômicas, para que possam exercer a contento sua função junto às comunidades indígenas.

Nossa maior preocupação é que por não existir um auxílio sistemático, mas sim pautado na boa vontade de algumas pessoas, as vezes por necessidade, as crianças guaranis coetam alimentos do lixo, correndo o risco de adquirirem doenças ou mesmo sofrerem algum acidente. Esta carência obriga-os, para sobreviver fisicamente e não culturalmente, a se sujeitar a uma situação de mendicância, que se torna inaceitável quando temos a certeza, comprovada em documentos históricos de que muito antes dos brancos, de qualquer procedência étnica, os índios guaranis eram os efetivos donos desta terra.

A apropriação e expropriação chega a tal extremo que até a frase proferida pelo guerreiro guarani Sepé Tiarajú "Esta Terra tem dono", foi usurpada e assimilada pelo branco missioneiro como sua.

Gostaria de registrar que o apoio dado pela Prefeitura, IPHAN e pessoas da comunidade, ganhou a adesão de um vereador que no dia 09 de setembro p.p. apresentou um projeto sugestão para que fosse adquirido pelo Poder Executivo Municipal, uma área de terra para fixação dos guaranis no Município (cópia em anexo).

Apesar do auxílio dado, da vontade demonstrada pelos guaranis para produzir, seja através da agricultura ou do artesanato, os mesmos sobrevivem precariamente, sendo necessário uma ação efetiva que se devolva um mínimo de dignidade e respeito a esta parcialidade indígena, parte integrante da identidade nacional brasileira.

Esperando ter atendido o solicitado, me coloco a disposição para qualquer esclarecimento que se fizer necessário.

Atenciosamente





**MISSÕES/** Grupo de índios guaranis estão retornando aos sítios de seus antepassados

28/11/97

FOTOS PAULO MENEZES/GZMRS



Orlundos da Argentina, eles reivindicam as terras onde nasceu a mais nova integrante da tribo, Miguellina (no colo da mãe, à direita)

# Como 33 condenados

**Higino Barros**  
Especial para GZMRS

No próximo domingo, quando o tenor espanhol José Carreras estiver se apresentando em São Miguel, dez índios guaranis, descendentes dos habitantes originais dos Sete Povos das Missões, estarão assistindo o espetáculo musical. Ficarão ao lado de autoridades, como convidados especiais. Numa espécie de homenagem e resgate de uma raça, exterminada por quem conquistou suas terras. Foram 30 mil na região, no auge das reduções jesuítas. Hoje formam um grupo de 33 pessoas, vivendo em condições precárias e miseráveis. Ameaçados de desaparecimento, como 33 condenados.

Nascidos na Argentina, o grupo guarani se fixou, a partir de 1994, em São Miguel. Dispersos por municípios vizinhos nessa época, foram reunidos por prefeitos da região e despejados, clandestinamente, em São Miguel. Receberam alimentação, moradia e assistência social. Mas cumprindo suas tradições e costumes, um dia desapareceram, em direção à reserva indígena de Maquiné e território argentino. Voltaram aos poucos, em busca de suas raízes e do chão de seus antepassados, lugares mágicos e religiosos para suas crenças. Vivem junto ao Parque da Fonte, uma área de 2,8 hectares, descoberta pela prefeitura do município em 1983 e restaurada pelo Patrimônio Histórico. Alojados em seis barracas de plástico, como as dos acampamentos de colonos sem-terra, têm como atividade econômica a produção de artesanato, vendidos como

souvenir a visitantes das Missões.

Recebem cesta-básica da Funai, assistência social das autoridades municipais e estaduais, além de ajuda de particulares. Depois de participarem da gravação de um vídeo-clip para o grupo musical Família Lima, todos os meses recebem dos músicos a quantia de R\$ 120. Mas a principal reivindicação é a posse de terras, um tema explosivo, delicado e sem solução, em quase todo o país. O índio Floriano, líder do grupo, explica em "portunhol" precário: "sem terra, guarani não existe". Seu cunhado, Nicanor (Caraf, em guarani, como faz questão de explicar), vestido como uma camisa do time de futebol argentino Boca Juniors, reforça. "Se índio é bem tratado ele fica, não vai embora logo". Bem tratado, no caso, signi-

fica uma área demarcada, com proximidade de mata, onde possa haver práticas mínimas da cultura indígena, como caça, pesca e extração de madeira, plantas e sítios reservados para obrigações religiosas. A grande meta é ampliar para 7,5 hectares a área que ocupam. Para isso dependem muito do esforço e vontade política das autoridades municipais e

estaduais, porque com a Funai, em Brasília, os procedimentos burocráticos são muito morosos. A tradição nômade do povo guarani é confirmada entre sorrisos tímidos e com um traço de orgulho. "Quando a gente resolve, vem embora. Não precisa ter motivo, nem falar para os outros. A gente vai embora", explica Nicanor.

No local onde os índios se abri-

ram o ponto central, o umpê, a casa religiosa dos índios, construída por eles logo que ocuparam a área.

As crianças são a parte mais visível e dramática das condições em que vivem. Com aparência de subnutridas, algumas com doenças de pele, sem assistência médica constante, dão o toque alegre ao ambiente. Brincam com os animais domésticos, galinhas, pintos e cachorros. Gritam, correm, puxam os pais, exigindo atenção e vigilância. Representam a continuidade e o futuro da raça. A mais nova delas, nasceu no último dia 29 de outubro. Seu nome em português? Miguellina. Homenagem dos índios à terra onde se encontram agora, e que foi dos seus antepassados. Um nome simbólico. Como a representação do encontro entre duas raças e duas culturas que trocam experiências de vida há 310 anos. Tendo



**As crianças representam a continuidade e futuro guarani**

gam em São Miguel, os traços da civilização branca coexistem com os costumes tribais. Uma bicicleta, índios vestidos com a camiseta do Grêmio, rádios de pilha ligados em emissoras argentinas, bolas de futebol, garrafas de plástico e outros objetos se misturam com flechas decorativas, figuras artesanais de animais e de imagens missionárias, tendo co-

mo cenário, o mesmo sítio onde 33 guaranis, em 30 de novembro de 1997, verão cantar uma das expressões máximas da cultura ocidental, o tenor espanhol José Carreras. Talvez, agora, a história não se repita como farsa. E eles possam dizer, assim como bradou Sepé Tiaraju, nos campos de batalhas missioneiros: "essa terra tem dono!".



## POLÍTICA

MISSÕES

## Ruth lança projeto no Estado

*Primeira-dama conclama universitários a ajudarem a comunidade*

PATRICIA SPECHT  
Correspondente/Cruz Alta

**Santo Ângelo** — A primeira-dama Ruth Cardoso lançou ontem, na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), em Santo Ângelo, o Programa Piloto Universidade Solidária Regionalizado. O projeto pretende estimular os estudantes a ajudarem a melhorar as condições de vida das comunidades, além de envolver as universidades na transformação do país. Assim como o programa que há três anos leva universitários para comunidades carentes do Norte e do Nordeste, o projeto lançado no Estado pela primeira-dama se apoia na participação dos professores e dos estudantes. Centenas de universitários gaúchos já tiveram a oportunidade de conhecer o país vivenciando a realidade da miséria.

— A pobreza existe em muitos pontos, mas tem caras diferentes

em cada lugar — explicou Ruth. Em Santo Ângelo, 14 das 15 universidades gaúchas assinaram convênio com a primeira-dama e carimbaram sua participação no novo programa. Cada universidade escolheu um município ou comunidade para direcionar ações nas áreas de saúde, educação, saneamento e agricultura. A URI adotou São Nicolau, um dos cem municípios mais pobres do Estado, para desenvolver, em outubro ou novembro, atividades que ajudem a comunidade a encontrar soluções para problemas como o destino do lixo, a desnutrição, a falta de formação dos professores e a ausência de indústrias.

Marone Marchi, 29 anos, integra a equipe de 10 alunos da URI que irão trabalhar, durante 21 dias, em São Nicolau. Como morou no interior de Santo Ângelo até os 21 anos, a estudante do último ano de Pedagogia espera ajudar os moradores do município a realizar um dos sonhos: a

instalação de uma agroindústria de cana-de-açúcar.

Depois de lançar o programa, Ruth visitou o Museu de Santo Ângelo e seguiu para São Miguel das Missões, a 55 quilômetros.

No sítio arqueológico São Miguel Arcanjo, Ruth foi guiada pelo diretor do Museu as Missões, Luís Cláudio da Silva, e ouviu um pouco da história missioneira. Percorreu a igreja, conheceu o antigo cemitério da redução, assistiu a um vídeo sobre o povoado e ouviu, durante 10 minutos, a voz de Fernanda Montenegro e de Lima Duarte no espetáculo *Som e Luz*. No Museu das Missões, Ruth cumprimentou guaranis que moram nas proximidades e não escapou do pedido de um indiozinho:

— Tia, tem um troquinho?

Ruth desculpou-se e disse ao pequeno descendente de guaranis que não havia trazido dinheiro. A primeira-dama embarcou no comboio da noite rumo a São Paulo.

TACU YUAN, ESPECIALIZ

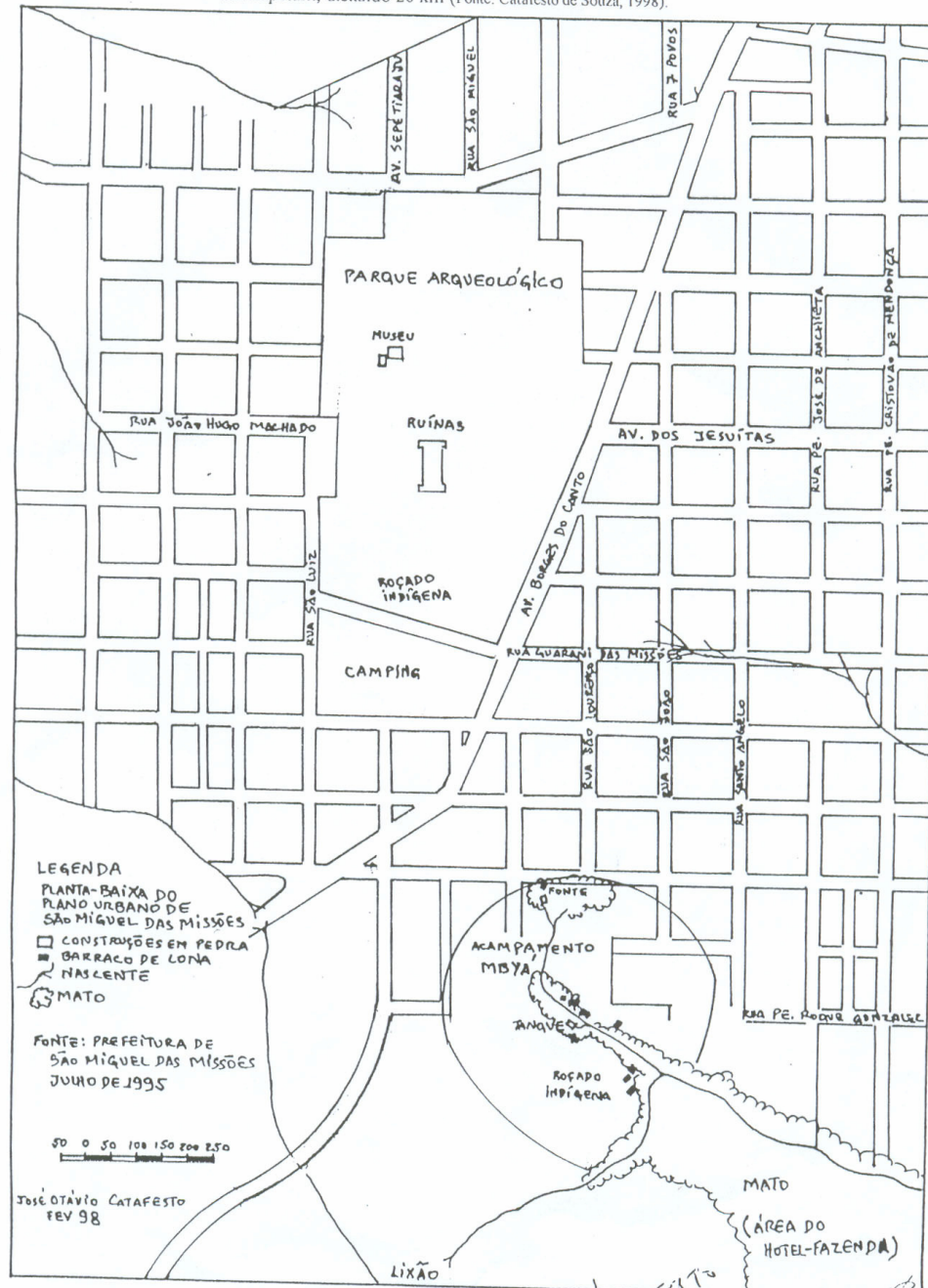


História: Ruth ouve explicações do diretor do museu, Luís da Silva

CASA Pobre dia por Embaixada a Dona Ruth Cardoso Capim da Sogra e Tereza

ANEXO 5

Gráfico 6: Plano Urbano de São Miguel das Missões, com localização do acampamento Mbyá no Parque da Fonte Jesuítica. Trata-se do assentamento Mbyá mais próximo à área desapropriada no rio Inhacapetum, distando 26 km (Fonte: Catafesto de Souza, 1998).





## ANEXO 6

194

~~Organização Não Governamental~~  
**TEKOHÁ**

Of. 003/99

São Miguel das Missões, 07 de junho de 1999.

Ilustríssimo Sr.  
Mário Ribas do Nascimento  
Prefeito Municipal de São Miguel das Missões  
FAX (051) 210 -2660

Venho através do presente informar sobre a situação atual das terras identificadas e definidas como ideais pela comunidade Mbyá-Guarani em São Miguel das Missões.

Como é de seu conhecimento os Mbyás estão vivendo em área da Prefeitura de São Miguel, destinada a criação do Parque da Fonte Missioneira. Esta área juntamente com outras duas identificadas pelos mesmos compõem o Projeto TEKOHÁ.

Este Projeto de pleno conhecimento por parte dos setores envolvidos com a questão mbyá-Guarani prevê a aquisição através de compra de duas outras áreas, a Mata São Lourenço e a área do Inhacapedum. A Área do Inhacapedum pertence ao Sr. Marinho e esposa somando aproximadamente 230 hectares, próximo ao rio de mesmo nome. Serviria para moradia, pesca, criação de animais silvestres, plantio

O proprietário deseja vendê-la para assentamento dos índios e aguarda por isto a anos tendo inclusive se recusado a vendê-la para outros interessados por acreditar ser uma área ideal aos Guaranis. Ao longo dos últimos anos Sr. Marinho cedeu lenha e tocos de árvores para a confecção do artesanato. Atualmente o proprietário está velho e com a saúde bastante debilitada o que fará com que o mesmo acabe vendendo a área para outros.

A segunda área denominada Mata de São Lourenço está localizada na fazenda Estância Velha, de propriedade do Sr. Pellágio. esta área possui cerca de 600 hectares de floresta contínua e vem sido mantida praticamente intacta ao longo dos últimos cinquenta anos. Estudada a partir de projetos de fitossociologia mostrou rica diversidade, se caracterizando como um dos mais importantes remanescentes deste tipo florestal no Rio Grande do Sul. Dentro do Projeto TEKOHÁ esta área seria para preservação, retirada de matéria prima para o artesanato (guaimbê e taquara mansa) e para estudos de uso sustentável deste ecossistema.

A exemplo da área anteriormente mencionada o proprietário deseja vendê-la e tem aguardado contato para o mesmo. No final do Governo Britto, foi contactado pela Sra Ivonete Campregner, então Primeira Dama do Rio Grande do Sul, pois havia a possibilidade de compra pelo Governo do Estado, o que não se concretizou.


Após isto fui contactado pela Empresa YacoPoyry, contratada pela CIEM empresa responsável pela linha de transmissão de energia elétrica Itá - Garabi para que indicasse uma área

que seria comprada como medida compensatória por danos ambientais. Após conversar com várias pessoas ligadas à questão indígena, indiquei a Mata São Lourenço que foi então incluída pela YacoPoyry em sua proposta encaminhada ao IBAMA. A idéia é a compra da área e repasse ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul para que seja administrado pelo Estado, talvez em parceria com Organizações não Governamentais. Esta proposta foi apresentada por mim ao Sr. Secretário de Meio Ambiente do Rio Grande do Sul, Claudio Langone, no início deste ano, quando entreguei o Projeto TEKÓ'Á. Este projeto também foi entregue a Dona Ruth Cardoso, Ao Ministro Rafael Greca de Macedo, a Procuradoria da República no Rio Grande do Sul, além de diversas outras autoridades.

Atualmente nada de concreto existe, apenas a possibilidade de aquisição destas áreas para implantação de um projeto de desenvolvimento em bases sustentáveis. É importante salientar que este projeto foi discutido com as lideranças do Grupo Mbyá-Guarani que vive em São Miguel das Missões.

Seria importante que nesta audiência pública seja reforçada o desejo de que os mesmos permaneçam na região e que as autoridades façam o esforço para que isto ocorra no menor espaço de tempo possível, já que existe pré-disposição dos mesmos partirem rumo a Barra do Ouro.

Atenciosamente

  
Luis Claudio da Silva  
Coordenador para a Questão Indígena  
ONG TEKÓ'Á



POLÍTICA

GOVERNO DO ESTADO

# Dia de trabalho e festa para Olívio

*Pais do governador fizeram 60 anos de casados*

CARLOS ETCHICHURY  
*Casa Zero Hora/Missões*

**A** assessoria do Palácio Piratini havia anunciado um final de semana de descanso para o governador Olívio Dutra. Ele iria ver os pais, Amélia e Cassiano Dutra, que comemoram 60 anos de casados, em São Luiz Gonzaga. Não participaria de reuniões, permaneceria fechado em casa, apenas matando a saudade da família, informaram os assessores. O descompromissado passeio transformou-se sábado, no entanto, em uma intensa programação política. Olívio, na companhia dos pais e da primeira-dama Judite Dutra, visitou os índios mybí-guarani e as Ruínas de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões, além de um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Bossoroca.

As 15h, seis carros ingressaram numa comunidade indígena, em São Miguel das Missões, onde vivem 43 guaranis. A visita oficial foi agendada por Judite, em parceria com o músico e compositor Pedro Ortaça. Eles entregaram aos índios comida, brinquedos e agasalhos adquiridos com o dinheiro do show de lançamento do CD *Galo Missioneiro*, realizado em Porto Alegre. Um dos líderes dos índios, Flávio Romeu, 35 anos, e representantes de uma organização não-governamental (ONG) aproveitaram para entregar um projeto de reassentamento ao governador.

Um dos coordenadores da ONG Tekoá, Luís Cláudio da Silva, informou Olívio sobre a existência de uma área de 824 hectares, em São Miguel das

Missões, que poderia ser usada pelos índios. As terras seriam divididas em três áreas: uma de 24 hectares, onde eles venderiam artesanato, outra de 600 hectares, na divisa com São Luiz Gonzaga, destinada à coleta de materiais, e uma terceira, com 230 hectares, às margens do Rio Inhacapedum, ambiente propício para moradia e pesca.

— Nós precisamos de educação, alimentos e assistência médica. Mas o principal problema, hoje, é uma área adequada para viver — disse Romeu.

Olívio guardou o projeto apresentado pela Tekoá, ouviu com atenção as reivindicações dos índios, mas não se comprometeu.

— Nós dedicamos R\$ 2 milhões para auxiliar no reassentamentos dos índios. Não é muito dinheiro, mas estamos fazendo a nossa parte — informou Olívio, frisando que estava ali acompanhando a primeira-dama.

Após a rápida visita, a família Dutra e a comitiva deslocaram-se até as Ruínas de São Miguel Arcanjo, onde Olívio encontrou o presidente da Liga das Escolas de Samba do Rio Grande do Sul, Evaristo Mutti. O carnavalesco explicou que, no próximo Carnaval, todas as escolas de samba terão como tema-enredo os Sete Povos das Missões.

Pouco antes das 17h, a comitiva rumou para Bossoroca, onde Judite entregou agasalhos e alimentos, provenientes do programa Cidadania em Alerta, para 24 famílias de assentados na Fazenda São João. As 20h, o grupo voltou para São Luiz Gonzaga, onde um jantar marcou os 60 anos de casamento de Cassiano e Amélia Dutra.



Família nas Missões: Olívio, a primeira-dama Judite Dutra e os pais do governador, Amélia e Cassiano



Compromisso: o governador visitou os índios mybí-guarani, em uma comunidade em São Miguel